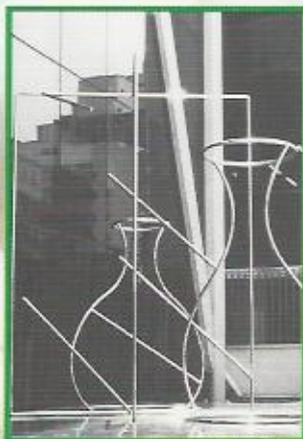
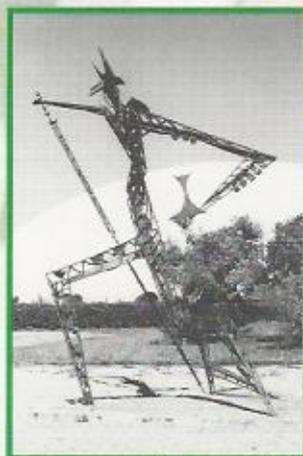




Thot

UMA PUBLICAÇÃO
TRANSDISCIPLINAR
DA ASSOCIAÇÃO
PALAS ATHENA
Nº 68 - 1998
ISSN 1413-893X

R\$ 6,00



**OS PERIGOS
DO FEMININO
TRAÍDO**

**O SÍTIO DA
MENTE**

**A CENSURA AOS
POETAS NA
REPÚBLICA DE
PLATÃO**

**TERAPIAS
ECOLÓGICAS**

ISSN 1413-893X



9 771413 893108 0 0068

Publicações da Editora Palas Athena



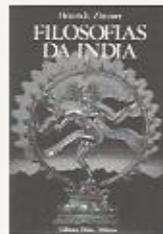
A CONQUISTA PSICOLÓGICA DO MAL

Heinrich Zimmer

Fábulas e lendas por meio das quais Zimmer analisa um vasto conjunto de símbolos. O modo como o ser humano sente e interpreta o mal é revisto por meio das lendas de várias culturas.

FILOSOFIAS DA ÍNDIA

Heinrich Zimmer



Definido por Alan Watts, no New York Times Review of Books, como o mais completo e inteligente tratado já escrito sobre essa rica tradição filosófica.



MITOS E SÍMBOLOS NA ARTE E CIVILIZAÇÃO DA ÍNDIA

Heinrich Zimmer

Reelaboração de uma série de conferências dadas pelo autor e compiladas por Joseph Campbell. São diversos temas e questões do universo mítico indiano aqui desvendados por Zimmer, magnífico intérprete da tradição oriental.



AS MÁSCARAS DE DEUS

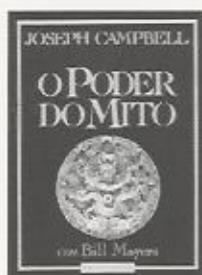
Joseph Campbell

Nesta obra em quatro volumes, Campbell mostra sua visão das mitologias do mundo. O primeiro tomo, *Mitologia Primitiva*, refere-se aos povos caçadores e coletores. O segundo, *Mitologia Oriental*, aborda as mitologias que se desenvolveram sobretudo no Egito, Índia, China, Tibete e Japão. O terceiro e o quarto volumes estão no prelo.

O PODER DO MITO

Joseph Campbell

Este livro é o resultado de uma série de entrevistas que Joseph Campbell concedeu em 1987 a Bill Moyers, jornalista americano. Nele desfilam, todos os grandes temas mitológicos: o nascimento, as iniciações, o casamento, o envelhecimento, a morte, a fé.



YOGA, IMORTALIDADE E LIBERDADE

Mircea Eliade

Nesta obra, que já se tornou um clássico, Eliade resgata as origens teóricas e práticas dessa vasta disciplina, abrangendo conceitos de fisiologia, psicologia, metafísica e terapêutica.

CARTA A UM AMIGO

Nagarjuna

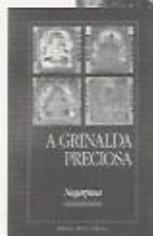
Neste livro encontramos a essência da prática budista. Nagarjuna, fundador da Escola do Caminho do Meio, é considerado um dos maiores filósofos e metafísicos de todos os tempos.



A GRINALDA PRECIOSA

Nagarjuna

Retira as fantasias com que costumamos encobrir a realidade, orientando-nos na busca de sentido e significado para a vida.



O CORAÇÃO DA FILOSOFIA

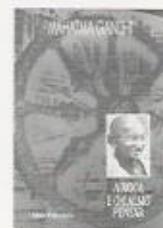
Jacob Needleman

Neste livro é devolvido à filosofia o seu papel original: auxiliar-nos a recordar quem somos e qual o nosso lugar no Universo, revelando um estado de ser no qual a energia da verdade permeia tanto os momentos da mais elaborada reflexão, quanto os corriqueiros afazeres do dia-a-dia.

A ROCA E O CALMO PENSAR

Mahatma Gandhi

Este livro reúne textos de Gandhi que focalizam o tema da prece e da meditação, ambas instrumentos e alimento espiritual de toda uma vida dedicada à não-violência.



THOT é uma publicação da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.



Índice

Galeria	2
Entrevista com Henrique Del Nero	3
O apelo da garça <i>Keith Cunningham</i>	10
Consciência linear e relações humanas <i>Suzete Carvalho</i>	22
O duplo vínculo: um laço íntimo entre comportamento e comunicação <i>Patrice Guillaume</i>	27
Os perigos do feminino traído. Uma aproximação psicológica ao mito de Medéia e Jasão <i>Cristina Rodrigues Franciscato</i>	36
Terapias ecológicas <i>Laura Roizman</i>	45
A censura aos poetas na República de Platão; algumas reflexões sobre a técnica <i>Rachel Gazolla</i>	54
Painel	61
Literatura	
Sinais de Poesia <i>Fábio Lucas</i>	62
Flashes: Aturdimiento – A ficção de Evandro Affonso Ferreira <i>Guilherme Resstom</i>	65
Epifanias <i>George Barcat</i>	68

Estamos numa época em que se fala muito em desenvolvimento sustentado, direitos humanos e respeito à diversidade, entre outras coisas. Na verdade, fala-se muito mais do que se faz, como de costume, e como mostram os artigos de Laura Roizman e Suzete Carvalho, que fazem parte desta edição. É o que ocorre entre nós, com o atual debate em torno da lei dos transplantes que, por uma de suas características, traz de volta um outro tema, este recorrente e profundamente enraizado em nossa sociedade: a questão do autoritarismo.

A observação do mundo natural mostra que diversidade (a biodiversidade) é a regra. Nas sociedades democráticas, ao menos idealmente, a diversidade de opinião também deveria ser. Para nós, entretanto, é o contrário: todas as facilidades são postas a serviço da uniformização, enquanto se dificulta ao máximo o direito à variabilidade de posições.

Falo da lei da doação *post-mortem* de órgãos para transplante, que nos obriga a esse ato civil, a menos que declaremos o contrário. Ao que se informa, isso seria feito tirando-se uma segunda via da carteira de identidade, onde constaria um carimbo de não-doador. À primeira vista tudo parece muito fácil e democrático, exceto para quem já tentou tirar uma segunda via desse documento – empresa que beira o surreal, em termos de vida, e atinge a iniquidade em termos de respeito à cidadania.

Para uniformizar as pessoas (todos são doadores, até manifestação em contrário), foi tudo muito fácil. Para que se exerça o direito à diversidade de opinião, porém, inter põem-se obstáculos burocráticos. Eis o velho autoritarismo, mais uma vez em ação. De onde ele vem, todos sabemos: da Contra-Reforma da Europa do século XVI, que entre outras coisas nos legou, via colonização, o autoritarismo absolutista, o desrespeito à manifestação individual, o cartorialismo, o anticientificismo, o medievalismo imposto de cima para baixo, os obstáculos colocados no caminho de quem tenta assumir os seus próprios destinos e assim por diante.

É muito? É cultural, dirão alguns. É assim mesmo, dirão outros. É demais, dirão ainda outros. E no entanto, ao que parece, há quem ache que ainda não é suficiente.

Humberto Mariotti

Thot nº 68 - fevereiro de 1998 - ISSN 1413-893x

Editores: Associação Palas Athena do Brasil, Basilio Pawlowicz, George Barcat, Humberto Mariotti, Lia Diskin, Primo Augusto Gerbelli, Roberto Ziemer, Ubiratan D'Ambrosio • **Equipe Thot:** Collaço Vêras, Daniela Moreau, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Benfatti Marques, Lucia Brandão S. Moufarrige, Maria Léa Schwarcz, Maria Teresa Bryg, Marli Montesano, Nurimar Falci, Primo Alex Gerbelli, Therezinha Siqueira Campos, Wilson Campanella, Yara Bonomo • **Capa:** Takeshi Assaoka **Diagramação e Editoração Eletrônica:** Maria do Carmo de Oliveira **Fotolitos:** Binhos • **Produção:** Emilio Moufarrige, Sérgio Marques **Impressão e Distribuição:** Gráfica e Editora Palas Athena • **Assinaturas:** Irma Mariotti • **Jornalista responsável:** José Caruso Filho.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando o origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números: pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil, no endereço abaixo. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046, Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

Associação Palas Athena do Brasil
Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso
04003-010 - São Paulo - SP
Fones: (011) 288.7356 - 283.0867 e 287.2668
Fax: (011) 287.8941

GALERIA

ULISSES MATANDOS: Natureza e equilíbrio



Nesta edição, THOT apresenta o fotógrafo Ulisses Neves Matandos, cujo trabalho, apesar da juventude do autor, já revela todo um universo de técnica e cuidado com os detalhes.

Ulisses nasceu em São Paulo, em 1970. Já desenvolveu projetos em que retratou a flora e a fauna de diversas localidades.

Em 1996, fez uma exposição individual ("Fragmentos") na Casa de Cultura Santo Amaro. Neste número da THOT, ele mostra uma nova fase de sua atividade, na qual aparecem, em ângulos criativos, esculturas localizadas em exteriores e interiores da cidade de São Paulo. Em suas fotos transparece a preocupação com a natureza e o equilíbrio ambiental.

ENTREVISTA COM HENRIQUE DEL NERO

O sítio da mente



Neste número, THOT entrevista o professor Henrique Del Nero, médico psiquiatra, bacharel e mestre em filosofia pela USP, e coordenador do grupo de ciência cognitiva do Instituto de Estudos Avançados, também da USP. O assunto – a ciência cognitiva – está em grande evidência no mundo inteiro. Talvez essa abordagem pareça nova a alguns, mas nem por isso é menos importante, do ponto de vista científico. De todo modo, ao fim do diálogo tornou-se claro que mais uma vez seguimos a vocação transdisciplinar da revista: abertura mental, respeito à diversidade de idéias e estímulo à divulgação de todos os esforços sérios e fundamentados de estudo e pesquisa.



José Pedrosa (Pampulha)

THOT – *Gostaríamos que você começasse falando do seu livro O sítio da mente. Como se deu a história dele, desde a concepção até a chegada às prateleiras das livrarias?*

DEL NERO – Esse livro tem uma trajetória que, como a de qualquer obra científica ou literária, não é totalmente intencional. No começo de 1996, por causa de uma série de demandas de pessoas para as quais eu fazia palestras, percebi que não havia nenhum texto em português que desse conta da maneira como tenho procurado transmitir o estudo interdisciplinar do cérebro e da mente, nos seis ou sete anos de existência do Grupo de Estudos de Ciência Cognitiva, que oriento na USP.

Na época, como sempre, eu estava asserbado por uma série de outros compromissos, mas decidi começar. Talvez tenha sido uma espécie de parto. Já explico. Num determinado momento, tive contato com uma artista plástica. Comprei um quadro dela, coloquei-o na parede da minha casa e, por algum desses artificios da porção não-consciente do cérebro, pensei que se adquirisse material e me pusesse a pintar, poderia produzir alguma coisa colorida que pelo menos ornamentasse uma parede, até porque não tenho dinheiro para enfeitar todas as minhas paredes com

quadros de bons artistas. E começamos a pintar, eu e a minha família.

Passei três semanas pintando, tentando me expressar numa linguagem completamente estranha para mim, porque não sou pintor e não conheço técnica alguma. O processo foi quase que uma imersão num outro idioma, sem muita censura, sem a necessidade acadêmica de produzir qualidade. Na verdade, eu era uma criança brincando. No fim desse ciclo, percebi que havia um imperativo de me sentar ao computador e escrever o livro. Comecei em abril de 1997 e em novembro estava com o trabalho pronto. Se você me perguntar quanto tempo ele demorou para ser gestado, eu diria que isso ocorreu nos últimos vinte anos. Meu objetivo foi escrever uma obra em português, que fosse abrangente e contivesse o mais possível de informações técnicas relevantes, mas que ao mesmo tempo pudesse ser lida por qualquer pessoa com um domínio razoável da língua.

THOT – *Por favor, explique para os nossos leitores o que é ciência cognitiva e qual o seu estado atual de desenvolvimento, no Brasil.*

DEL NERO – A ciência cognitiva é um projeto que tem outros nomes. Em alguns centros acadêmicos do mundo fala-se dela no plural. Na França, por exemplo, usa-se a expressão “ciências cognitivas”. Na Alemanha, ela é chamada de sinérgica. Em outros lugares, é denominada neurociência. Ainda em outros, é definida como o estudo da complexidade cerebral. Enfim, de um modo geral, a denominação “ciência cognitiva” é uma das várias possíveis e talvez seja a mais tradicional. Caracteriza o empreendimento interdisciplinar de estudo da relação entre cérebro e mente.

Toda vez que temos um projeto em que mais de uma disciplina estuda o fenômeno mental, sua gênese cerebral e, ainda, a inter-relação entre mente e cérebro, estamos autorizados a falar em ciência cognitiva, *latu sensu*. No senso estrito, ela se caracteriza por uma abordagem de vocação materialista, isto é, um empenho em caracterizar a mente como um processo que se origina na maquinaria do cérebro e que tem expressão computacional. O termo "computacional" aqui é usado no sentido de algorítmico, quer dizer, relativo a regras claras, lógicas, que engendram pensamentos traduzíveis por alguma forma de expressão matemática, sejam elas a regra discreta da lógica, ou, por exemplo, uma equação diferencial de tempo contínuo.

Em termos de Brasil, o estado atual da ciência cognitiva ainda é embrionário, a despeito de algumas iniciativas, como a do Instituto de Estudos Avançados, da USP, e de outras, como a da UNEP, ou em Campos, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em Porto Alegre, onde ajudei a fundar um grupo de estudos. Acredito que ainda exista uma dispersão, que provavelmente se deve mais a uma falha semântica do que intelectual: muita gente pode estar fazendo ciência cognitiva sem se dar conta disso.

O Brasil ainda é deficitário em termos de uma cultura capaz de introduzir a abordagem transdisciplinar na Universidade. Afinal, foi para isso que a instituição universitária foi projetada. A Universidade não é uma justaposição de prédios dedicados ao estudo de matérias separadas: é uma reunião de disciplinas que dialogam entre si. É impossível estudar a mente humana sem que haja pelo menos algum tipo de diálogo das ciências biológicas (afinal, o cérebro é matéria viva) com as exatas. Precisamos instrumentalizar o físico-matemático,

para que ele possa analisar a gênese e a dinâmica dos sinais cerebrais. E isso deve ser feito sempre em colaboração com as ciências humanas. Não esqueçamos de que cada um de nós é uma biografia única.

THOT – *Em termos de aplicação à psiquiatria e à psicoterapia, como se situa hoje, no Brasil, a ciência cognitiva?*

DEL NERO – Acredito que nesse particular a ciência cognitiva nos fornece algumas metáforas, muito ricas e alvissareiras, no que se refere a pesquisas futuras. Lembremos duas delas. Em primeiro lugar, a orientação cognitiva recupera a possibilidade de que o estatuto das psicoterapias (*latu sensu*, bem entendido) possa se tornar um corpo teórico cientificamente legitimado. Para isso, é preciso que as abordagens psicoterapêuticas encontrem a devida "arrumação" conceitual. Esta requer uma aproximação unificada do fenômeno cérebro-mente e de como essas duas ordens operam. Assim, as psicoterapias precisam de uma visão funcionalista, na qual a mente é entendida como um programa, que "roda" numa arquitetura computacional chamada cérebro, e que por isso tem suas leis próprias, porque as leis de um programa de computador não podem ser explicadas pelas da máquina. Nesse caso, teríamos "arrumado", em termos conceituais, um panorama no qual a mente passaria a ter a sua independência funcional, em que pese o fato de "rodar" num substrato físico, que é o cérebro.

Uma outra alegoria muito poderosa vem do fato de que o estudo do cérebro, por meio do ferramental físico-matemático, mostra que a dinâmica dos sinais cerebrais é não-linear, isto é, sujeita ao que chamamos de bifurcações e caos determinístico. Tomando todos os cuidados para que as pessoas apressadas não a usem de modo

afoito, podemos dizer que a metáfora do caos significa que o comportamento de um dado sistema biológico pode parecer aleatório, mas por trás dessa aleatoriedade existe uma determinação. Isso é fundamental, porque mostra que é possível encontrar, na estrutura aparentemente ruidosa do sistema nervoso central, dados que nos permitem identificar as leis que regem o seu funcionamento.

Por outro lado, é importante para a psiquiatria que levemos em conta essas leis que transcendem a aleatoriedade, porque elas podem nos ensinar a respeito de que drogas utilizar, que dosagens aplicar, e qual a melhor forma de corrigir uma trajetória anômala, fazendo-a voltar ao estado normal de comportamento.

THOT – *Seria possível dizer, então, que o determinismo biológico é natural e não ditado pelas teorias, as chamadas metanarrativas, como a psicanálise, por exemplo?*

DEL NERO – Eis uma pergunta difícil de responder. Eu preferiria dizer que não podemos estar além ou aquém dos determinismos biológicos. No entanto, dentro desse intervalo ditado pela arquitetura biológica, a determinação pertence essencialmente aos fatores culturais, lingüísticos e históricos. Quer dizer, estamos diante de algo que poderíamos chamar de uma ciência de contornos. Estes estão delimitados e muito bem caracterizados pela biologia. Entretanto, dentro dessas fronteiras existem grandes possibilidades para o desenvolvimento do indivíduo a partir de determinações culturais, sociais, políticas e econômicas.

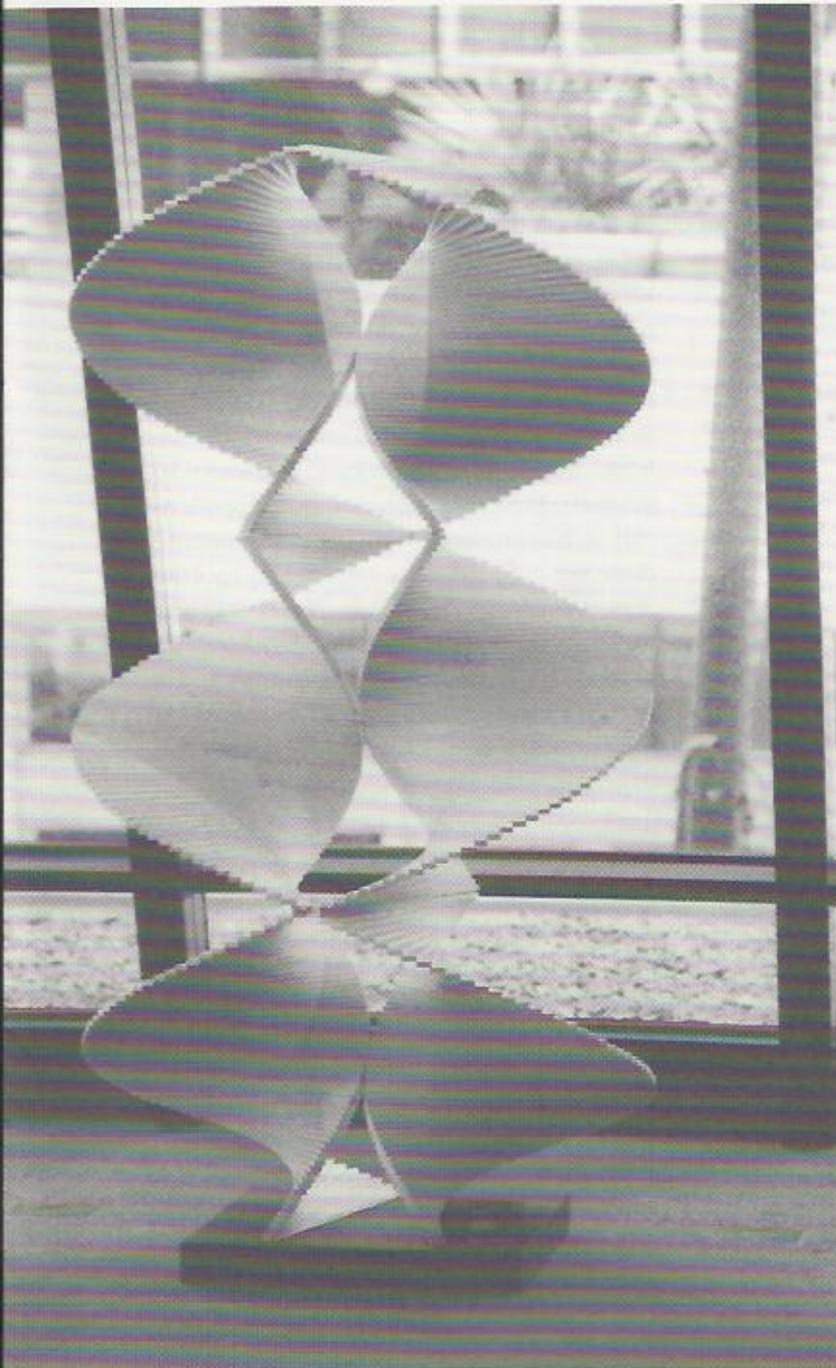
THOT – *Como funciona o Grupo de Estudos de Ciência Cognitiva da USP?*

DEL NERO – Agora, que completamos um ciclo de quase sete anos, o grupo já está em fase de pré-encerramento de seus trabalhos. Estamos nos preparando para outros vôos. Na verdade, o Instituto de Estudos Avançados tem, em relação às áreas novas de estudo, a política de manter grupos por dois ou três anos. Por isso, o Conselho Diretor entende que deveremos agora nos constituir num núcleo de pesquisa, apêndice a algum dos Departamentos ou à Reitoria. Acredito que em 1998 estejamos oferecendo cursos de mestrado e depois de doutorado, a algumas das unidades da universidade.

No momento estamos com a sensação de haver cumprido o papel de ter disseminado, dentro do possível, a disciplina. Estamos querendo fechar esse ciclo de atuação e transformar o grupo, a exemplo do que foi feito na França, num nó virtual. Este deverá pôr em contato todos os pesquisadores brasileiros interessados em ciência cerebral e na emergência do fenômeno mental. Dessa maneira, não precisaríamos ter cargos efetivos nem uma estrutura cara, nem burocracia, prédios, nada disso. Teríamos um núcleo de interconexão de todos os departamentos brasileiros: biologia, física, matemática, neurociência, psicologia, inteligência artificial, enfim, todos os que estivessem interessados em projetos interdisciplinares sobre cérebro e mente.

THOT – *Como você vê a interligação entre a ciência cognitiva e a obra de autores como Edgar Morin, Humberto Maturana e Francisco Varela, estudiosos da complexidade?*

DEL NERO – Existe um livro da MIT Press, escrito por quatro autores, sendo um deles o Varela, que mostra um quadro no qual aparecem círculos concêntricos, nos quais são caracterizados os domínios da ciência cognitiva. Assim, os estudos dos



Ascânio MMIM (Escultura Três)

primeiros dias, de forte apelo computacional e logicista (a chamada inteligência artificial simbólica, em que a mente era pensamento, *software*, e o cérebro *hardware*), são identificados com Fodor e companhia. Num outro círculo, estão as redes neurais, e lá aparecem Smolensky, Anderson etc., que representam uma quebra na estrutura rígida da versão computacional e a tomada de um rumo mais dinamicista.

DEL NERO – Existe uma certa licenciosidade conceitual em relação aos termos “digital” e “analógico”, “linear” e “não-linear” e similares. Sabe-se que a lógica pode admitir mais de dois valores de verdade. No entanto, a lógica clássica é tradicionalmente bi-valorada, quer dizer, para ela só existe o verdadeiro *ou* o falso. Isso inspirou o computador digital. Mas note bem: esse computador não é necessaria-

Num terceiro momento, começamos a entender as redes neurais como mais próximas do cérebro humano, e ligadas a fenômenos de auto-organização. Aqui aparecem Freeman e outros. Num círculo subsequente, começamos a nos perguntar a respeito da complexidade que subjaz ao surgimento da operação cognitiva. É nesse ponto que encontramos leituras do fenômeno vivente, bem ao estilo de Morin, Maturana, Varela, Atlan e companhia.

Digamos a mesma coisa de outro modo: acredito que a ciência cognitiva, *latu sensu*, encerra, numa versão restrita e logicista, a mente computacional. Numa versão mais ampliada, inclui a mente complexa, mas ainda sob o viés computacional, como rede neural. Se dermos mais um passo à frente, veremos uma ampliação ainda maior, que nos mostra uma neurociência que se beneficia da interdisciplinaridade. Finalmente, num quarto e grande círculo, aparece a auto-organização subjacente à emergência de padrões. É aqui que situo a obra de autores como Morin, Maturana e Varela.

THOT – Sabemos que os neurônios têm a capacidade de lidar com duas linguagens, a digital e a analógica. Entretanto, é comum dizer-se que nossa educação privilegia a primeira. Isto é, somos educados para o pensamento linear, em detrimento da intuição, quando deveria haver um equilíbrio entre ambos. De que modo a ciência cognitiva vê esse quadro?

mente uma estrutura rígida: você sabe que podemos programá-lo para trabalhar com uma lógica *fuzzy*, ou lógica nebulosa.

Então, o problema não é exatamente privilegiar o digital. Se com esse nome entendermos a dicotomia sim/não, diremos que parece que a grande característica da mente humana é trabalhar com cenários, nos quais dificilmente poderíamos decompor a ação e a reflexão em um mero conjunto de "sins" e "nãos". Nesse sentido, parece que trabalhamos muito mais tempo com formas intermediárias entre o sim e o não. São o que chamo de domínios do talvez. Há, obviamente, inúmeras ordens de talvez. Imaginemos uma porta. Só existe uma forma de porta aberta e uma forma de porta fechada – mas existem infinitos graus de porta entreaberta. No cérebro, essa característica coordena desde processamentos muito primários, como o visual, até a gênese dos comportamentos mais complexos, nos quais dificilmente conseguimos traduções do tipo sim/não, que nos mostrem como retratar o caminho da razão ou o da ação.

A ciência cognitiva, hoje, seja considerando o *hardware*, seja o *software*, tende a admitir nuances extremas entre o sim e o não, por meio das chamadas lógicas *fuzzy*, ou nebulosas. Ou então, admitindo a existência de sistemas não-consistentes, que podem violar princípios lógicos clássicos como o da consistência, da não-contradição, do terceiro excluído. São sistemas extremamente ricos, que contêm as lógicas chamadas paraconsistentes. Assim, seria importante para a educação assimilar a perda da rigidez binária do sistema digital, sem prejuízo do respeito às estruturas da lógica clássica.

THOT – *Qual seria o papel do educador nesse cenário?*

DEL NERO – Vejo com muita cautela a figura do educador, na medida em que ele toma como mote de inspiração apenas a idéia do analógico. Se esta for levada com muita rapidez à sala de aula, poderemos estar dando um salto muito precoce. Há modos melhores de inspiração. Se olharmos com cuidado para a estrutura do sistema nervoso, chegaremos à conclusão de que o ensino tradicional, que é seqüencial e hierárquico, não necessariamente deve ser colocado em xeque. Um recente *report*, publicado na revista *The Economist*, mostra que há um número fabuloso de bons alunos nos países em que se usam grandes classes com um único professor, ao contrário dos EUA e Inglaterra, por exemplo.

Assim, acredito que para o educador a alegoria do analógico deve servir para, ao lado do ensino tradicional, colocar o estudante numa constante submersão criativa e de migração horizontal. Em outras palavras, ele deve ser estimulado a executar tarefas interdisciplinares, para que possa desenvolver as suas habilidades cognitivas. Se retomarmos, neste final de século, a inspiração da escola Summerhill, veremos que é importante proporcionar ao aluno tarefas manuais, colocá-lo em contato com a natureza. Quanto ao estudo da computação, não nos devemos limitar ao que está sendo dado hoje nas escolas. É preciso também mostrar algo sobre a revolução tecnológica que representa a informática e, ao mesmo tempo, abrir as portas para as artes, como a literatura, o cinema e outras – proporcionar cultura no sentido mais amplo do termo, enfim.

A interface da ciência cognitiva com a educação é um movimento poderoso nos EUA de hoje. Na Internet, há um *site* dedicado exclusivamente ao tema. Em resumo, o que se tenta mostrar é que a boa formação das pessoas deve estar calcada no elogio do estudo tradicional, somado a

uma forte ênfase na criatividade por meio da transdisciplinaridade, para que se recupere a idéia da festa como parte do processo educacional. Além disso, o movimento deve se dirigir mais para o desenvolvimento da ética. A meu ver, uma das grandes funções da mente humana, mais ainda que a criação, é o respeito às normas que coordenam o convívio das coletividades. Infelizmente, a nossa sociedade pós-moderna, individualista e capitalista, tem feito tudo para exaltar a mente como instrumento de competitividade e embuste. A educação precisa, portanto, desenvolver três vertentes básicas: utilizar *softwares* para melhorar o aprendizado, complementar o estudo tradicional por meio da transdisciplinaridade e dar extrema ênfase ao desenvolvimento da ética e da cidadania.

THOT – *Mas não é isso que está acontecendo na prática. A educação de hoje é, na maioria dos casos, um adestramento para a competitividade predatória, em que o computador é muitas vezes utilizado como um instrumento de propaganda e videogame. É o que você chama, em seu livro, de “assédio à mente”, não?*



Angelo Venosa (s/título)

DEL NERO – Sim. Para mim isso está muito claro. Tenho escrito que é preciso que não nos iludamos com veículos como a Internet, por exemplo, naquilo que ela tem de revista de sala de espera de consultório. É preciso que tenhamos uma forte noção de estrutura, um certo preparo, que nos permita saber o que procurar e como utilizar o que encontramos. Informação multiplicada não significa conhecimento multiplicado. ▲

KEITH CUNNINGHAM

O APELO DA GARÇA

Uma incursão pelo universo do símbolo e do mito, seguindo a trilha da poesia



KEITH CUNNINGHAM vive em Chicago. É roteirista de cinema, consultor e graduado em psicologia pela Northwestern University.

Francisco Brennaud
Jardim de Esculturas
do MAM, Pq. Ibirapuera (s/título)

Em nossa cultura, vem sendo necessário muito esforço e concentração, para que se adotem atitudes ecológicas e sustentáveis em relação a esta Terra em que vivemos. É um longo processo, esse de transformar antigas maneiras de pensar, cuja consolidação demorou séculos. O mundo animal tornou-se um foco de nossos esforços, e as espécies em perigo são as bandeiras do nosso movimento.

É possível entender os animais. De alguma forma, podemos nos relacionar com eles e empatizar com seu sofrimento. O aspecto indefeso de um filhote de foca desperta em nós um grito de angústia: é um bebê, um ser vivo, que de algum modo poderia ser um filho nosso. Mas existe uma outra ecologia – a do mundo interior. Dentro de nós também há animais. Não é o modo como nos relacionamos com essa ecologia, nas profundezas do inconsciente, que determina a força e o mérito real de nossas intenções externas? Se o animal não estiver vivo e reconhecível em nosso interior, como poderemos saber se a compaixão que sentimos pelos bichos à nossa volta não passa de um excesso de sentimentalismo? Será possível aceitar os animais como verdadeiros irmãos, ao invés de vê-los como ícones de uma natureza interna que nós próprios perdemos?

Em recentes reuniões da Sociedade Gregory Bateson, em Chicago, estivemos discutindo sobre como as crianças se relacionam de modo empático com os animais, e qual o significado das imitações que fazem deles. Discutimos também como a visão cultural dos bichos, e o modo como elas projetam nestes a sua própria natureza animal, modificam as experiências infantis.

Essa é uma linha de investigação muito interessante. Pretendo dividir com vocês algumas de minhas experiências com animais, do ponto de vista poético. A ênfase aqui recai sobre o que se poderia chamar assim. Um sinônimo seria ação criativa por meio da linguagem. De toda forma, trata-se de um trabalho que inclui a imaginação espontânea, tanto no aspecto cinestésico quanto no visual. Ou, por outra, um processo gestáltico primário, que inclui todos os modos sensoriais e cognitivos de uma só vez.

Como ocorre em qualquer ação criativa, só em parte esse processo é consciente e deliberado: existe nele uma outra face, que é experienciada como vinda

de fora ou de algum Outro. Para mim, o tema dos animais tem sido fortemente ligado ao ato espontâneo, e mesmo involuntário, de imaginar e conhecer de maneira cinestésica. Voltando um pouco atrás, tenho de reconhecer, mais uma vez, o que os povos caçadores tradicionais sempre reconheceram: a proximidade dos animais e a do Espírito. Essa conjunção é identificada no totem, que é simultaneamente expressa no bicho concreto – o indivíduo que é membro de uma espécie – e em algo que se aproxima da idéia platônica dos atributos e da natureza básica do animal.

Nos contos de fada, os temas do “bicho duplo” e do animal que ajuda apontam para uma realidade psicológica deste como um aspecto da alma, que guia e corrige a tribo ou a jornada do filho do moleiro. Trata-se do bicho como uma representação da parte da alma que está mais próxima do corpo, seus instintos, sua sabedoria mais profunda. Em retrospecto, não me tem surpreendido o fato de que onde está o espírito criativo está também o animal.

A REALIDADE POÉTICA – Em minhas observações e afirmações, faço referência a uma realidade poética, que inclui experiências de identificação com o produto mental da percepção e momentos de fusão do sujeito com o objeto. Para mim, pelo menos, o poema é muito mais achado do que composto. Isso quer dizer que sua razão de ser é registrar fielmente as experiências. Assim, não se trata de uma invenção deliberada. Desse modo, na qualidade de poeta, confesso que estou entre os que dependem de inspiração e entusiasmo espontâneos. Em consequência, estou também próximo de uma espécie de experiência xamânica.

É a própria natureza dessa realidade poética que me interessa aqui, bem como saber se ela fala à nossa crise exterior de crenças e relações. Para criar um modelo diverso de relacionamentos, precisamos de um novo *mito*, que esteja assentado nas profundezas do inconsciente. Trata-se de uma parte da grande e necessária mudança. Aceitar e valorizar as intuições que vêm por meio do corpo já é começar uma relação com o animal. Mas esse é um terreno escorregadio, que está metade no inconsciente. Para pisar nele, raramente ousamos confiar em nossos sentidos.

Como é natural, os estados de identidade e fusão não são visíveis ou verificáveis de forma objetiva ou científica. No entanto, aí é que está o problema que Gregory Bateson nos apresenta ao confrontar a ciência e o sagrado. A questão não é determinar se o conceito de interação cibernética pode ampliar a noção de “mente” para além dos sistemas vivos, de modo a abranger a “ecologia mais ampla” do Universo. Para mim, isso é mais um conceito do que uma realidade viva. Minha pergunta é: será que minha própria realidade poética existe, entre uma “realidade” consensual, observável, e uma “base de ser” inefável, que não pode ser examinada?

Uma realidade poética como essa, mesmo não sendo material, tem efeitos observáveis no mundo da matéria. Vou tomar um exemplo facilmente reproduzível, do curso que dou no Columbia College, *Mitos, sonhos e o cinema*. Procurando chegar à compreensão do que é uma idéia mítica, tal como poderia ser experienciada por um “fiel” ou “adepto”, uso um exercício muito simples, tirado do aikidô. Trabalhando em dupla, uma pessoa estende o braço à sua frente, tensionando todos os músculos. O parceiro apóia a mão estendida em seu ombro e, pressionando para baixo o cotovelo, dobra-lhe o braço. Não é uma tarefa difícil para pessoas do mesmo tamanho. Depois de trocar de papéis, o primeiro parceiro de novo estende o braço, agora em estado de relaxamento, e é instruído para “sentir” o centro de gravidade no baixo ventre como sendo o seu centro de *ki* [energial], e para construir uma imagem de seu braço repousando num feixe de luz não-dobrável, que vai do ombro até o infinito. O parceiro aplica a mesma pressão de antes, até maior. Mas o braço não pode ser dobrado, na medida em que sua imagem agora é de força. No entanto, a pessoa está bem relaxada.

Em minha opinião, isso demonstra algo da natureza da realidade poética: ela constitui uma espécie de evidência, uma prova. Os temas e imagens animais ligados a poemas têm também alterado meu estado psicofisiológico, ou *ki*. As artes marciais chinesas usam amplamente a imagética animal como modelo de posturas e atitudes adequadas. Acredita-se que elas transcendem a mera imitação e chegam à transformação real.

A realidade poética é uma espécie de *ki*. Questiono se ela existe fora da minha mente, ou se funciona

como um efeito auto-sugestivo, “placebo”, ou mesmo se ambas podem ser separadas. Será que podemos descrever esses fenômenos em relação a uma causa, ao invés de vê-los apenas de modo empírico, ou será que devemos deixar que esse outro lado permaneça no domínio do mistério?

O que se segue, analisada de forma breve, é uma série de poemas que indicam a evolução e as distintas fases do meu envolvimento com temas e imagens animais. Com frequência, tenho me sentido como um homem primitivo, recebendo lições dos bichos, ou como um artista marcial. Com minha mente sóbria e prosaica, chamo isso de projeção. Mas sou eu quem projeta algo no animal, ou é o seu arquétipo, vivo numa dada realidade arquetípica, que se projeta em mim? Ao incluir relatos de meus estados subjetivos, junto com esses poemas, espero iluminar o processo – tanto para mim quanto para você – e abrir uma porta para que o animal entre.

HAI-KUS, 1975-1977 – Durante os meus anos de secundarista, escrevi a princípio poesia *hai-ku*, que aprendi aos 13 anos. Isso coincidiu com o início de minha puberdade, e de uma nova percepção de meu corpo como um processo que se movia numa direção para mim imprevisível. No colégio, o *hai-ku* parecia transmitir o que havia de mais novo. Era uma forma de personalizar minhas explorações em religião comparada e antropologia. Mas não foi senão em 1975, quando comecei com a meditação Zen, que escrever poesia se tornou uma experiência interior, especificamente por meio da intervenção do animal.

Já me haviam sugerido que preparasse uma representação artística em torno do *hai-ku* e outros tipos de poesia inspirados no Zen e no taoísmo. Não me senti qualificado a fazer isso sem experienciar também a meditação sentada. Em conseqüência, comecei a frequentar o templo budista de Chicago. É difícil apontar um momento específico como ponto de partida. Os poemas de Bashô sempre me sensibilizaram. Esse poeta descreveu os animais como a consciência do mundo natural, e retratou a vida do indivíduo que, na natureza, luta contra forças primais. Em seus poemas, ele deixa sempre claro que o animal não é uma simples metáfora e jamais uma alegoria: continua

sendo uma criatura viva e específica, que pode ser observada num dado momento.

*Num ramo seco
pousou um corvo:
cai a noite de outono.*

Existe aqui uma comparação interna entre a figura pequena e negra do corvo, a frágil escuridão do ramo nu e o negrume amorfo da noite que desce. Entretanto, está também implícita a própria unicidade do poeta com a cena e sua ausência de criticismo da realidade natural. Pelo menos no caso da famosa poesia de Bashô, sobre a rã que pula num velho tanque, é claro que o objeto do poema, o batráquio, é idêntico à consciência do poeta: um momento fusionado de percepção/criação. Assim, o exemplo desse poeta tornou-se um modelo para mim.

Um de meus próprios poemas desse período, por meio do qual comecei a entender algo a respeito da experiência unificadora, foi o seguinte:

*Uma mosca nasceu
em minha casa. Ávida,
ela mostra suas novas asas.*

A conexão com o animal é obviamente pequena, tentativa, e se expressa como uma mosca. No entanto, durante vários dias não pude evitar de andar por meu apartamento, movido por uma energia semelhante à daquele inseto. Ele se tornou meu companheiro: em minhas fantasias, começamos a nos conhecer mutuamente. Dividi com ele a minha solidão, e comecei a experienciar a alteridade de outra criatura em seus próprios termos – ou pelo menos em termos mais neutros.

Mas foi somente nas representações de *Zen e a arte da poesia* que uma espécie de base nasceu da consciência do ego e permitiu a emergência do animal. Penso que foi o fato de estar num palco, num estado altamente concentrado, *encarnando* a poesia, tanto na pantomima quanto no som, que contribuiu para isso. Um dos poemas da representação, da autoria de Bashô, descreve uma tempestade à noite:

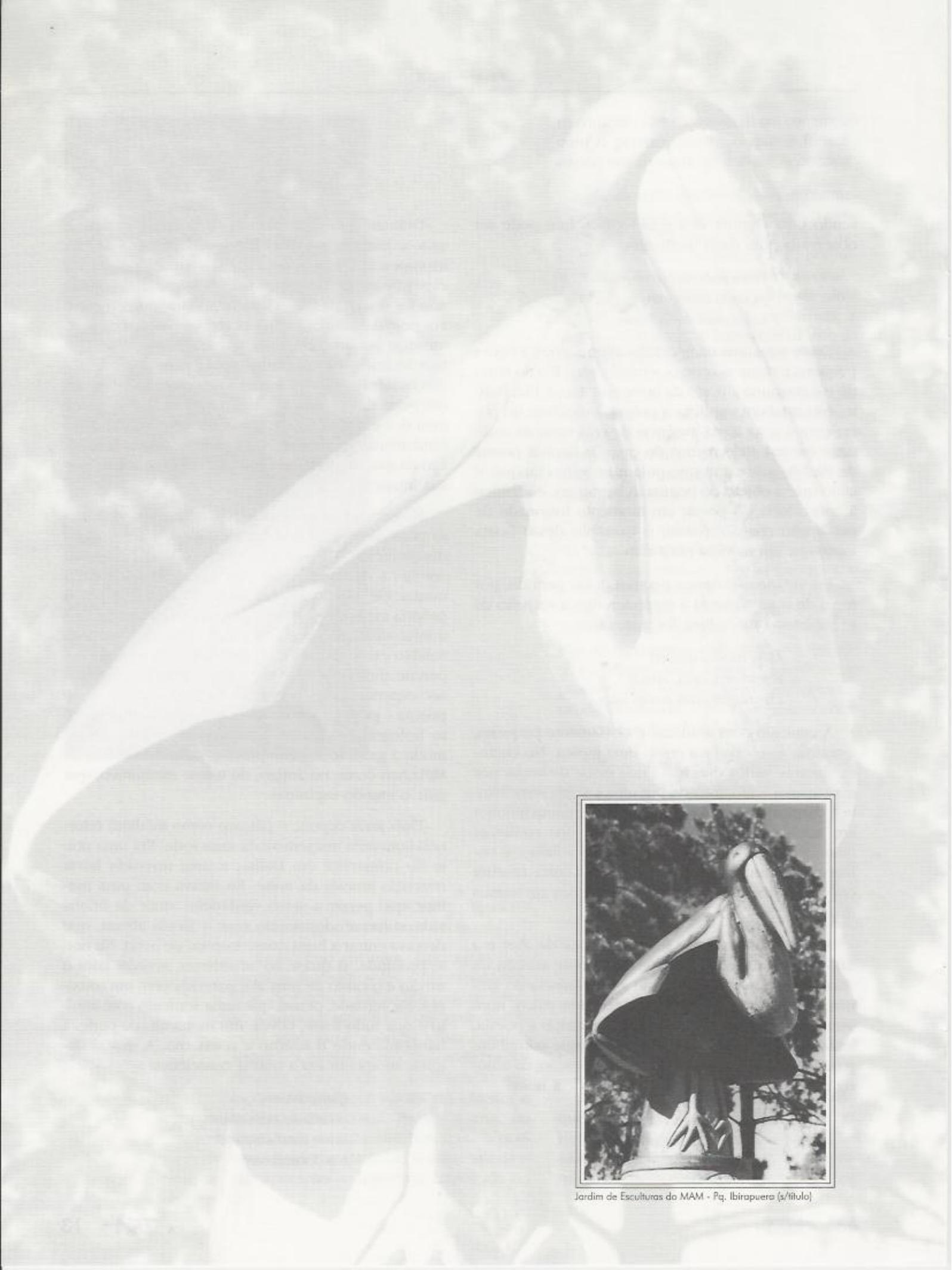
*Um relâmpago fulgura:
o grito da garça noturna
viája na escuridão.*

Durante o ensaio, quando eu já estava caracterizado e pronto para dizer o poema, um grito de fato irrompeu em mim – um som que jamais pensei ser capaz de emitir. Eu conhecia bem as garças, e aquele não foi o som de uma delas, nem tampouco o meu. Foi primal. Guardei-o para as representações e ele se mostrou poderoso. A cada vez, eu senti que *era* de fato aquele pássaro, transportado para além de todos os julgamentos racionais a seu respeito. Mais tarde, pude dizer que a ave me proporcionou acesso a uma dor e a uma solidão pessoais que estavam profundamente reprimidas, que eram análogas à situação da garça e podiam, agora, ser desbloqueadas por sua imagem.

No entanto, se tudo fosse limitado a uma anamnese pessoal, a garça poderia ter dado o seu recado e desaparecido. Mas isso não aconteceu: ela continuou comigo e dentro de mim. Sua realidade ainda era a minha. Ela não apenas trouxe uma mensagem: era a própria mensagem, e esta não dizia respeito apenas à minha vida, mas também à dela. Era algo ligado à solidão existencial de cada ser, nossa eterna noite e a perene afirmativa do nosso ser, que poderiam apenas ser experienciadas por meio da forma exata desse poema – pelo menos no sentido de que um fragmento holográfico contém o holograma inteiro. Desse modo a garça foi o meio preciso, tanto no sentido de McLuhan como no antigo, do transe mediúnic, que guia o mundo espiritual.

Dois anos depois, o pássaro como médium retornou com uma imagem ainda mais forte. Era uma noite de primavera, em Dallas, e uma trovoadas havia ressoado através da noite. Eu estava com uma mulher, que pensava ser o verdadeiro amor da minha vida, e havia adormecido com a janela aberta, que deixava entrar a brisa quase tropical de maio. Na noite profunda, já quase ao amanhecer, acordei com o trovão e o canto de uma ave parecida com um rouxinol. Na verdade, pensei que tinha sonhado com aquilo e que tudo fosse, talvez, um momento de perfeita harmonia entre o interno e o externo. A *gestalt* daquele momento *era* a minha consciência.

*Que pássaro,
acordado pela chuva,
pode estar cantando
tão docemente?*



Jardim de Esculturas do MAM - Pq. Ibirapuera (s/título)

Em minha experiência subjetiva, naquele instante, foi como se um universo inteiro tivesse se aberto para mim e logo se fechado de novo, no momento em que o pássaro cantou mais uma vez e o trovão ressoou com suavidade. A vela que havíamos acendido no peitoril da janela bruxuleava, e tudo era tão tranqüilizador como quando fui para a cama. Mas me senti abalado por um novo conhecimento – o de me identificar com *aquilo*.

O que se vê, então, é o próprio poeta sendo despertado pela chuva. E nesse momento, ainda meio adormecido, o canto do pássaro divino é a forma, o som e a cor do seu ser – é ele próprio. Ele e o canto do pássaro são um só, e ainda assim não perdem a individualidade. E o canto da ave é também a vela bruxuleando no peitoril e a mulher ainda adormecida ao seu lado. Ele é tudo isso.

E é também o canto do pássaro na chuva, que o desperta para as *lacrimae rerum*: as lágrimas que há nas coisas – a beleza efêmera e a tristeza, que fazem parte do fundo da nossa experiência humana. Ainda assim, o pássaro está cantando com doçura a canção da própria alma do poeta, e isso redime a tristeza e a eleva até o nível de um destino.

Olhei longamente para a minha amiga dormindo ali (talvez minha intuição estivesse aberta, naquele momento, para as dificuldades não reconhecidas da nossa relação), e me dei conta de que o amor era também efêmero. Faltavam, na realidade, vários meses para que eu viesse a admitir de modo consciente essa possibilidade, que me tinha sido apresentada como um fato virtual, durante um momento visionário.

POEMAS, 1976-1979 – O tema e a experiência do pássaro como um mensageiro chegaram a um ponto limiar, no qual ele foi assimilado e levado para um poema maior. E assim seu significado e importância se transformaram em domínios da consciência. No verão de 1978, comecei a trabalhar intensivamente com uma professora chamada Jean Houston. O trabalho consistia em imaginação dirigida, estados alterados de consciência e incluía também atividades corporais, ioga, dança, exercícios sinestésicos e assim por diante. Naquele verão, eu estava num estado de grande abertura e talvez bastante excitado.

Entre duas sessões de um *workshop*, que se passava no interior do estado de Nova York, voltei para Dallas. Foi durante esse tempo que escrevi um poema, *A caminho de casa*. A poesia irrompeu de súbito, uma noite, quando eu caminhava para casa de volta do campo de futebol. Naquele momento, senti que ele havia captado por inteiro a essência da minha vida e o fato de que eu era uma pessoa, do mesmo modo que o *Testamento*, de François Villon, captara a dele. Eu o experienciei como uma revelação que não poderia ter inventado, e tive fantasias de que poderia – e de fato deveria – morrer naquele instante, e de que algo sublime havia sido alcançado.

O poema pareceu ter chegado já totalmente formado à minha cabeça, impetuoso e rodopiante, enquanto eu me esforçava para “ancorar” seus fragmentos no papel, à medida que passavam por mim. A passagem que fala do “pássaro da vida” é a seguinte:

*Por que isto ascende agora dentro de mim,
esta paixão sem objeto,
que subiu e assim continua,
e me faz chorar em trágica alegria,
ao próprio sangrar da vida
e ao seu próprio sangrar?
Quem é essa amada que encontro em toda parte,
como o pássaro noturno à minha janela,
que me desperta para suas melodias raras,
de saudade, bênção e amargas perdas,
tudo de uma vez, observado junto,
que canta como se esta noite e a chuva
fossem dia, e faz o mundo desabrochar de tal modo
que cada rebento floresce com o meu desejo...*

Há todo um processo de encontro e assimilação com o animal, perceptível na seqüência de poemas que começa com o meu *hai-ku* da mosca e o da garça de Bashô, o poema *Garça azul*, de 1976, no qual a ave, o pescador e o menino/observador já estão fusionados entre si, o *hai-ku* sobre o pássaro da noite, de 1977, e, finalmente, a passagem acima. Primeiro, há a vaga sugestão de uma consciência existente fora da experiência humana – a consciência de um Outro específico. E esse Outro, sob a forma de um médium em transe, ou um “senhor animal”, abre a porta para o mundo mudo e noturno da natureza em si, invisível às lentes antropomórficas. Por seu intermédio,

chegamos ao conhecimento no qual as fronteiras entre os seres são fluidas e relativas, se é que existem.

Tudo isso, exceto a última etapa, foi gerado por experiências concretas, específicas, e pela observação da natureza, e mostra o pássaro agora incorporado a uma realidade inteiramente poética. Suponho que poderia chamá-la de ícone ou mito vivo, que ainda se refere à realidade, mas o faz num contexto mais transparente e sublimado. Ele chega a se constituir num arquétipo do pássaro, do qual os pardais, falcões e tentilhões individuais são agora mensageiros e manifestações. O processo inteiro tem um caráter cíclico.

Incluo aqui também um poema do começo de 1979, chamado *Kanyuk*. Embora ele não trate de tema ou experiência animal, obviamente tornou-se possível pelo ciclo anterior de assimilação e anunciou a abertura de um novo ciclo de trabalho, no qual o encontro com o bicho poderia se dar de uma só vez, num nível mais consciente e até transconsciente. É um poema que revela o seu próprio processo de conscientização.

Em 16 de janeiro de 1979 houve uma grande nevasca em Chicago. Eu estava passando algum tempo com meus pais após o Natal. Nevou durante todo o dia, até à noite. Depois do jantar, fiquei fora de casa durante várias horas, retirando neve da calçada com uma pá. A natureza titânica da tempestade foi, para mim, bela e inspiradora, enquanto eu abria pouco a pouco o meu caminho até a rua. Pensei nos iogues do Himalaia, que aquecem seus corpos nas montanhas nevadas por meio do *tumo*, uma espécie de calor interno, e tentei manter minhas mãos e pés aquecidos, dirigindo, em pensamento, calor e sangue até eles. Isso pareceu funcionar um pouco e me senti muito contente por estar trabalhando na neve.

Ao terminar, entrei, tomei chá quente e me deitei perto da lareira. Meus pais já tinham ido dormir e a casa estava em silêncio. Um exemplar da revista *História Natural* havia acabado de chegar, e eu o abri no tapete à minha frente. De algum modo, deparei com um artigo sobre Robert Flaherty, que filmara *Nanook do norte*. Uma mulher pesquisou as primeiras fotos de Flaherty, em Cape Dorset, e descobriu nelas descendentes dos esquimós. A primeira página do artigo mostrava a fotografia de Avaleeniatuk, uma jovem de não mais de 20 anos, que olhava visando direto a

frente, como só os americanos nativos, naquelas velhas fotos, pareciam capazes de olhar. Surgiram outros rostos mesmerizantes, com suas histórias humanas singelas, à medida que eu virava as páginas: Noogooshoweetok, um grande caçador; Allego, ajudante de Flaherty na câmara escura, que depois se tornou xamã; a própria Avaleeniatuk, que morreu com sua família numa tempestade de neve.

Então virei outra página e parei. Lá estava Kanyuk. Sua face era tão bela, irradiava tanta força interior e mistério, que não pude seguir adiante. Era a própria *anima*: bonita, autocentrada, fascinante e ativa a um só tempo, abrindo-se para as profundezas do desconhecido. Olhei fixamente para aquele rosto por um longo tempo. A luz bruxuleante da lareira não devia ser diferente da chama da lamparina que Flaherty usara para fazer a foto e, naquela luminosidade, ela foi voltando. Comecei mesmo a imaginar que havia uma mulher viva diante de mim. Eu estava num intenso estado de concentração. O universo do imaginário rondava por perto.

De súbito, a fotografia pareceu explodir como uma nebulosa estelar. Embora meus olhos deveriam estar a cerca de quinze ou vinte centímetros da página, os grânulos da fotolitografia se tornaram tão grandes que a própria imagem ficou indistinta. Meu cristalino foi adaptado para uma ordem diferente de realidade. Lembro-me de que naquele momento pensei, deliciado, que agora entendia como os antigos ourives irlandeses eram capazes de moldar dois homens e dois cães serpenteantes, num espaço menor que a unha do meu dedo mínimo. Deveriam estar num estado mental como o meu, determinado apenas pela vontade.

Em seguida, após algum tempo, ocorreram novas transformações na imagem. A realidade fotográfica se desfez por completo, e as áreas de luz e sombra se transformaram em formas autônomas, como rostos que surgem numa superfície calcária. Elas eram, de um modo geral, focas, morsas e peixes, que se moviam rapidamente, coleando a esmo como a fauna de um mundo unicelular – todas contidas no rosto de Kanyuk, por causa de seu aspecto de mãe-deusa.

Ela então surgia de novo, e claramente, como Kanyuk, a mulher, e eu a vi em tempos diferentes e sob circunstâncias diversas: manhã e noite, fora do gelo e perto da lareira, cochichando ou discutindo.

Aparecia ora como uma criança, ora como uma velha, e tive a impressão de estar me revelando essa alma específica, essa individualidade.

Naquela noite, tive dois outros momentos de grande perceptividade. Durante todo esse processo, num dado instante meu pai desceu de seu quarto para checar o termostato (que Bateson deixa de fora, em suas equações!). Ele estava a uns cinco ou seis metros de mim, mas seu relógio de pulso batia alto, como se estivesse encostado ao meu ouvido. Isso durou um longo momento, e bastou para que eu registrasse conscientemente essa impressão.

Algum tempo depois, fui para a cama. A neve havia deixado de cair e a lua brilhava. Olhando pela janela, para um local onde uma fileira de arbustos lançava suas sombras através de espaços de um branco leitoso, meus olhos se dirigiram de imediato para um coelho encolhido no meio da trama dos ramos. Em minha mente, então, tudo isso se assemelhou a uma visão de raios-X, e eu me senti de fato habitado, assombrado por alguém que poderia ver por meio dos meus olhos, com poderes esquecidos.

No dia seguinte, ninguém foi trabalhar: haviam caído quase 80 centímetros de neve. Todas as lojas estavam fechadas e os deslocamentos eram impossíveis. Esquiei pelas ruas brancas e desci as ravinas até o local onde um bueiro se abria para o lago Michigan. Havia outros esquiadores por lá. O topo da plataforma de concreto onde estávamos era cerca de três metros e meio mais alto do que a margem do lago. À esquerda, um molhe penetrava na água. Empurrei um bloco da neve trazido pelo vento e dei-lhe a forma de uma onda gelada, prestes a quebrar. No seu topo, era tão fino que se tornava translúcido contra o céu. Era como uma dessas rampas usadas pelos aficionados do *skate*. Eu disse a uma mulher que estava perto como seria elegante esquiar sobre aquela elevação. Ela respondeu que seria impossível: se a neve se partisse, o esquiador acabaria dentro do lago.

Eu me sentia vazio. Pensei por um instante, e então me ocorreu que eu não poderia fazer aquilo, mas Kanyuk sim. De modo consciente eu me pus em suas mãos e me atirei para diante, utilizando a velocidade ganha por minha posição elevada para me levar até a rampa. Quando cheguei à borda (nem mesmo pensara que o conseguiria), fiz uma curva rápida, deslizei

pela ondulação, como um surfista, e desci rumo à beira do lago.

Por um instante, foi como num delírio: eu me senti como um cientista cujo experimento tivesse dado certo. Kanyuk estava por trás de tudo. Dediquei o dia a ela, e também a voltar-me inteiramente para a minha vontade, como se isso fosse possível: deixar outro desejo soprar através de mim, para ver o meu mundo através de suas lentes, até não saber mais nada do meu próprio mundo, mas para vê-lo como algo estranho: novo, misterioso, revelador da linguagem do seu próprio ser.

KANYUK – O poema *Kanyuk* é um registro daquele dia:

*No domingo, depois da nevasca,
vou esquiar no lago.
E você, Kanyuk,
está comigo.*

*Paro, silencioso, durante uma hora
(paramos a pluma de nossas almas
para a secreta canção de Sila,
quando parar é o centro,
quando o ser se detém e
paramos com ele),
e olho para a força do gelo
que emerge da grande solidão,
e o sinto como ele próprio me sente,
como se estivesse respirando:
minha respiração e peristalse carreadas
para o alento de um ser maior.
Kanyuk,
Kanyuk,
sopro a sopro,
pele a pele,
o gemido das ondas nos ocos das rochas.*

*Um vento forte me leva para o sul:
recortou as ondas,
como uma velha senhora
cantando perto da lareira.*

*Quem me chama?
Quem vai além das viagens do olho,
onde a fala já não alcança
e a mente ainda não?*

Kanyuk,
 você constrói diante de mim um ar mais verdadeiro.
 Dou um passo para o seu interior,
 caminho a passos largos para dentro de um ser, onde
 não há
 restos tensos de tempestades de neve, caindo
 das montanhas cobertas de bosques até a margem
 (estamos sempre lá,
 no centro das quatro
 direções).
 Ouço com seus ouvidos,
 cubra minha casa com o seu seio.
 Vejo com seus olhos,
 Kanyuk,
 e você vê com os meus.
 Lá,
 onde o bueiro
 lança uma longa sombra sobre o gelo,
 em seu lugar de permanência temporária, tão misterioso,
 proferindo mandamentos,
 da eternidade para o tempo,
 luto num vórtice ardente de silêncio.
 Sua sombra é fria,
 seu ser é alto como o céu:
 um ser estranho cuja alma é a sombra.

Mas como consegui chegar aqui?
 Quem trocou meus olhos por sentidos mais sutis?
 Os objetos ainda estão presentes,
 mas já não os vejo:
 vejo com eles,
 vejo por meio deles.
 Não são mais objetos, mas os órgãos
 com que vejo.
 E o que é que enxergo, educado por sua visão
 (gelo transformando-se numa forma oceânica
 de não-eu
 e não num Outro)?
 A intimidade da minha paisagem, nesta
 visão transmigrante,
 se torna ainda mais íntima:
 sopro a sopro
 pele a pele,
 mais perto que o sopro,
 mais íntimo que o sangue.

Você está comigo, Kanyuk,
 está aqui.
 Vejo com os seus olhos
 e você com os meus.
 Herdei seu espírito,
 você gerou o meu corpo,
 e que poder é esse,
 na casa da noite ancestral
 (onde uma velha senhora fala, suave, sobre o fogo da
 vida,
 e o vôo das aves gira, sem engrenagens,
 a partir de sua sombra,
 e se abre para trás,
 para muito além, além mesmo de você, Kanyuk,
 para uma escuridão ainda mais profunda),
 que poder nos juntou agora
 no centro da escuridão e da luz?

Hoje eu me alimento para que você também possa viver
 (crescer, pesada, no útero da minha terra)
 sorrir, dançar de novo
 e murmurar sortilégios em sua pele.

Por meio do meu corpo você margeia de novo,
 o gelo que se encurva, e
 conduz o silêncio dos lugares de despejo.
 E, veja só, uma barreira de coral em mares tropicais,
 cuja miríade de cardumes de peixes purpúreos
 quebra a superfície de nosso sonho comum
 como rostos de amigos esquecidos,
 e mundos tão ricos em formas de vida
 que os olhos do tempo explodem,
 e nos tornamos fontes
 que derramam, como melodias, de um lado para outro,
 o grande ser por entre as nossas mãos.

Você escreve no papel, dirige um carro,
 sofre a alma
 de um sexo a que nunca pertenceu.
 Enxerga longe, vê milhares de coisas
 para aquecer a sua jornada pela escuridão.
 Eu herdei seu espírito,
 você herdou meu corpo:
 juntos, herdamos todas as culturas da humanidade.
 Você está morta há cinquenta anos,
 minha irmã-xamã,
 mas seus olhos aquecem a minha cama esta noite.

Mesmo correndo o risco de transformar o poema em si num mero anticlímax, foi necessário esboçar o processo mental envolvido em sua criação. Eu diria que ele pertence inteiramente ao reino do animal como médium, embora mais uma vez me expresse em termos de realidade poética. Isso certamente se deveu ao curso anterior de experiências, no qual o animal como mensageiro ou guia me livrou do embaraço de uma certa perspectiva egóico-humana, e acabou fazendo com que a poesia se tornasse possível para mim.

Há aqui um processo paralelo ao mais antigo: primeiro houve um direcionamento, em termos sensoriais, para um Outro específico. Este se abriu fluidamente para trás, para o não-consciente – para aquilo que está, digamos, ao mesmo tempo no meu inconsciente e no da natureza. Seguiu-se um sentimento de “disponibilidade” e fusão com um conhecimento de tantas formas de vida quantas puderam ser apreendidas: um sentimento não apenas do “todo”, mas de cada especificidade, tal como ela se apresentou. Por fim, ocorreu um “retorno à consciência”: a formulação verbal da essência do *insight* alcançado.

A culminação da série “pássaros” foi o *insight* das “três melodias raras... simultaneamente percebidas”. Ela foi formulada ainda no plano da metáfora, do “como se”. Aqui, o *insight* que julguei essencial foi teimosamente expresso em termos de percepção real. Há uma forte ambivalência, que liga tudo isso à palavra “místico”.

*Os objetos ainda estão lá,
mas já não os vejo:
vejo com eles,
enxergo por seu intermédio.
Eles não são objetos, mas os órgãos
de minha visão.*

POEMAS, 1983 – É possível que eu seja simplesmente bastante sugestionável, aberto a influências externas e estados auto-induzidos: o poeta como criança. Há aqui uma similaridade com a tendência infantil para imitar posturas e sons animais, tornar-se um

bicho. E suponho que “tornar-se” animal abre para a criança um mundo que está além do universo dos bichos. Ela não tem, nem precisa ter, uma linguagem que verbalize a sua experiência. Talvez na simultaneidade do estado pré-verbal, a criança pequena incorpore, de modo imediato, o que para mim surgiu em forma de vários estágios de relação com o animal.

Assim, houve uma terceira fase do processo do bicho como médium e mensageiro, na qual o grau de identificação com os animais foi ainda mais intensificado. Além disso, o vetor foi invertido: em vez de assimilar a mim mesmo como um animal, este pareceu estar me assimilando. Eu poderia dizer, por outro lado, que essa foi uma fase em que me vi como um médium para ele: algo assim como, suponho, aconteceu com os haitianos adeptos do vodu, que se consideram “cavalgados” pelos deuses. Por coincidência, esse foi um período no qual eu estava de algum modo envolvido com o misticismo e os rituais dos americanos nativos. E nessa fase houve alguns eventos vívidos e sincrônicos envolvendo animais.

Aqui, os dois poemas datam da noite de 27 de fevereiro de 1983. Eu estava acordado, mas ainda assim eles vieram a mim como criações involuntárias: surgiram não apenas de forma simultânea, mas até mesmo contra a minha vontade. Em primeiro lugar, o “animal” pareceu estar falando diretamente por meio de uma determinada parte de meu corpo. O primeiro poema, sobre a cascavel, parece ter sido uma sublimação direta das minhas enxaquecas, mas eu senti também uma forte onda de calor e energia subindo pelo lado esquerdo das minhas costas e pescoço, e tive mesmo a impressão de um silvo em meu ouvido esquerdo.

Quase imediatamente depois, houve em minha coxa uma tal sensação que eu pensei que ela tinha inchado até várias vezes o seu tamanho normal. Essa foi a fala do “bisão”. As palavras dos dois poemas se precipitaram a partir dessas sensações, de uma forma que não consigo explicar mesmo agora, muitos anos depois. Ambos os poemas irromperam de modo simultâneo, de maneira distinguível, enquanto as sensações físicas lhes faziam eco e se esfumavam.

A cascavel

*Tenho uma cascavel em meu ombro.
Ela sempre surge do lado cego.
Vem quando menos a espero.
Agora, está cantando ao meu ouvido.
Canta agora ao meu ouvido.
E quando morde,
e seus colmilhos afundam,
eu pulo, rodopio,
berro como cinco tipos de animal
e guincho como cinco espécies de pássaro.
Minha boca espuma com o disparate
que as pessoas chamam de poesia.
A cascavel tem visão de raios-X.
Vejo entre seus ossos agora,
separo-os,
conto-os
e eles me contam
as pedras me contam
seus ossos estão contando
os peixes do mar.
Levante-se para ser contado:
quem conta quem, afinal?*

Sonhos de bisão

*Estou na cama com minha mãe.
Os galhos das árvores tremem,
dançam,
e sacodem as cabeças, como demônios.
Você pode me encontrar, debaixo da sua geologia?
Estou mergulhando no subsolo
até o útero materno.
Suba uma montanha à luz das estrelas
Ache um sítio onde a grama redemoinha
como faz o cabelo em sua cabeça.
Ponha isso sob o seu ventre e deite-se.
Abaixe a sua boca e grite
Para dentro do solo.*

*Você pode me ouvir, sim.
Eu estou chegando.*



Ernesto de Fiori (Homem Caminhando)

Estes poemas foram de fato importantes para mim e representaram uma culminância. Nesse período, perguntei a mim mesmo como poderia continuar escrevendo. Temi que, como poesia, essas elocuições pudessem ser incompreensíveis. Acompanhar poemas me conduzia a estados de êxtase que só periféricamente tinham algo a ver com a experiência “humana”. Na verdade, estavam além. A linguagem tornou-se mais depurada, fragmentada, quase uma não-linguagem, em contraste com as linhas “clássicas” e fluentes que eu havia identificado como sendo o meu estilo. Foi, na verdade, como se a Cascavel estivesse me dividindo e reordenando o meu interior. Era para ser o fim de minha experiência como poeta.

Mas era também a culminância de outra sensibilidade, na qual acontecia o estado final de uma grande fase de transformação e uma preparação para um novo movimento. Naquele verão fui para a Itália, com todos os meus órgãos psíquicos alertas e ampliados para trabalhar num roteiro de cinema. Lá encontrei a mulher que haveria de se tornar minha esposa. Um grande sonho que tive com ela, num pequeno hotel dos Alpes, pareceu capturar toda a energia e os temas que estavam esparsos desde o meu desenvolvimento anterior, e dar-lhes um novo contexto, uma nova metáfora e um novo lar: o casamento.

Dito assim, de forma retrospectiva e condensada, o processo inteiro parece claro e patente, o que seguramente não aconteceu. Mas houve, durante todo o seu longo curso, o sentimento vivo de uma evolução

significativa e ansiada, da qual o animal foi o emblema, o letreiro, o mensageiro e o médium. As plantas e as forças maiores da natureza foram também mensageiros e médiuns, como *se por meio deles* e por sua graça eu houvesse penetrado nos novos reinos da auto-experiência. No entanto, cada um (plantas, corpos celestes, montanhas, mares, animais) falou para a região do “corpo psíquico” com a qual se identificava: os céus para a cabeça, o mar para o coração, a terra para o abdome, a árvore para o coração-alma. O animal-mensageiro foi o mais cinético de todos eles, ativando os membros e o corpo inteiro, do mesmo modo como imagino que as crianças pequenas ou os artistas marciais são ativados: um realinhamento mímico do ser interior com outra atitude-em-manifestação essencial, um *movimento* para dentro de outra faceta do espectro total.

Entretanto, tudo o que tentei dizer aqui, por meio de descrições, me parece agora tosco e de algum modo falso, quando comparado com as reais sutilezas da experiência. Assim, devo observar com cuidado a advertência interna para que conheça os meus limites e termine este ensaio. Pode não ser mais fácil, agora, readquirir a sabedoria animal no interior do corpo, do que foi, milhares de anos atrás, dividir o *self* animal em nome do aparecimento do ego-consciência. É duro para nós – como foi para mim – permanecer com uma experiência liminar, viva e transformadora, sem de imediato transformá-la em conceitos. Nesse meio tempo, nossa caridade e amor para com os animais, em nossa ecologia externa, podem não ser suficientes. Mas são necessários. ▲

SUZETE CARVALHO

◆

CONSCIÊNCIA LINEAR E RELAÇÕES HUMANAS

*Considero impossível conhecer as partes sem
conhecer o todo, assim como conhecer o todo
sem conhecer particularmente as partes.*

Pascal



SUZETE CARVALHO é pós-graduada pela Universidade de São Paulo (Filosofia do Direito e Direito do Trabalho), conferencista e professora da Associação Palas Athena.

Pala Rezende (Êxodo)

As palavras são meros símbolos convencionais (signos), como, já no séc. IV, ensinava Santo Agostinho. São simples formas (significantes) de apontar para algo cuja noção (significado) pretendemos transmitir. São, portanto, paradoxais, ambíguas e polivalentes, como o ser humano e a própria vida.

Contudo, sem dispor de outro meio de expressão que a linguagem articulada, busco tornar apreensíveis às almas afins algumas das questões que estão aí a nos rondar e sondar, como fantasmas errantes, sôfregos para desvendar novas conexões entre a consciência linear e a integral, íntegra e integradora. Ou, se preferirem, entre o pensamento lógico, racional, e o pensamento complexo, visando a compreensão e o aprimoramento do ser humano em suas relações consigo mesmo, com o outro e com o cósmico. Para traduzir na escrita o desabafo da consciência a que agora me entrego, tentarei conter, na medida do possível, o linguajar metafísico (tendência inata) e utilizar os processos do raciocínio “como pontos na linha que o espírito, na sua linearidade, é forçado a seguir” (a metáfora é de Gilberto Amado).

Para que este desabafo possa ser dialógico, convidoo a uma reflexão mais aprofundada sobre o axioma de Pascal (em epígrafe), que *a priori* parece paradoxal – já que escapa ao senso comum –, mas que mesmo assim vem sendo repetido à exaustão, desde a Alta Antiguidade, por pensadores de todos os quadrantes, em geral sem encontrar eco nesta segura e cômoda caverna platônica em que nos deixamos estar.

A primazia do racionalismo cartesiano, nascido como oposição à filosofia medievá, com seu dualismo básico, e recorrendo à dúvida sistemática como critério para apreensão da verdade (como se esta fosse apropriável, ou passível de ser apreendida pelo mero raciocínio), privilegiou ingenuamente uma lógica reducionista. E esta, se por um lado teve o mérito de incrementar as ciências, por outro tornou-se a maior responsável pela fragmentação do ser e do saber, culminando por deflagrar a crise planetária que hoje enfrentamos.

A VIDA E SUA QUALIDADE – A postura de Descartes encontrou reciprocidade no capitalismo nascente, estimulado pela Reforma, por sua vez influenciada pelos interesses burgueses, cuja economia se sujeitava à voracidade da Igreja e, portanto, à própria ideologia burguesa em ascensão. Isso ocorreu em especial na França, e se baseou no *laissez-faire, laissez-passer* do liberalismo político-filosófico-econômico que

grassava na Europa, bem como nos ideais abstratos de *liberté, égalité, fraternité*. Assim, afastando a Igreja de seus bens e o Estado das atribuições que lhe são precípuas, em especial a de legislar, o individualismo crescente protagonizou um contratualismo alienado da realidade, cuja metáfora foi a Lei do Peixe – em que o mais forte come o mais fraco –, responsável pelas mazelas sociais da Revolução Industrial (a média de vida, na época, era de vinte e sete anos!).

Com o único objetivo de reavivar a memória, como base para a reflexão proposta, transcrevo a seguir um trecho do relato do respeitado jurista Segadas Vianna sobre a qualidade da vida nesse período histórico:

No seu supermundo, em monopólio absoluto, os ricos avocavam para si todos os favores e todas as benesses da civilização e da cultura... No seu inferno repululava a população operária: era toda uma ralé fatigada, sórdida, andrajosa, esgotada pelo trabalho e pela subalimentação; inteiramente afastada das magistraturas do Estado; vivendo em mansardas escuras, carecida dos recursos mais elementares de higiene individual e coletiva; oprimida pela deficiência dos salários; angustiada pela instabilidade do emprego; atormentada pela insegurança do futuro, próprio e da prole...

A baixíssima condição de vida das massas populares, gerada pelas profundas injustiças sociais – questão social –, impulsionou o pêndulo da balança político-filosófica em direção oposta, abrindo-se ao materialismo histórico-dialético de Engels e Marx, também reducionista, por considerar apenas um lado da questão (a mais-valia). Embora essa utopia idealista haja transcendido a visão do mero individualismo, ao ver o homem como um ser social, quando levada à prática pelo leninismo acabou implodindo em suas próprias bases dualistas (capital/trabalho).

Esqueceram-se os racionalistas de que métodos, técnicas, classificações, catalogações, são simples instrumentos auxiliares da compreensão, e de que teorias e doutrinas são sempre parciais (e portanto frágeis), podendo tornar-se entraves para o desenvolvimento do conhecimento e do próprio ser humano em sua complexidade. Bastaria uma inversão hermenêutica na afobada vulgata cartesiana, e na fórmula mágica do “Penso, logo existo”, entendida como “Existo, logo penso”, ou ainda “Existo, logo sou”, para que pudéssemos enveredar por um outro campo – o da ontologia. Este se abre a novos horizontes, como o da fenomenologia heideggeriana, cuja preocupação vai no sentido de que o próprio ser se revele, sendo necessário “ir às coisas mesmas” (Husserl) ou à “natureza das coisas” (Aristóteles). Isto é: é preciso ir à

prática da vida, à práxis, à experiência, cuja *ultima ratio* é a própria realidade.

Assim, os verdadeiros objetos da compreensão histórica – seja da evolução das idéias, seja do devir humano – não são os personagens ou eventos, mas os significados. Dito de outro modo: compreensão histórica é a própria experiência como função da consciência, que é sempre “consciência de”. Essa noção tem a ver com as concepções da metafísica budista, de que se valeu William James, um dos mais profundos estudiosos da consciência e precursor da psicologia ocidental. Diz também respeito às investigações hermenêuticas dos filósofos F. August Wolf, Schleiermacher e Friedrich Ast (sécs. XVIII-XIX), a quem Richard Palmer dedicou grande parte de seus escritos, cujo princípio básico era um “círculo hermenêutico”, compreendendo “a relação das partes entre si a partir do todo e o todo a partir da harmonia destas”.

AS LIÇÕES DA HISTÓRIA – A história nada mais é, portanto, do que o conjunto das experiências vividas pelo ser humano, vistas em sua complexidade, num *continuum* dinâmico relacional. Ela só faz sentido, no dizer do Professor Alair Caffé Alves, da USP, na medida em que é apreendida como consciência, da qual a experiência é ponto co-origiário.

Cornélio Tácito, o grande historiador latino, já ensinava, há mais de dois mil anos, que a história deve ser escrita (e, portanto, compreendida) *sine ira et studio* (sem cólera e parcialidade), vale dizer, sem o manto das emoções ideológicas, para que se não deturpe o passado, ao utilizá-lo em sua função primordial de advertência ao presente. Mas Mnemosina deve estar adormecida, ou o ser humano exagerou na dose, ao beber da água do rio Lete, pois, ao usar e abusar da misericórdia dos deuses, agarra-se à própria ignorância.

Desse modo, ele permanece como que condicionado a repetir há milênios, com extrema e crescente “competência”, os mesmíssimos equívocos comprometedores de sua própria evolução. Dessa maneira, consegue permanecer aprisionado, pelo próprio comodismo ignorante, nas semitrevas da inconsciência – tão bem metaforizadas na idéia da clareira heideggeriana, que mostra, de modo sutil, o lado sádico-sombrio da cegueira humana crônico-existencial-individualista, que nos leva, por exemplo, ao ponto de forjar racionalmente direitos humanos tão decantados quanto abstratos e inaplicáveis.

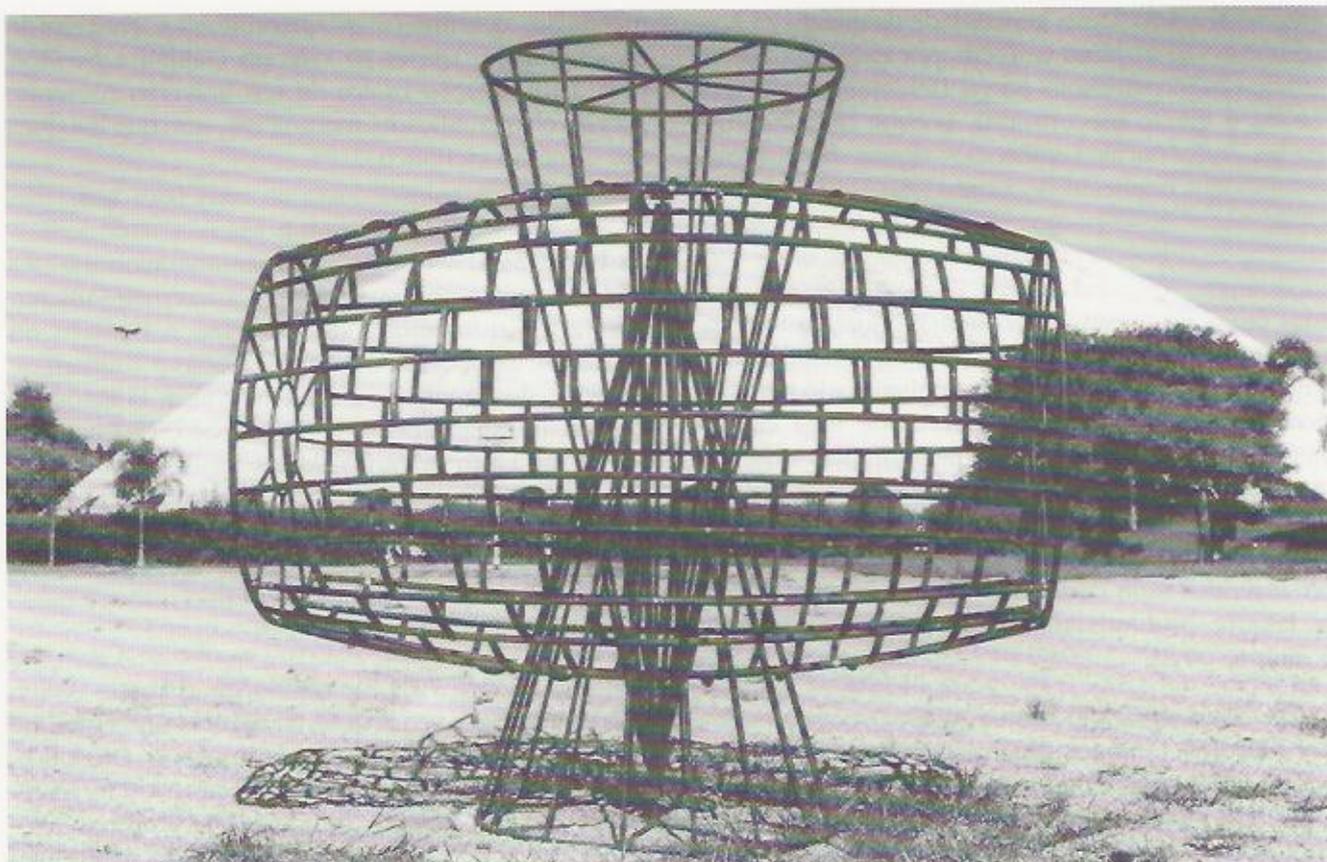
A talvez prolífica adjetivação deste texto se explica pela necessidade de acentuar a trágica situação de

fome e dor a que estão relegadas centenas e centenas de milhões de pessoas, nesta aldeia global em que vivemos (hoje, somos aproximadamente cinco bilhões e setecentos milhões), orgulhosamente dirigida e globalizada pelo plenipotenciário *homo-economicus* neoliberal, neofilósofo, neo-(ou pseudo?)-ser-humano. Eis o primeiro termo da tríade paradigmática da Revolução Francesa – a liberdade dos homens.

Talvez a história nos tenha sido apresentada (como uma regra que comporta raras e honrosas exceções), de modo romântico e poético-literário, à moda de Tito Lívio, como sendo uma grande epopéia vivida por seres atemporais, de diáfana brancura. A saga negra, afinal, não nos diz respeito, porque corre por outros caminhos, que apontam para questões muito complicadas, como diferença e preconceito; e é tão simples expurgá-la historicamente... E assim, desse modo alienado, é lida e aprendida a “História Universal”. Aqui começam as exclusões fragmentárias do ser e do conhecimento humanos.

UM LABIRINTO DE EQUÍVOCOS – Assim, “inadvertidamente” (re)editamos hoje, com ares de pós-modernismo, o grande neoparadigma da flexibilização – leia-se a retirada gradual e progressiva do Estado de suas atribuições, entre as quais a de legislar sobre direitos trabalhistas, agora exercitada com um *modus operandi* peculiar e contraditório, que medeia entre um requintado sadismo e uma absoluta ausência de consciência histórico-social. E, paradoxo dos paradoxos, nesta intitulada “social-democracia”, dirigida por um teórico e (ex) importante sociólogo, que tomou a si a função de legislar por via de medidas provisórias, a atuação básica do Estado gira prioritariamente em torno das seguintes medidas, sempre de caráter urgente e inadiável, a partir das quais os investimentos nas áreas da saúde, educação etc., se resolverão magicamente, se o governo for reeleito:

- Retirada de direitos sociais, histórica, árdua, lenta e corajosamente conquistados;
- Manutenção do congelamento, a qualquer custo (leia-se ao custo de uma nova massa crescente de marginalizados), de uma moeda artificialmente valorizada, por meio de constantes e inseguros malabarismos cambiais e outros tantos;
- Saneamento das empresas estatais, para torná-las atraentes e lucrativas à privatização (leia-se entrega do patrimônio do Estado – e portanto do povo – a grupos econômicos sem compromisso nem interesse maior com as questões sociais);



Jardim de Esculturas do MAM - Pq. Ibirapuera (s/título)

- Criação e aumento de tributos que onerarão basicamente as pessoas físicas de uma classe média descendente (já que a classe alta, sabidamente, sequer recolhe impostos – e as exceções confirmam a regra);
- Desmonte sistemático da máquina administrativa dita “inflada” (antes o bode expiatório era a inflação da moeda, hoje é a inflação de funcionários, amanhã, talvez seja a de aposentados ou a de miseráveis). Isso produzirá mais desempregados, que se somarão à massa de trabalhadores informais ou subempregados. (Não esquecer que a legislação não pode ser eternamente paternalista, e que o Estado já superou a idéia “retrógrada” de que o trabalhador é hipossuficiente, só porque não tem um corpo jurídico pronto a defendê-lo, ou uma infra-estrutura econômica que mantenha seus “ridículos” interesses de garantia de emprego, salários e outras balelas).

Portanto, as partes são livres e iguais para contratar, os miseráveis são marginais por opção e incompetência, os aposentados são improdutivos, as crianças de rua são más por natureza e devem ser confinadas. Essa é a igualdade dos homens.

Desse modo também são lidos e apreendidos os ensinamentos contidos nas Grandes Escrituras da Humanidade, como os Upanixades: “Oh, isso pertence ao estado mítico da antigüidade hindu”, diriam alguns dos gênios racionalistas ocidentais, que em sua sabedoria classificaram (leia-se dividiram, fragmentaram) a evolução do conhecimento humano. Ou como o Novo Testamento, o Corão, a *Torah* etc. Quando não é assim, caímos no paroxismo oposto, da interpretação ao pé da letra, e eis que nascem os grandes dogmas que bloqueiam a compreensão e a própria consciência, fragmentando o paradigma máximo do Absoluto em deuses irreconciliáveis e relativizados: Brahman para os hindus, Alá para os muçulmanos, Jeová para os judeus, Deus para os cristãos. E em nome do “meu” deus, ou do Leviatã, “meu” príncipe, posso matar, discriminar, oprimir ou “simplesmente” violentar (“Quer estuprar, estupra, mas não mata”, diz a lógica linear de um dos mais – pasmem! – importantes políticos eleitores do país). Eis, meus irmãos e irmãs, a fraternidade humana.

Mas – e, agora recorro aos Upanixades –, “Isto também passará”. Aliás, a impermanência, ou transitoriedade de todas as coisas é ponto pacífico e

primordial, tanto para a genialidade da metafísica hinduísta e budista, como também, por exemplo, para o pensamento do filósofo grego Heráclito (aceito por Platão) e tido como obscuro, porque trabalha com noções antinômicas. Lembremos alguns de seus fragmentos mais conhecidos: “Como falar sobre o que é, se ele não é mais, porque está no devir”; ou: “O sol não é apenas novo a cada dia, mas sempre novo continuamente”; ou ainda: “Não se pode tomar banho duas vezes no mesmo rio”. Heráclito junta numa linguagem única, propositadamente, significados aparentemente contraditórios e inatingíveis pelo mero raciocínio. Esse princípio me parece de uma clareza meridiana, pois é constatável pela simples observação. Dispensa elucubrações intelectuais e está comprovado pela Física moderna, já que a Lei da Relatividade tem a ver com a irreversibilidade: estamos sempre inseridos num *continuum* quadrimensional (altura, largura, profundidade e tempo) e, portanto, tudo é sempre novo.

Há outro princípio básico, milenarmente intuído por filósofos, teólogos, físicos, metafísicos, biólogos, poetas, psicanalistas, antropólogos e mestres do diálogo inter-religioso, de sabedoria universalmente reconhecida, e que agora retorna na teoria da complexidade, cujo cerne é o distinguir sem separar, desenvolvida por Edgar Morin. Esse princípio vem sendo repetido de modo sistemático através dos tempos por filósofos, teólogos, literatos, físicos, psicanalistas, cuja sabedoria é reconhecida internacionalmente. Trata-se do inter-relacionamento de todas as coisas entre si e com o todo, e deste com cada uma delas, o respeito à multidimensionalidade do conhecimento e da própria consciência – a mente holotrópica.

Os princípios da incerteza, da complementaridade, da irreversibilidade, do inter-relacionamento e do holomovimento, que informam esta “nova” matriz da realidade, postulados pela Física Quântica, embora ainda compartimentados no plano subatômico, de alguma forma oferecem uma sustentação para a ruptura epistemológica com as concepções racionalistas, consubstanciadas nos princípios da dualidade, frag-

mentação, determinismo, quantificação, concretude e estaticidade. Destes se valeram Galileu e Newton para a formulação básica de um universo coerente, previsível, quantificado, mecanicista, sem que isso lhes tire o mérito científico.

AS LIÇÕES DE SEMPRE – Pois bem: inumeráveis mestres de todos os tempos, quadrantes e áreas – de Sankaracharya a Krishnamurti, de Heráclito a Einstein ou Maturana, de Lao-Tzu a Jung, de Platão a Teilhard de Chardin, de Nagarjuna a William James, Bergson ou Borges, de Shakespeare a Dostoiévski, repetem, de forma um tanto mántrica, idéias basilares que escapam, no mínimo, à dualidade. Se assim é, por que nos condicionamos à hermenêutica da fórmula “Penso, logo existo” como possibilidade única de conhecimento? Será que o simples raciocínio resiste à questão primordial do “Quem sou”?

Do ponto de vista biológico, Vaz e Varela diriam que o organismo, para detectar alguma coisa que lhe é estranha, tem que conhecer a si próprio. Filosoficamente, Sócrates partiria do “Conhece-te a ti mesmo”. Do ângulo psicológico, Jung diria que é preciso integrar todas as instâncias da psique ao *self*, ponto central e ao mesmo tempo totalidade da consciência e do inconsciente. Enfim, todos os caminhos apontam para uma reforma do pensamento, uma mudança de padrões mentais, uma postura de inclusão neste mundo de exclusões. Um primeiro passo, nessa nova senda, é o autoconhecimento, por meio de um diálogo racional-intuitivo, que não busca soluções, mas a tomada de consciência do grande paradoxo universal do uno e do múltiplo.

Essa co-participação da experiência na consciência, do múltiplo no uno e deste na unidade, se dá como possibilidade – entre outras – na transcendentalidade da meditação, a que se entregam não só iogues e santos famosos, mas incontáveis heróis, anônimos ou não, que não dispensam um reencontro com o *ethos*, perdido na fragmentação do conhecimento e do próprio ser. ▲

PATRICE GUILLAUME

**O DUPLO VÍNCULO:
UM LAÇO ÍNTIMO ENTRE
COMPORTAMENTO E
COMUNICAÇÃO**

Abordagem didática de um dos
fenômenos mais importantes da
psicologia humana



Siron Franco (Balanço)

PATRICE GUILLAUME é Ph.D. em Psicologia e faz parte do *The Change Project*, uma iniciativa transdisciplinar com sede na Califórnia, EUA.

Este artigo examina o duplo vínculo em dois tipos específicos do chamado comportamento "anormal" – a esquizofrenia e a personalidade limítrofe. No entanto, o poder dessa teoria repousa em sua capacidade de iluminar a dinâmica de outras comunicações, que consideramos "normais", nas organizações, comunidades e famílias. Faça uma leitura desses exemplos, e pergunte a você mesmo se alguns deles lhe parecem familiares. Se são, como será que estão se dando os relacionamentos, no seio do grupo onde você os localizou?

INTRODUÇÃO – Nossos comportamentos – eficazes ou não – são aprendidos. Não nos desenvolvemos num vácuo. Pelo contrário, aprendemos a interagir dentro de um determinado contexto, e dentro dele o modo como nos colocamos faz sentido. Se continuarmos a usar os mesmos comportamentos em novos contextos, eles podem parecer frívolos ou ineficazes. Podem até mesmo ser rotulados de anormais, embora tenham lógica no âmbito em que se desenvolveram. Neste artigo, pretendo examinar a esquizofrenia e a personalidade limítrofe, do ponto de vista dos modos de comportamento aprendidos. Quero explorar aqui as espécies de interação e as influências precoces que moldam os indivíduos aos quais se aplicam esses diagnósticos.

ESQUIZOFRENIA – A abordagem clássica consiste em ver o esquizofrênico como isolado de seu ambiente. Presume-se que ele está fora de contato com a "realidade". Os que pensam assim, como Robert Carson, sugerem que

... a regressão a níveis mais primitivos de pensamento é um aspecto primário da esquizofrenia. Em essência, o que ocorre é que os modos de pensar mais altamente diferenciados e orientados para o real – os processos "secundários" –, que seguem as regras da lógica e levam em consideração a realidade, são substituídos por modelos "primários", que lidam com idéias ilógicas, fantasias e pensamento mágico.

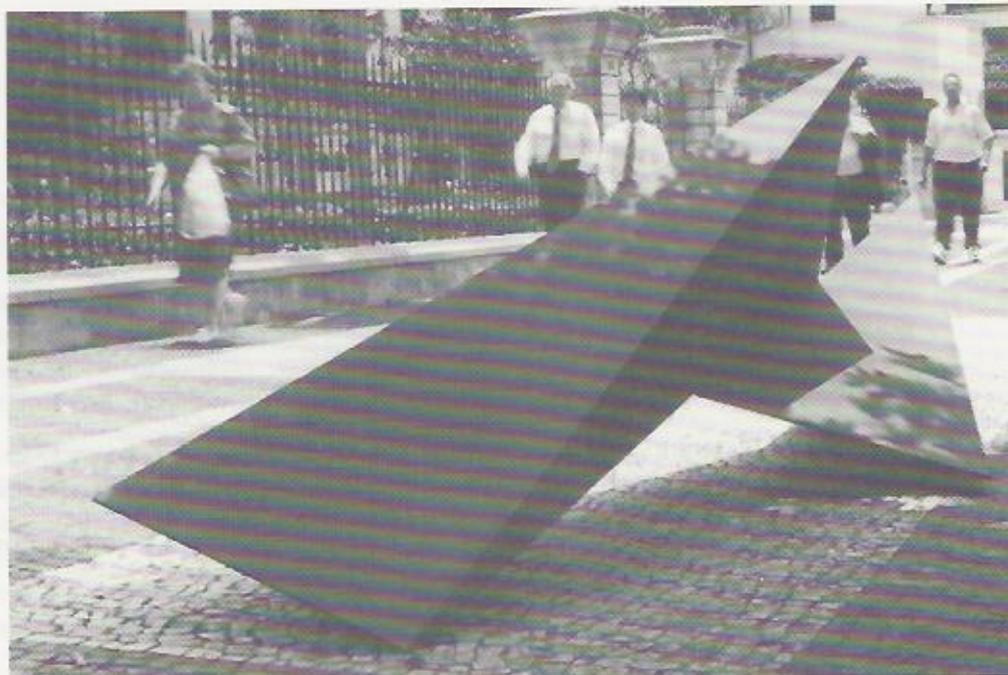
Em contraste, a abordagem interpessoal vê o esquizofrênico em relação com o seu ambiente, mais especificamente sua família original. Em seu trabalho *Passos para uma Ecologia da Mente*, Gregory Bateson

discute uma teoria da esquizofrenia, que resultou de um projeto de pesquisa realizado por ele próprio, com Don D. Jackson, Jay Haley e John H. Weakland. A teoria observa o comportamento do esquizofrênico no seu contexto familiar. Os autores sugerem que os modos como essas pessoas se comportam "fazem sentido" quando considerados a partir dessa perspectiva. Em outras palavras, eles não se desenvolvem no isolamento, mas são o resultado de interações.

Bateson sugere que o esquizofrênico tem "dificuldade em identificar e interpretar os sinais que permitem a um determinado indivíduo saber que espécie de mensagem está realmente recebendo. Ou seja: é difícil, para essas pessoas, saber quando um determinado sinal tem ou não a mesma lógica do 'jogo' ". Por exemplo: peço ao meu enteado de quatro anos para segurar o seu copo de leite com as duas mãos. Ele segue minhas instruções, mas derrama o leite. Chamo a sua atenção para o fato de que não agiu como orientei. Quando ele responde dizendo: "Não segui as regras!", sei que não estamos nos comunicando no mesmo nível lógico. Minha experiência foi que eu quis discutir um incidente específico, no qual ele não seguiu minhas orientações e, como resultado, derramou o leite. Por sua vez, ele pareceu estar lidando com o conceito abstrato de "regras". O ideal seria que a experiência das crianças as ajudasse a aprender a fazer essas distinções. No entanto, durante o desenvolvimento do esquizofrênico, algo acontece que interfere com a capacidade de proceder assim. O que será?

Bateson e colaboradores sugerem que uma pessoa apanhada num "duplo vínculo" – uma situação na qual, não importa o que ela faça, é impossível "ganhar" – pode desenvolver sintomas esquizofrênicos. Nessas circunstâncias, há dois níveis conflitantes de comunicação e uma injunção para que não se comente o conflito. Vejamos um exemplo, citado com frequência, extraído de seu trabalho *Para uma Teoria da Esquizofrenia*:

Um jovem, que havia se recuperado bastante bem de um episódio esquizofrênico agudo, foi visitado no hospital por sua mãe. Estava contente por vê-la e, impulsivamente, a abraçou. Ela logo se contraiu. Ele desfez o abraço e ela perguntou: "Você não me ama mais?". Ele corou e ela disse: "Querido, você não deve se embaraçar tão facilmente, nem ter



Sérvulo Esmeraldo [Tetraedros]

medo de seus sentimentos". O paciente só conseguiu ficar com a mãe por uns poucos minutos mais. Depois que ela saiu, agrediu um auxiliar e foi posto na banheira.

Nesse cenário, a mãe está dando ao filho mensagens verbais e não-verbais conflitantes, e ele parece não ser capaz de responder à discrepância. Segundo a teoria dos tipos lógicos de Bateson, esse esquizofrênico não pôde fazer comentários sobre a comunicação que recebeu de sua mãe.

Bateson diz que "a capacidade de comunicar a respeito da comunicação, de comentar as ações próprias e as dos outros, é essencial para os relacionamentos sociais bem sucedidos". Nas relações normais, comentamos constantemente as reações e comunicações dos outros, dizendo coisas como: "Não me sinto confortável quando você me olha desse jeito", "Você está brincando comigo?", ou: "O que é que você quer dizer com isso?" Para que possamos discriminar de modo adequado o significado de nossas próprias comunicações, bem como as dos outros, precisamos ser capazes de comentá-las – mas o esquizofrênico é incapaz de fazer isso.

De acordo com Carlos Sluzki, o duplo vínculo envolve as seguintes condições e características:

1) Duas ou mais pessoas; 2) uma experiência repetitiva; 3) uma injunção negativa primária; 4) uma injunção secundária, conflitante com a primeira num nível mais abstrato e, como ela, reforçada por puni-

ções ou sinais ameaçadores à sobrevivência; 5) uma injunção negativa terciária, que proíbe a vítima de escapar do contexto; 6) por fim, o quadro completo de ingredientes não é mais necessário, a partir do momento em que a vítima aprendeu a perceber seu universo em termos do duplo vínculo.

Examinando mais de perto o tema, Paul Watzlawick descreveu quatro variantes. A primeira, e provavelmente a mais comum, é o que ele chama paradoxo do "seja espontâneo". A esposa que quer que seu marido a surpreenda com flores está diante desse dilema: pede ao esposo que faça algo que, por natureza, deveria ser espontâneo. "Uma das limitações da comunicação humana é que não há nenhum modo pelo qual o preenchimento espontâneo de uma necessidade possa ser evocado em outra pessoa sem que se crie esse paradoxo de auto-eliminação", diz Watzlawick.

A segunda variante do duplo vínculo envolve situações nas quais a pessoa é castigada por causa de sua percepção correta do mundo exterior. Nessa circunstância, os filhos aprendem a desconfiar de suas próprias percepções, em favor das avaliações feitas pelos pais. Um exemplo seria a criança que é criada num lar violento, mas da qual se espera que veja seus pais de modo pacífico e amoroso. Na vida adulta, ela terá muita dificuldade para se comportar de modo apropriado numa grande variedade de situações. De fato, terá de empregar uma grande quantidade de energia, tentando decifrar o modo "exato" de interpretar as experiências que vive.

A variante número três é aquela na qual a expectativa é que a pessoa tenha sentimentos diferentes dos que de fato tem. A mãe que deseja que seu filho “queira” fazer sua lição de casa entra nessa categoria. A criança com frequência terminará se sentindo culpada, quando não puder chegar aos sentimentos “adequados”.

A quarta variante, segundo Watzlawick, ocorre quando exigimos e proibimos ao mesmo tempo. O pai que exige honestidade e, simultaneamente, encoraja a vitória a qualquer custo está colocando a criança nessa situação: ela tem de desobedecer para ser obediente. Como pode uma pessoa crescer, num ambiente no qual é impedida de comentar as discrepâncias que percebe? Ela não pode acabar aprendendo a confiar apenas numa parte de sua experiência, desconfiando do resto?

Em 1976, uma equipe de pesquisadores publicou os resultados de suas investigações adicionais sobre o duplo vínculo. Propuseram que o componente operacional do fenômeno é a desqualificação – os meios pelos quais a experiência de uma pessoa é invalidada por um vínculo imposto. Esses investigadores citaram cinco modos de desqualificar uma comunicação. A evasão, ou mudança de assunto, é o primeiro deles. Se a afirmação (a) não põe de modo claro um ponto final no tema de uma discussão, e a afirmativa seguinte (b) não aceita a mudança de assunto, então (b) desqualifica (a). Vejamos um exemplo:

FILHO – Podemos ir jogar futebol no parque?

PAI – Que dia bonito para trabalhar no jardim.

O segundo método de desqualificação é o “jogo-de-mão”, que ocorre quando a segunda afirmativa (b) responde à primeira (a), mas modifica o seu conteúdo:

FILHA – Sempre nos demos bem.

MÃE – Sim, eu sempre amei você.

No exemplo acima, a mãe respondeu à filha, mas mudou o tema “dar-se bem” para o assunto “amar”.

O terceiro tipo de desqualificação é a literalização. Surge quando o conteúdo da afirmativa prévia (a) é levado para um nível literal na segunda (b), sem que seja reconhecida a alteração de contexto:

FILHO – Você me trata como uma criança.

PAI – Mas você é a minha criança.

O quarto método – a desqualificação de *status* – acontece quando uma pessoa usa ou o *status* mais elevado ou o conhecimento pessoal superior para implicar que a mensagem prévia não é válida:

MÃE (*dirigindo-se a outra pessoa*) – Tenho observado que ele não brinca bem com as outras crianças.

FILHO – Mas eu brinco, mamãe!

MÃE (*para a outra pessoa*) – Ele não percebe isso porque é tão pequeno...

Questões redundantes são utilizadas para implicar dúvida ou discordância, sem dizer isso abertamente:

FILHA – Eu me dou bem com todo mundo.

MÃE – Com todo mundo, Cathy?

Os autores concluem o seu trabalho com a seguinte observação:

Temos encontrado de modo consistente, nas famílias que têm um membro esquizofrênico, desqualificações seguidas de tipos especiais de seqüências, como as aqui descritas, que tendem a consolidar o vínculo e assim reforçar modos idiossincráticos de interação. Nesse processo, que implica todo um estilo de relacionamentos com o mundo, nos quais determinados estímulos são sistematicamente negados, e certos significados sempre reprimidos, a falta de reconhecimento é reforçada e recompensada e o esclarecimento é punido. Em resumo, concordamos que aí reside a patogênese da esquizofrenia.

O mestre Zen mantém uma vara sobre a cabeça de seu discípulo e diz: “Se você me disser que essa vara é real eu lhe baterei com ela. Se você falar que ela não existe, farei o mesmo. Se você não disser nada, apanhará de qualquer maneira”. Bateson sugere que essa é a espécie de situação que o esquizofrênico experimenta o tempo todo. O discípulo Zen pode chegar à iluminação tomando a vara da mão do mestre. O esquizofrênico, em contraste, sente-se desorientado e confuso, porque mais uma vez vê o seu caminho bloqueado de modo inexplicável. Afastar a vara não representa uma opção para ele, que se percebe encurralado em mais uma situação do tipo “não

é possível ganhar". Por causa de suas repetidas experiências com o duplo vínculo, considera-se limitado às opções de que dispõe.

Jay Haley avança ainda mais no estudo da esquizofrenia a partir da perspectiva interpessoal. Há uma regra básica da teoria da comunicação, que diz que é virtualmente impossível para uma pessoa "evitar definir ou deixar de assumir o controle da definição de seu relacionamento com outra". Em qualquer relação, uma das primeiras coisas que precisa ser esclarecida é de que espécie ela vai ser. As relações são, por natureza, complementares ou simétricas. Relacionamento simétrico é aquele no qual as duas partes trocam comportamentos. Se uma pessoa fala de suas férias, por exemplo, a outra pode responder falando das férias que acabou de ter. O que se destaca aqui é a simetria, o modo como as situações são semelhantes. Esse tipo de relacionamento tende a ser competitivo.

Em um relacionamento complementar os comportamentos se integram mutuamente. Uma pessoa fala e a outra aprende. Há uma dinâmica de dar e receber comportamentos. Aqui, depois de ouvir o que a primeira pessoa tem a dizer a respeito de suas férias, a outra pede mais informações.

Com o correr do tempo, a natureza dos relacionamentos vai mudando. À medida que uma criança amadurece, evolui de relacionamentos complementares com seus pais para formas mais simétricas. Em geral, a relação dos professores com seus alunos é complementar. Entretanto, quando estes fazem perguntas que implicam que seu conhecimento é maior que o do mestre, estão manobrando para mudar o tipo de relacionamento. O professor pode escolher voltar à forma complementar ou permitir a mudança. Segundo James Masterson, "tais manobras são constantemente verificadas em qualquer relação, e tendem a ser características dos tipos instáveis, nos quais as pessoas estão tateando na direção de um rumo comum, que definirá a sua interação".

Tem sido sugerido que os esquizofrênicos, assim como as crianças normais, experimentaram no passado muita confusão, no que diz respeito à definição de se seus relacionamentos seriam complementares ou simétricos. Em outras palavras, houve muita incompatibilidade entre as crianças e os que cuidaram delas, no que se refere a esse esclarecimento. Um

exemplo é a criança que percebe a relação como complementar e responde segundo esse padrão – mas recebe de quem cuida dela retornos baseados no modelo simétrico.

Não é de admirar, portanto, que as interações esquizofrênicas, tal como descritas por Haley, sejam uma tentativa de definir a natureza desses relacionamentos:

Uma pessoa pode evitar definir sua relação negando qualquer um ou todos estes quatro elementos. Ela pode: a) negar que esteja comunicando algo; b) negar que algo foi comunicado; c) negar que aquilo foi comunicado à outra pessoa; d) negar o contexto em que foi feita a comunicação.

As pessoas se comunicam num grande número de níveis. Podemos nos comunicar com muito mais do que simples palavras. Por exemplo, nossos gestos e posturas físicas proporcionam outro nível de comunicação, bem como a altura, o tom e o ritmo do nosso discurso. Há miríades de possibilidades de, ao mesmo tempo, nos relacionarmos e negarmos o relacionamento com outra pessoa. Os esquizofrênicos são decididamente mestres nessa arte, mas os exemplos abundam no dia-a-dia dos indivíduos comuns.

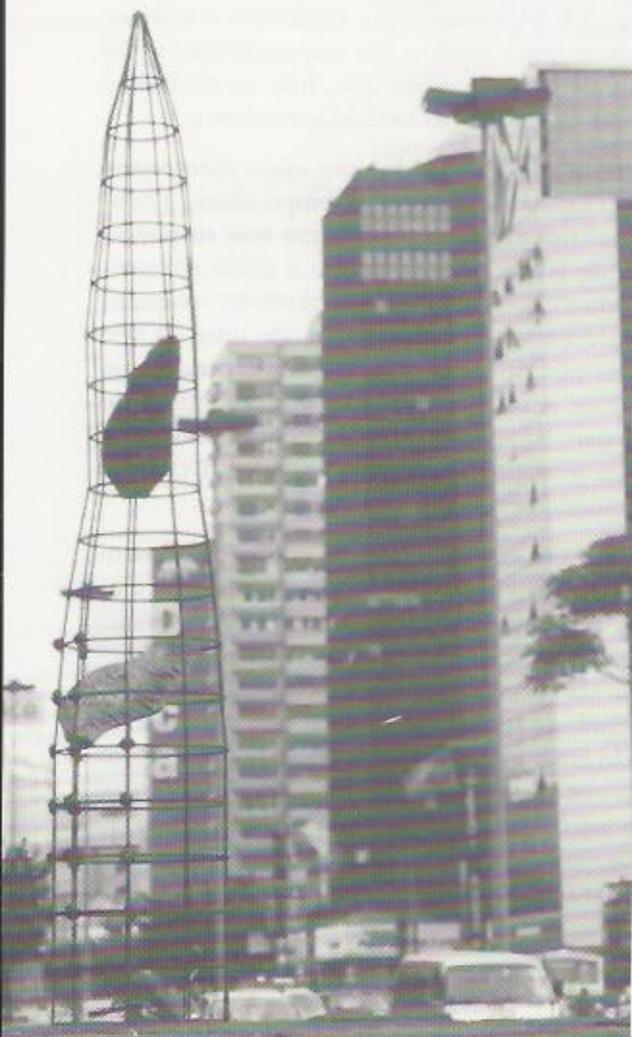
Todos temos familiaridade com essas mensagens mescladas. O cão que ao mesmo tempo abana a cauda e rosna é um exemplo. O homem que responde ao pedido de sua esposa para que a ajude na cozinha, dizendo: "Claro, fico feliz em ajudá-la", enquanto se afunda em sua poltrona, está de uma só vez aceitando o pedido de auxílio e comunicando que não irá ajudar. A mulher que diz: "gostaria muito de auxiliá-lo, mas estou com dor de cabeça", está definindo o seu relacionamento como cooperativo, mas, de modo simultâneo, usa a dor para negá-lo.

Compare esses comportamentos com o do homem que diz, de forma congruente: "Não, eu não vou ajudar você", enquanto se ajeita na cadeira. Ele definiu com clareza o relacionamento como sendo da espécie na qual não aceita diretivas sobre o que fazer. De maneira similar, como posso esperar que uma pessoa veja sentido em minha comunicação, se digo: "Eu amo você", em voz suave, enquanto olho para outro lado? Um indivíduo diz: "Este assunto é fascinante", enquanto olha para o relógio. A mulher pergunta ao filho se ele quer dar-lhe um abraço, enquanto o puxa para

perto de si. Esses tipos de comunicação são comuns no cotidiano. Muito da nossa capacidade de entender o mundo depende de sermos capazes de reconhecer e comentar as mensagens conflitantes que recebemos.

Por outro lado, o esquizofrênico se depara com o dilema de decifrar que parte da mensagem pode ser respondida com segurança, porque comentar as discrepâncias não faz parte do repertório de comportamentos de que dispõe. Poderíamos imaginar que essa circunstância se parece muito com viver numa zona de combate, onde qualquer comunicação pode ser uma ameaça à nossa segurança pessoal. A tarefa de descobrir o significado da comunicação do outro, sendo ao mesmo tempo proibido de comentá-la, ou de reconhecer a sua própria confusão, parece ser apavorante. Não é de admirar que as comunicações dos esquizofrênicos sejam estruturadas de modo a evitar definir a existência de quaisquer relacionamentos.

José Resende (s/título)



Ao que parece, devido à influência precoce desses estados, em que se vêem repetidamente apanhados em duplos vínculos, os esquizofrênicos desenvolvem uma abordagem defensiva no que diz respeito à comunicação. Daí a sua tenaz capacidade para dizer algo e, ao mesmo tempo, não dizer nada. Seu objetivo de vida é não se deixar apanhar em armadilhas. Entretanto, acabam caindo em suas próprias redes de confusão, e o mesmo acontece com as pessoas que com eles entram em contato.

PERSONALIDADE LIMÍTROFE – Segundo James Masterson (*A Busca do Self Real: Desmascarando os Distúrbios de Personalidade de Nossa Era*), a personalidade limítrofe também representa uma resposta que a criança aprende no ambiente. Masterson sustenta que, como resultado de influências infantis, uma pessoa pode desenvolver o que chama de falso *self*. Este se destina a proteger o *self* real de maiores traumas e é direcionado para dominar a realidade. Entretanto, se esses esforços forem mal sucedidos, o indivíduo pode orientar sua energia no sentido de tentar modificar o real, para com isso diminuir o seu mal-estar.

Em seu livro, *Eu o Odeio – Não me Abandone; Entendendo a Personalidade Limítrofe*, Jerold J. Kreisman e Hal Straus identificam cinco dilemas que atormentam a personalidade limítrofe. Chamam o primeiro de “condenado se fizer e condenado se não fizer”. Com essa denominação, referem-se às espécies de comunicação que os limítrofes oferecem aos seus interlocutores.

O título do livro desses autores é um bom exemplo desse apuro. Um outro é o de uma mulher que conheço, que perguntou ao namorado o que achava de sua representação teatral amadora, sobre a qual tinha dúvidas. “Você realmente quer minha opinião honesta?”, perguntou ele. Ela insistiu que sim. No entanto, quando ele lhe revelou sua avaliação – que não foi particularmente encorajadora –, ela retrucou dizendo que suas percepções eram erradas. Eis uma comunicação típica da mensagem confusa que atormenta as relações limítrofes.

Uma segunda tendência, que esses autores citam como típica, é “sentir-se bem a respeito de sentir-se mal”. Em vez de procurar entender e lidar com seus

sentimentos, o limítrofe tenta se ver livre dos que julga indesejáveis. Dessa maneira, o indivíduo que acha que “deveria” ser feliz acrescenta níveis extras de culpa, além de outras emoções difíceis, a uma *persona* já deprimida ou irritada. Contribui, desse modo, para uma espiral aparentemente infinita de “sentir-se bem a respeito de sentir-se mal”.

A “vítima perene” é o terceiro modelo observado por Kreisman e Straus. O limítrofe percebe a si mesmo como estando à mercê dos eventos e pessoas que o rodeiam. A mulher cuja felicidade depende do sucesso financeiro do marido é um exemplo. A pessoa que organiza a vida de tal forma que as soluções para seus problemas ficam nas mãos de terceiros, mostra uma tendência limítrofe. “Se pelo menos ela me entendesse melhor...” – eis uma das formas pelas quais a vítima coloca a responsabilidade de sua felicidade aos cuidados de outrem.

Em quarto lugar, está a busca pelo significado da vida. Os limítrofes procuram continuamente por tudo aquilo que preencha o vazio de sua experiência vital. Relacionamentos e drogas são duas soluções comuns para ocupar esse vácuo.

A perene busca do limítrofe pela constância é o quinto comportamento observado. Para ele, o mundo é inconsistente e não merece confiança. Amizades, trabalho e qualificações estão sempre em questão. Falta-lhe capacidade para experienciar a consistência e a previsibilidade. É como se todas as suas experiências fossem frustradas. Uma mulher que conheço tomou aulas de dança durante quase 15 anos, e ainda assim não consegue se ver como uma dançarina: parece que não é capaz de confiar em si mesma nem em suas habilidades.

O sexto e último elemento da personalidade limítrofe é o que os autores caracterizam como a “raiva da inocência”. A raiva do limítrofe é imprevisível e intensa quando vem à tona. Deflagrada por eventos insignificantes, pode surgir sem aviso e, com frequência, traz consigo o risco de violência real.

Considerando as raízes da personalidade limítrofe, Masterson sugere que a pesquisa de John Bowlby sobre a ligação entre a criança e os que cuidam dela é significativa. Esse autor estudou o processo de luto que crianças entre 13-32 meses experienciaram, quando foram separadas de suas mães por causa de hospi-

talização por doença física. Identificou três estágios. O primeiro é o de protesto, e pode durar de poucas horas a várias semanas. No segundo, já desiludida, a criança “mergulha no desespero e pode mesmo parar de mover-se. Tende a chorar de modo monótono ou intermitente, torna-se isolada, inativa e nada quer do ambiente, à medida que o luto se aprofunda”.

No terceiro estágio – a separação –, a criança já não rejeita babás. No entanto, quando a mãe retorna para visitá-la, a forte ligação materna, típica dessa idade, mostra-se ausente. Ao invés de receber bem a mãe, a criança pode agir como se quase não a conhecesse. Em vez de agarrar-se a ela, pode permanecer apática. Ao invés de desmanchar-se em lágrimas, quando a mãe vai embora, o mais provável é que ela se vire, indiferente, para outro lado. Parece ter perdido todo o interesse.

Masterson chegou à conclusão de que esses mesmos três estágios do luto, e as defesas por eles produzidas, se mostraram evidentes em seus pacientes limítrofes, tanto na adolescência quanto na idade adulta:

Percebi que quando meus pacientes passam por uma separação, por uma experiência da qual vinham se defendendo durante toda a sua vida, parecem reagir exatamente como as crianças de Bowlby no segundo estágio do desespero. A separação traz um conjunto catastrófico de sentimentos, que chamei de depressão do abandono. Para lutar contra esse estado mental, eles se retiram para modelos defensivos, encorajados pelo falso *self*, porque aprenderam, com o passar dos anos, que isso pode afastar a depressão.

Em adultos sem um sentido real do *self*, a depressão do abandono simboliza a nova representação de um drama infantil: a criança buscava apoio e encorajamento, mas a mãe estava ausente ou não era capaz de proporcioná-los. O reconhecimento e a aprovação, tão cruciais para o desenvolvimento das capacidades de expressão, assertividade e comprometimento, simplesmente não estavam disponíveis.

Masterson sugere que o que caracteriza a personalidade limítrofe é um excesso de confiança nos mecanismos primitivos de defesa aprendidos na infância precoce: negação e dependência, evitação e distanciamento, proteção e atuação.*

“Com o objetivo de estabelecer um senso coerente de *self*, a criança, nos três primeiros anos de vida, deve aprender que não está fusionada, que não é uma unidade simbiótica com a mãe”, diz Masterson. Como isso ocorre? Em seu livro, *Uma Base Segura*, Bowlby discute os elementos que considera mais necessários para que esse processo se desenvolva:

... a mãe normal, sensível, torna-se rapidamente sintonizada com os ritmos naturais de seu filho. Prestando atenção aos detalhes de seu comportamento, descobre o que é bom para ele e age de acordo. Assim procedendo, ela não apenas o gratifica, mas também consegue a sua cooperação.

(...)

Isso me leva ao ponto central de meu conceito de paternidade – o fornecimento, por pai e mãe, de uma base segura, a partir da qual a criança ou adolescente possa sair para o mundo exterior e daí voltar com segurança, sabendo que será bem-vinda, física e emocionalmente nutrida, reconfortada se estiver perturbada, tranquilizada se estiver com medo. Em essência, esse papel corresponde a estar disponível, pronto para responder quando chamado para encorajar, e talvez ajudar, mas só intervir ativamente em caso de necessidade.

O que será que acontece no começo do desenvolvimento, que age sobre os esforços da criança e provoca o desenvolvimento de um senso de *self* – uma identidade separada e diferente daquela das pessoas que lhe proporcionam cuidados? Kreisman e Straus sustentam que existem muitas evidências estatísticas e informais, mostrando que crianças que sofreram abusos, ou foram negligenciadas, podem desenvolver tendências limitrofes, como os adultos.

Masterson sugere que muitos desses clientes tinham mães que possuíam, elas próprias, um senso deficiente de *self*. Em consequência, não eram capazes de proporcionar uma base segura, a partir da qual as crianças pudessem partir para se aventurar no mundo e explorá-lo. O mesmo autor cita o exemplo de uma mãe com baixa auto-estima e medo de separação, que fomentava esse mesmo medo em seu filho: ela o encorajava a permanecer dependente, para com isso manter seu próprio equilíbrio emocional:

Ela parecia estar irresistivelmente ameaçada pela emergência da individualidade do seu filho, que

soava como um aviso de que ele estava destinado a, um dia, deixá-la para sempre. Não sendo capaz de lidar com o que interpretava como abandono, não conseguia apoiar os esforços do filho para separar-se e, assim, expressar o seu próprio *self* por meio do brinquedo e da exploração do mundo. Suas manobras defensivas para evitar sua própria ansiedade de afastamento faziam com que estimulasse a dependência do garoto. Por isso, recusava-se a apoiá-lo em suas tentativas de individuação.

Consideremos agora o que Masterson sugeriu a respeito das possíveis raízes da personalidade limitrofe. Parece que, em última análise, estamos diante de um grande duplo vínculo: o mundo espera que as crianças cresçam e se tornem auto-suficientes. Todavia, enquanto isso, aqueles que lhes proporcionam cuidados fazem tudo para que elas continuem dependentes e desamparadas.

Vinte anos depois do aparecimento da teoria do duplo vínculo na esquizofrenia, um de seus autores, John Weakland, publicou um trabalho no qual sugeria que talvez o estudo inicial houvesse se restringido demais à condição esquizofrênica. Para ele, o significado real da proposta é a afirmação de que comportamento e comunicação estão estreitamente ligados. Assim, a teoria é diametralmente oposta ao paradigma estabelecido, que diz que os problemas emocionais são uma resposta aos conflitos intrapsíquicos. Para Weakland, é possível que o duplo vínculo tenha efeitos que se refletem em muitos tipos de distúrbio emocional. Por isso, sua exploração não deve se limitar aos casos de esquizofrenia.

Carlos Sluzki parece ter chegado à mesma conclusão, num ensaio a que deu o provocativo título de *O Duplo Vínculo como Situação Patogênica Universal*. Esse autor observa que a criança passa por três estágios de evolução:

1. Dependência infantil, que é marcada por uma relativa falta de diferenciação entre o *self* e o não-*self*, e uma preponderância da incorporação, ou “tomada” de objetos.
2. Transição.
3. Dependência madura, caracterizada por “relações entre dois seres independentes, completamente

diferenciados, e por uma predominância do 'dar', no que diz respeito aos objetos".

O estágio de transição nos conduz ao dilema básico de todo desenvolvimento mental: dependência versus independência. A tarefa desenvolvimental da criança é promover o equilíbrio entre segurança, dependência e a necessidade de independência. Para Sluzki, se os pais quiserem facilitar a emergência da criança para a individuação, precisarão "estimular o impulso para a independência e neutralizar as necessidades de dependência". Sem esse encorajamento, é difícil para ela enfrentar a incerteza e os riscos, ao longo do caminho da libertação.

Sluzki descreve três modos de relacionamento entre pais e filhos. Aqui estão incluídas as áreas da vida da criança nas quais ela é dependente, independente, ou está se movendo da dependência para a independência, sempre com a supervisão e ajuda dos pais. Por exemplo, a dependência se manifesta quando a criança não pode ir à escola sem ajuda parental. A independência se mostra quando ela pode fazer isso sozinha. A terceira área inclui o ponto em que ela, talvez sem a ajuda e encorajamento dos pais, está aprendendo o caminho de ida e volta da escola, mas ainda não é capaz de trilhá-lo sozinha.

À medida que a criança progride através da vida, ela e seus pais devem redefinir constantemente quais são os seus limites. Na melhor das hipóteses, essa é uma tarefa muito complexa: se os pais não forem claros sobre a localização dessas fronteiras, os filhos

terão de enfrentar muita confusão a respeito do que podem e não podem fazer.

Um exemplo de duplo vínculo, que inibe o crescimento da criança na direção da independência, é o do pai que está em conflito a respeito do desejo de independência do filho e a vontade que tem de que ele seja "perfeito". A capacidade da criança para pensar e se comportar de modo criativo será cada vez mais limitada se, por exemplo, dissermos a ela que pense por si própria e, ao mesmo tempo, lhe recomendemos que pense bem sobre as ações que escolha. Conheço um jovem, em outros aspectos responsável, que derramou removedor de tinta, e logo se retirou de onde estava, porque não sabia o que fazer para limpá-lo. Pareceu ter sido apanhado na armadilha do "condenado por fazer, condenado por não fazer". Assim, pensou que seria melhor fugir da bagunça que aprontara, do que ficar para ser criticado. Achou mais seguro fugir para o desamparo e a dependência do que correr o risco de errar, em sua jornada para a independência.

A exploração dessas espécies de vínculos comuns pode nos dar *insights* sobre o comportamento das personalidades limítrofes e esquizofrênicas. Será que o comportamento que vemos, em cada caso, é uma manifestação diversa do mesmo nó de comunicações – o duplo vínculo? Se for, é possível que o grande papel da terapia seja desvendar esses laços, sejam eles conscientes ou inconscientes, de modo a que o indivíduo possa reorientar a si mesmo para objetivos e motivações mais úteis. ▲

NOTA

* "Atuação" é um termo técnico em psicoterapia. Corresponde, em inglês, ao *acting out*.

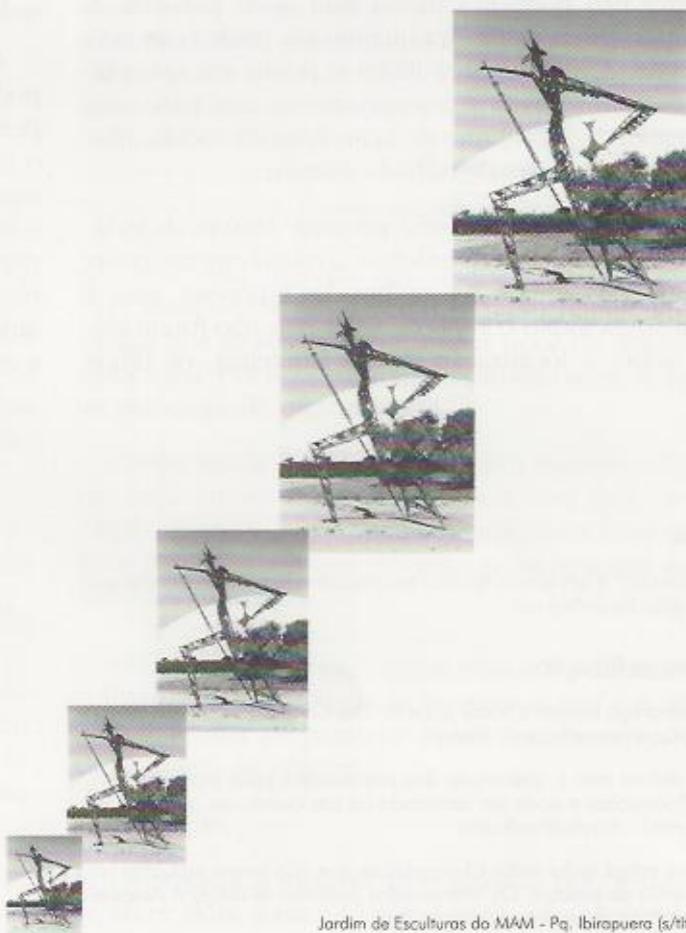
NOTAS DA REDAÇÃO

1. Este artigo integra a *home page* do The Change Project na Internet (URL: www.well.com/~bbear).
2. A autora está à disposição dos interessados para trocar idéias e informações e pode ser contatada no site acima, ou por meio do E-mail: chryslis@well.com
3. Este artigo inclui notas bibliográficas que não foram incluídas por motivo de espaço. Os interessados poderão se dirigir à Associação Palas Athena por carta ou fax.

CRISTINA RODRIGUES FRANCISCATO

OS PERIGOS DO FEMININO TRAÍDO

Uma aproximação psicológica
ao mito de Medéia e Jasão



CRISTINA RODRIGUES FRANCISCATO
é jornalista.

Jardim de Esculturas do MAM - Pg. Ibirapuera (s/título)

Medéia, como personagem trágica, desafia uma leitura linear.

A terapeuta junguiana Olga Rinne desenvolve uma tese para a figura de Medéia. Ela seria uma antiga deusa pré-helênica que, na passagem do matriarcado para o patriarcado, seguiu uma trajetória descendente, terminando, na tragédia homônima de Eurípedes, como uma mulher bárbara e ciumenta, assassina dos próprios filhos.

Figura de origem divina, Medéia se relaciona com o feminino sombrio. Mulher poderosa, versada nas artes mágicas, violenta e vingativa, ela não se submete ao poder estabelecido. A peça de Eurípedes mostra aonde pode chegar uma mulher que recusa o papel destinado ao feminino por um mundo patriarcal.

No período matriarcal, a Grande Deusa era venerada, não apenas sob o aspecto da mãe que ama, protege e alimenta. Ela comportava, também, uma natureza ctônica, infernal e destruidora. O seu culto abrangia o aspecto triplo de vida/morte/renascimento e oferecia um amplo paradigma para o desenvolvimento mais integral do feminino.

No mundo patriarcal, a mulher perdeu referências arquetípicas importantes para sua jornada existencial. O modelo que lhe restou foi composto com fragmentos da feminilidade anterior – a virgindade, a castidade e a maternidade – representado, no cristianismo, por Maria. Da mulher são exigidas as qualidades passivas de suavidade, compreensão e aceitação. Seu potencial de violência é reprimido e tende a ser canalizado de modo destrutivo contra a própria mulher. Nesse contexto, restou pouco espaço para a conquista da autonomia e do valor pessoal e não há lugar para sentimentos como a ira ou o desejo de vingança.

Medéia é de outra têmpera. Ela nos convida a olhar para outros aspectos de

um feminino mais amplo, repleto de poder e perigos.

O Mito – Antes de nos aproximarmos do texto de Eurípedes, vamos olhar alguns antecedentes míticos da trajetória de Jasão e Medéia.

O cenário do mito está dividido entre Iolco na Tessália, terra de Jasão, a Cólquida, no Cáucaso, onde Medéia é uma princesa, filha de Eetes, e Corinto, lugar onde acontece a tragédia de Eurípedes.

Jasão é filho de Esão e sobrinho de Pélias, que lhe usurpou o trono de Iolco. Ele foi educado pelo centauro Quirão no monte Pélion, de onde voltou para reclamar o que lhe pertencia. Pélias concordou, desde que ele fosse à Cólquida e trouxesse de lá o velo de ouro.

Esse velo ou velocino de ouro era a pele do carneiro voador que transportou Frixo para a Cólquida. Conta o mito que Frixo e Hele eram filhos do primeiro casamento de Átamas, rei de Orcômeno. Sua segunda esposa planejava matá-los, mas Zeus mandou o carneiro para que eles pudessem fugir. Hele caiu no mar no estreito que recebeu seu nome, o Helesponto. Frixo chegou à Cólquida e, segundo uma das muitas versões do mito, casou-se com Calciope, filha de Eetes. Sacrificou o carneiro a Zeus e ofereceu o velocino de ouro ao rei. Eetes o consagrou a Ares e o deixou sob a guarda de um dragão.

Jasão reuniu vários heróis e partiu para a Cólquida no barco Argos. A expedição dos Argonautas, depois de muitas dificuldades, chegou ao seu destino.

Eetes prometeu a Jasão que lhe entregaria o velocino desde que ele cumprisse, num mesmo dia, as seguintes tarefas: pôr o jugo em dois touros furiosos de pés e cornos de bronze que lançavam chamas pelas narinas; lavrar com eles uma vasta área e nela semear os dentes do dragão



morto por Cadmo; matar os gigantes que nasceriam desses dentes e eliminar o dragão que montava guarda ao velo de ouro. Essas tarefas seriam impossíveis para Jasão sem a ajuda de Medéia, filha de Eetes e neta do Sol.

Jasão é um herói que, para recuperar o trono, ou seja, atualizar um poder que é seu, necessita ir ao estrangeiro, a Cólquida, e conquistar um objeto que pertence à esfera do sagrado: o velocino de ouro mandado por Zeus.

Essa façanha corresponde a uma prova de iniciação na qual o herói deve vencer algumas etapas, representadas pelas tarefas conferidas a ele por Eetes. Uma análise das tarefas de Jasão e do seu simbolismo ultrapassa a proposta do nosso trabalho. O que nos interessa, no momento, é a participação fundamental de Medéia na jornada e iniciação do herói, sem a qual ele jamais teria conseguido o velocino de ouro.

Fritz Graf, professor de filologia da Universidade da Basileia, chama a atenção para o papel de Medéia como iniciadora, tanto no mito de Jasão quanto em rituais de iniciação na vida adulta, existentes em Atenas e em Corinto. Em Atenas, esses rituais se relacionavam com uma passagem do mito de Teseu, narrada por Plutarco, na qual ele chega a Atenas já moço e, não sendo reconhecido pelo pai, sofre uma tentativa de assassinato por Medéia. No final, Egeu reconhece o filho e impede sua morte. Em Corinto, Medéia estava associada a um ritual que acontecia anualmente, no templo de Hera Akraia, em honra a seus filhos mortos. Esse ritual é instituído pela própria Medéia, como veremos, no final da tragédia de Eurípides.

Medéia, como iniciadora de Jasão, começa dando a ele um filtro mágico, que o torna invulnerável aos touros que ele deve domesticar. Em um segundo momento, quando Jasão semeia os dentes do dragão e necessita matar os gigantes que deles

nascem, é Medéia que lhe indica a solução: ele deve jogar uma pedra entre eles. Os gigantes começam a brigar no intuito de saber quem foi o responsável por aquela pedra e acabam por se destruírem uns aos outros.

Por último, Jasão precisa enfrentar o próprio dragão, o guardião do tesouro. Medéia adormece o monstro com seus encantos e Jasão o mata. A forma como ele vence o dragão é questionável. Uma luta heróica teria sido mais digna e auspiciosa para o futuro do herói.

Jasão vence as provas necessárias, mas Eetes se recusa a lhe entregar o velocino. O herói, novamente, pede a ajuda de Medéia e jura pelos Deuses que a levará para a Grécia, se casará com ela e lhe será eternamente fiel. Medéia trai o pai, abandona a pátria e foge com Jasão. Para dificultar a perseguição, ela mata e esquarteja o irmão Apsirto e espalha seus pedaços no mar.

Quando chegam a Iolco, Pélias se recusa a devolver o trono e, segundo uma versão do mito, Medéia realiza uma terrível vingança. Ela convence as filhas de Pélias a matá-lo e despedaçá-lo, com intuito de rejuvenescê-lo. Para tanto havia transformado, pelo mesmo processo e usando seus conhecimentos mágicos, um velho bode num jovem cabrito. Devido a esse crime, Jasão, Medéia e os dois filhos são exilados em Corinto. Aqui começa a tragédia de Eurípides.

A TRAGÉDIA – Vamos propor uma leitura da *Medéia* de Eurípides através de dois caminhos simultâneos, ambos abordando a questão do feminino traído. No primeiro, olhamos para Medéia enquanto mulher traída que articula uma nefasta vingança. No segundo, Medéia é vista como *anima* de Jasão. O enfoque está no herói e no seu relacionamento com o feminino interno.



A tragédia se passa em Corinto e começa com a ama de Medéia lastimando o triste destino de sua senhora, *aturdida no ânimo por amor a Jasão* (8). O problema é que Creonte, rei de Corinto, resolve casar sua filha com Jasão. O herói aceita e repudia Medéia.

Nessa primeira fala da ama já fica claro o estado de Medéia, uma mulher que abandonou tudo e traiu aqueles que lhe eram mais próximos por um homem que agora a desonra. Medéia era uma princesa, neta do Sol e plena de poderes os quais colocou a serviço de Jasão, agindo sempre magicamente, num segundo plano. Depois de tudo que fez, Medéia foi desonrada e repudiada por Jasão. Ela clama aos Deuses para que sejam testemunhas do tratamento indigno que recebe do marido.

Diante dessa situação, logo no início do drama, a ama já demonstra temor pelos filhos e exorta as crianças a ficarem distantes da mãe, que possui *feroz caráter, hedionda natureza / de espírito implacável* (103 e 104). Em sua primeira fala, Medéia confirma seu ânimo:

*Dores sofrir, dores que valem
grandes prantos. Ó malditos
filhos de hedionda mãe, pereçam
com o pai e desapareça toda a casa!*
(112 a 115)

Os filhos são o resultado visível da paixão de Medéia por Jasão, razão de seu insuportável sofrimento.

O coro dessa tragédia é composto pelas mulheres coríntias. Quando ele entra em cena e fica ciente da situação de Medéia, torna-se solidário a ela, mas aconselha, conforme a mentalidade da época, que: *Se teu esposo / venera novas núpcias, / comum é isto, não te exasperes...* (155 a 157).

Como isso seria possível, se Medéia está com a alma destruída e quer morrer, pois, quem para ela era tudo virou o mais vil

dos homens? Medéia faz uma análise da triste situação da mulher de sua época e como o fato de ser estrangeira piora muito as coisas. Termina dizendo que, apesar da fragilidade e dos temores próprios às mulheres, *... quando na cama calha ser lesada, / não há outro espírito mais sujo de sangue* (265 e 266).

Para piorar a situação, Creonte chega e declara banidos Medéia e os filhos. O rei se refere a ela como *tenebriforme furiosa com o marido* (271). Ele declara que teme Medéia pois ela é *sophé (σοφή), hábil e em muitos malefícios experta* (285).

O termo *sophé*, como explica Filomena Hirata na introdução da tradução de Jaa Torrano, é usado no século V "para designar não só a habilidade do artesão e do poeta, a sabedoria adquirida pela experiência e pela reflexão, mas também a nova perspectiva dos sofistas e da geração que eles ensinaram".

Medéia é experta e hábil no falar. Ela consegue ludibriar Creonte e obter dele a permissão para ficar em Corinto por mais um dia. Ela faz seus argumentos parecerem justos e verdadeiros. Durante sua argumentação, há também uma sinalização da dificuldade que pessoas fora de padrão encontram para serem aceitas e a forma como são temidas e incompreendidas pelo seu meio.

Para esse único dia Medéia tece planos de vingança. Num primeiro momento pretende matar Creonte, Jasão e a noiva. Seu único receio é ser pega e se tornar ridícula a seus inimigos. Aqui, como em outros momentos da tragédia, Medéia se comporta como heroína que não admite ser despojada de sua honra. O riso dos inimigos é o que de pior pode lhe acontecer: *Não debes causar riso... / Ó prole de nobre pai, oriunda do Sol* (404 a 406).

Jasão vem ter com Medéia para lhe oferecer ajuda e ocorre um diálogo muito duro entre eles, um verdadeiro Ágon. Medéia





descreve tudo que fez por ele e coloca em dúvida se Jasão acredita nos Deuses. Pelos Deuses, ele jurou uma fidelidade que não cumpriu. Medéia pergunta para onde ela ainda poderia ir, depois de ter traído sua pátria, seus familiares e matado Pélias, tudo por amor a ele.

A fala de Medéia é de grande inteireza, força e consistência, mas Jasão não é capaz de compreendê-la. Ele não alcança o que se passa no íntimo de sua mulher traída. Eles falam línguas diferentes. A fala de Jasão é a do masculino cujo ser gira em torno da busca do poder. O poder é o centro do seu querer. É pelo poder que Jasão aceitou casar-se com a filha do rei. Medéia fala a partir da sua paixão. Foi por paixão que ela fez tudo o que fez e é por paixão que cometerá os crimes que virão.

Jasão, em sua fala, lembra um sofista. Ele atribuiu a Afrodite e a Eros o sucesso de seu empreendimento e diz que, pela ajuda de Medéia, ela recebeu mais do que deu, pois em vez de país bárbaro, habita terra grega e conhece a justiça e o uso das leis. Esse argumento é contraditório. Medéia está sendo vítima de injustiça e Jasão, negando as leis divinas por não honrar seus juramentos.

Jasão quer provar para Medéia que foi sábio, prudente e grande amigo dela e dos filhos quando resolveu se casar com a princesa. Ele acredita no que diz e, sob a sua ótica, está dizendo a verdade. Só que, mais uma vez, é o poder que tem o valor máximo para ele. Depois de explicar as grandes vantagens do seu casamento, diz que Medéia concordaria com ele se não estivesse obcecada por fidelidade ao leito.

Medéia responde com uma crítica feroz àquele que é hábil orador, mas injusto. Este merece a punição máxima. Ela diz o que acredita ser, na verdade, o motivo de Jasão: ... *O bárbaro leito / na velhice não te daria boa nomeada* (591 e 592). Aqui Medéia se expõe enquanto ser feminino. Mostra fragilidade e insegurança perante a velhice que se aproxima.

A situação de Medéia é muito contemporânea. Quantos maridos não trocam suas mulheres quando atingem o auge do sucesso? A mulher cujo trabalho foi fornecer a infra-estrutura doméstica, prática e fundamental para o brilho do marido, se sente vazia. Seu trabalho desapareceu, diluiu-se em nada. Ela sempre agiu "magicamente" e na sombra. O auge do homem,

geralmente, coincide com o declínio do seu poder feminino de sedução. A traição do marido espelha uma traição muito maior e mais trágica: a traição que ela praticou sistematicamente, durante uma vida, contra si mesma.

Jasão não consegue vencer a discussão, mas ainda tenta convencer Medéia a abandonar a ira e aceitar a ajuda que ele lhe oferece para o exílio – provavelmente uma forma de aliviar a vergonha que sente por seu mau comportamento. Tudo em vão. Medéia não aceita, ela não se vende.

Egeu, rei de Atenas, chega a Corinto vindo de Delfos onde foi consultar o oráculo a respeito de ter filhos. Medéia lhe conta seu infortúnio e lhe faz prometer que a receberá em Atenas. Em troca Medéia, com seus poderes mágicos, o fará ter filhos. A presença de Egeu no drama foi fundamental para o desenvolvimento da ação. Por um lado ele oferece a Medéia a garantia necessária de ter para onde ir depois de sua vingança. Por outro, ela se tornou consciente da importância fundamental para o homem da existência dos filhos. Ela descobre a forma mais trágica de destruir Jasão: vai matar os filhos. Mais uma vez, Medéia reforça sua têmpera heróica: *capaz da ação mais ímpia, / pois incapaz do riso de inimigos* (796 e 797).

O plano de Medéia consiste em mandar para a princesa, através dos filhos, um véu e uma coroa envenenados. Ela morrerá de uma forma horrível e todo aquele que nela tocar. A princesa vai queimar até a morte. O ciúme, no relacionamento a dois, é uma doença que arde e pode se transformar numa espécie de incêndio interior. É um poderoso combustível para a destruição. Quem sofre essa dor gostaria de poder enviá-la aos inimigos.

Medéia manda chamar Jasão para convencê-lo de seu arrependimento. Ela usa toda a sua habilidade para enganá-lo. Diz ter compreendido o esforço de Jasão por ela e pelos filhos e que ela devia tê-lo ajudado, tendo prazer em cuidar da noiva: *Mas somos como somos, não direi um mal, / mas mulheres* (889 e 890).

Jasão acredita na fala astuta da mulher e se mostra compreensivo, dizendo não reprovar a atitude anterior de Medéia, pois é próprio das mulheres ter os seus ardores contra o esposo, se ele procura outras núpcias.

Ele se dirige aos filhos e diz acreditar que eles, ao lado de futuros irmãos, ainda serão os primeiros em Corinto. Jasão faz uma exortação para que os filhos cresçam fortes e perfeitos. Medéia chora e precisa disfarçar seus reais motivos. Ela pede para que Jasão interceda junto à noiva para que os filhos possam ficar. Ela mesma ajudará enviando os presentes à princesa: *véu sutil e coroa de ouro trabalhado* (949); ambos presentes do Sol para Medéia. Jasão concorda com a idéia dos filhos ficarem. Nessa atitude, ele demonstra o quanto não se preocupa com Medéia. Ela, deixando os filhos, abandonaria a única coisa importante que lhe restara.

Quando o mensageiro chega para contar o que havia ocorrido no palácio, e narra que o exílio das crianças foi revogado, Medéia cai em prantos diante do próximo passo. Aqui, acontece um grande monólogo de Medéia. Sua alma se torna palco de uma luta violenta entre forças contrárias, e por quatro vezes, o seu ânimo muda.

Por um lado sente que não será capaz de matar os filhos e resolve levá-los com ela. Medéia se questiona por que deveria ferir Jasão com estes males e obter ela mesma tantos males. É uma reflexão lúcida. Quando mata a noiva e Creonte como vingança, Medéia é o referencial mais importante para ela mesma. Mas, quando resolve matar os filhos a despeito da dor infinita que isso vai lhe causar, Jasão se torna o foco da questão. É mais importante destruí-lo do que poupar a si própria da destruição.

Ressurge, então, sua têmpera heróica e ela se pergunta se quer causar riso deixando impunes os seus inimigos. É insólita essa argumentação diante da gravidade de matar os próprios filhos, mesmo tendo em vista o antigo código heróico, no qual a vingança deve ser total e definitiva. Afinal, os inimigos já tinham sido punidos e Jasão não mais teria acesso ao poder que tanto perseguia. É muito improvável que

alguém ainda risse dela. Só uma paixão desmedida por Jasão justifica o crime. Ele é mais importante para Medéia do que ela mesma. Toda a sua energia ela investiu nele. Os filhos são a lembrança visível desse fato.

Medéia não pode suportar a dor da sua paixão. Essa dor se torna mais leve se projetada na dor da perda dos filhos. O *thymos* de uma mulher de natureza heróica, depois de trair-se uma vida inteira para beneficiar o objeto de sua paixão, não pode ser apaziguado por nenhuma espécie de reflexão.

Medéia muda novamente e exorta a si mesma a nunca ter coragem de fazer o que pretende seu ânimo. Ela deve poupar os filhos que, vivos, a alegrarão.

Por fim, acredita que de toda a forma eles serão mortos e ela não permitirá que o sejam pelos seus inimigos. Depois de abraçar os filhos e suspirar pelo que tem a fazer, diz:

*Sim, compreendo quais males farei.
O furor é superior à minha decisão,
Ele causa os maiores males aos mortais.*
(1078 a 1080)

Chega o servo de Jasão e conclama Medéia a fugir, contando sobre a morte do rei e da filha. Ela se delicia com a notícia e pede para que o mensageiro descreva todo o ocorrido. Na sua narrativa, o que primeiro chama a atenção é a reação da princesa no momento em que vê as crianças: *voltou para trás pálida face / de horror à vinda dos filhos* (1148 e 1149). Mesmo assim, quando viu os adornos, não resistiu a eles.

Quase nunca estamos atentos e damos ouvidos à nossa intuição. A primeira impressão que as crianças causaram na princesa era a correta. Se ela tivesse respeitado essa impressão, teria sido salva. Ela teria compreendido – por ser mulher – que não deveria receber nada da rival. Ainda





mais uma rival com os antecedentes de Medéia. Mas, às vezes, a destruição chega por vias inocentes e insuspeitas, como, no caso, as crianças.

O que vai causar a morte da noiva e também de Creonte, que chega em seu socorro, é algo que pertence à natureza numinosa de Medéia. É um poder que ela tem por ser neta do Sol. A mesma natureza de poder que salvou Jasão, agora vai destruí-lo. Aquilo que pertence à esfera do numinoso pode destruir, queimar, devorar, quando é apropriado pelo humano de forma indevida. A princesa não é neta do Sol, não tem estrutura para usar adornos divinos. Não poderia tê-los aceito.

Não deveria tampouco ter concordado com as núpcias, mas isso não estava no seu poder decidir. Cometeu um erro trágico quando recebeu os presentes. Foi uma *hybris*, um descomedimento, desejar algo mais daquela da qual já havia tirado tanto. O coro tinha previsto que ela aceitaria os presentes: *Graça e brilho imortal a persuadirão a pôr / sobre si o véu e a coroa fabricada de ouro* (983 a 984).

Jasão, por outro lado, achou que poderia usar o numinoso e se descartar dele conforme suas necessidades em busca do poder. Aqui, a tragédia nos mostra os perigos do relacionamento indevido com potências sagradas.

O mensageiro termina o relato refletindo sobre a condição de nós mortais, que ele considera "sombras", frente àquilo que nos transcende, frente aos numes:

*Sem temor diria que entre os mortais,
os que se creem sábios e filósofos
estão condenados à máxima loucura.
Nenhum mortal é homem de bom Nume;
na prosperidade, um teria sorte melhor
que outro, mas não teria bom Nume.
Parece que com justiça hoje o Nume
amarra muitos males a Jasão.*

(1225 a 1232)

Medéia diz ao coro ser necessário matar os filhos o mais rápido, antes que mãos inimigas o façam. Ela exorta a si mesma para fazer o que sabe que terá de ser feito. Ela afirma o quanto ama os filhos que gerou e a imensa dor que sente ao ter de sacrificá-los. Sua alma ferve com intensidade.

Os filhos representam o resultado de uma união mal sucedida. Dentro de uma perspectiva junguiana, se olharmos para Medéia como *anima* de Jasão, essa fracassada união aconteceu entre um homem e um arquétipo que pertence à esfera do numinoso. A *anima* é o feminino dentro do homem. É o elo de ligação entre sua consciência e o universo inconsciente onde habitam monstros e Deuses. Jasão é um herói que busca conquistar ou recuperar um poder que lhe pertence, o trono de Iolco. Sua jornada ao estrangeiro, à "bárbara" Cólquida, é sua grande prova iniciática.

Na perspectiva que adotamos, o estrangeiro simboliza aqui o vasto domínio do inconsciente, e a jornada de Jasão em busca do vélo de ouro, o processo de individuação. Medéia, versada nas artes mágicas, foi a grande condutora do herói nas batalhas que travou com essa dimensão do seu ser. Ela colocou seu poder a serviço de Jasão.

Os arquétipos do inconsciente coletivos são de natureza numinosa. Não os possuímos mas somos por eles possuídos. Eles são transcendentais à consciência. Devemos nos relacionar com as imagens arquetípicas sempre com o devido cuidado. Medéia representa a imagem arquetípica da *anima*. A têmpera heróica de Jasão o faz merecedor dos cuidados de sua *anima*. De sua relação com ela nascem "filhos", potências que podem crescer, se desenvolver e que seriam de inestimável valor para o herói. Em um determinado momento ele exorta, dirigindo-se aos filhos: *Que eu vos veja bem crescidos... / perfeitos, mais fortes que meus inimigos* (920-921).

O compromisso que Jasão estabeleceu com Medéia é da ordem do sagrado: pelos deuses ele havia jurado fidelidade. Não se pode trair uma união dessa natureza impunemente. A *anima* traída reage com toda exuberância que lhe é própria. Os “filhos”, aquilo que crescia como parte de Jasão, produtos dessa união, devem ser sacrificados.

Quando Jasão chega para salvá-los já é tarde. Medéia se retira com os corpos em um carro alado mandado pelo Sol. Eles serão enterrados, com todas as honras que lhes são devidas, no templo de Hera. Medéia vai instituir o culto dos filhos. Aquilo que é produto da tentativa de união entre o numinoso e o humano, quando sacrificado, volta para sua natureza de origem, que é a do divino. É por esta razão que serão enterrados no templo de uma deusa e possuirão um culto próprio.

No final de suas tragédias, Eurípides usa o recurso do aparecimento de uma divindade que realiza o fecho do drama e, algumas vezes, institui um culto. O “deus ex machina” surge pelo alto, acima dos mortais. Nessa tragédia é Medéia que ocupa, em seu carro alado, o lugar da divindade. Isto reforça o seu caráter numinoso.

Para o mito e para a mentalidade grega, o crime de Medéia é o pior possível. Fosse ela uma simples

heroína trágica, o seu final seria outro. Jasão clama às Erínias – as vingadoras do sangue derramado – e à justiça divina para que destruam a assassina. O provável seria que isso acontecesse, mas não é o que acontece a Medéia. Talvez essa seja a razão da última fala do coro, provavelmente opinião do próprio Eurípides:

*Muitos são os dons de Zeus Olímpio,
muitos os inesperados atos dos Deuses
e assim os esperados não se cumprem,
Deus acha passagem para o inesperado,
assim acabou este drama aqui (1415 a 1419).*

Essa fala aponta para a natureza imponderável do divino. Para a mentalidade grega, a esfera do humano é distinta e distante da esfera do divino. Os desígnios dos deuses parecem transcender nossa possibilidade de compreensão. A questão é saber se o que chamamos de imponderável realmente o é em essência e, portanto, por nenhum meio atingível. Ou se “os inesperados atos dos Deuses” possuem uma inteligibilidade à qual, por graça dos mesmos deuses aliada a um sincero e derradeiro esforço humano, podemos de algum modo ter acesso. ▲

Este artigo inclui notas bibliográficas que aqui não constam por motivos de espaço. Os interessados em obtê-las poderão se dirigir à Associação Palas Athena por carta ou fax.

LAURA ROIZMAN

TERAPIAS ECOLÓGICAS

*Nosso mundo atingiu um estado crítico...
O fim do mundo não pode estar longe.*

(Um sacerdote egípcio, *circa* 2000 a.C.)



LAURA ROIZMAN é professora universitária e da Associação Palas Athena. Mestre em Ecologia e doutoranda em Saúde Pública. Dirige a instituição Noosfera, Ação Educativa e Meio Ambiente.

Jardim de Esculturas do MAM
Pq. Ibirapuera (s/título)



Eliane Pralik (Paleo Páz)

Lê-se nos jornais que em breve seis bilhões de pessoas passarão a habitar nosso planeta. Elas dividirão o espaço e os recursos disponíveis com uma diversidade imensa de formas de vida, desde a inteligente simplicidade de um vírus, até a complexidade do ser humano que, consciente de si mesmo, deveria ter muitas responsabilidades no trato do nosso Planeta Azul.

É tão bela a imagem da Terra vista do espaço: uma pérola azul navegando na imensidão do cosmos, um útero de criação, que abarca a vastidão de maravilhas naturais e a variedade de problemas complexos que afetam, direta ou indiretamente, a todos. E aqui estamos nós, seres humanos, como todos os viventes viajantes do cosmos, nos alimentando, dependentes, como um recém-nascido, dos recursos do planeta. É pena que nossa saúde coletiva seja fraca e necessite de uma série de terapias ecológicas. Cerca de um terço da população mundial vive na pobreza absoluta: dois bilhões de pessoas têm renda inferior a um dólar. 100 milhões de crianças nascem, por ano, nos países em desenvolvimento. Apesar do fim da ameaça da Guerra Fria, somos testemunhas de um grande número de conflitos armados em várias partes do mundo, como o terrorismo e a violência devidos ao narcotráfico e ao fundamentalismo religioso.

Em 1992, preocupadas com o meio ambiente, várias lideranças mundiais reuniram-se no Rio de Janeiro, na tentativa de traçar algumas metas para a humanidade, no sentido de preservar e proteger o ambiente global. Outros encontros, versando sobre esses assuntos, aconteceram antes e depois da Eco 92. Infelizmente ainda carecemos de ações efetivas, no que diz respeito a uma série de questões polêmicas. Situemo-nos em relação a algumas delas.

Problemas ambientais: entre a retórica e a realidade

1. O TEMA: DIVERSIDADE BIOLÓGICA

Os dados – Variabilidades dos organismos vivos de todas as origens, compreendendo a diversidade dentro das espécies, entre estas e nos ecossistemas.

A retórica – Na Rio 92, 161 países (menos os Estados Unidos) aprovaram a Convenção Sobre a Diversidade Biológica, com o objetivo de conservá-la e utilizá-la de forma sustentável, para benefício das atuais e futuras gerações.

A realidade – A perda da biodiversidade está se acelerando, pela contínua diminuição dos *habitats* naturais e a excessiva fragmentação dos ecossistemas, como se vê nas florestas dos trópicos, onde vive um grande número de comunidades tradicionais, como as populações indígenas.

2. O TEMA: A CAMADA DE OZÔNIO

Os dados – Os CFCs, gases usados em aerossóis, geladeiras antigas e aparelhos de ar condicionado, destroem a camada de ozônio da atmosfera terrestre. Esta nos protege do ingresso de raios ultravioletas, que podem causar vários tipos de câncer e ameaçar o desenvolvimento de plantas importantes na cadeia alimentar.

A retórica – Em 1987, 110 países assinaram o Protocolo de Montreal, que previa o abandono gradual do CFC nas produções industriais. Alguns países em desenvolvimento terão de parar de produzir o gás até o ano de 2010.

A realidade – O ritmo de substituição dessa substância está mais lento do que há quatro anos. Alguns países (como a China, que produzia 12 mil toneladas métricas em 1986 e produziu 60 mil em 1996) não vão cumprir as metas de redução. Gases emitidos no passado continuam danificando a camada de ozônio hoje.

3. O TEMA: O EFEITO ESTUFA

Os dados – Um conjunto de gases, como o dióxido de carbono e o metano, age como o vidro de uma estufa, aprisionando o calor na superfície da Terra. Isso pode ocasionar: a) aquecimento global; b) derretimento de geleiras; c) elevação do nível dos oceanos; d) mudanças no clima do planeta.

A retórica – Na Rio 92, aprovou-se a Convenção Sobre as Mudanças Climáticas Globais, na qual várias nações se comprometeram a reduzir voluntariamente as emissões de gases causadores do efeito estufa. Em dezembro de 1997, a Conferência das Partes da Convenção do Clima se reuniu em Kioto, com o objetivo de determinar limites bem definidos para a produção dos gases causadores desse fenômeno e delinear um calendário para a sua implementação.

A realidade – Na prática, as nações ignoraram a Convenção e continuaram poluindo a natureza com gases causadores do efeito estufa. Alguns argumentam que as variações climáticas do planeta (como o aumento da temperatura global média nos últimos 150 anos e a elevação de 15 cm do nível do mar, de 100 anos para cá) não são de origem apenas humana, pois o clima varia através dos tempos. As negociações de Kioto foram difíceis, devido aos interesses econômicos envolvidos. Os países industrializados diminuirão as suas emissões em apenas 5%, em relação ao ano de 1990.

4. O TEMA: DESMATAMENTO

Os dados – A derrubada de florestas implica a eliminação natural dos *habitats* de diferentes espécies, lixiviação e empobrecimento do solo. Pode haver alterações térmicas locais, deslizamentos de terra e enchentes.

A retórica – As devastações florestais foram amplamente discutidas e divulgadas, antes e durante a Rio 92, mas não se estabeleceu nenhuma convenção para a proteção das matas.

A realidade – Não se chegou a nenhum consenso mundial em relação à conservação efetiva de florestas no âmbito global. O mundo continua, a cada ano, destruindo uma quantidade de matas do tamanho do Nepal. Entre 1991 e 1995, as florestas tropicais foram derrubadas e queimadas à taxa de 126 mil quilômetros quadrados por ano.

5. O TEMA: FINANCIAMENTO

A retórica – Durante a Rio 92, algumas delegações sugeriram que as nações desenvolvidas incrementassem a ajuda aos países em desenvolvimento em 0,7% de seus produtos nacionais brutos.

A realidade – As fontes de financiamento têm decaído lentamente.

Como é óbvio, as ações reparadoras exigem uma série de atitudes que transcendem os valores intrinsecamente ecológicos, e levam em consideração questões políticas e econômicas. Os países industrializados, que estão poluindo o mundo há 150 anos, deverão ou não arcar com o maior sacrifício na emissão de dióxido de carbono, reduzindo assim suas atividades industriais? Estarão eles dispostos a pagar por isso? Cada um de nós está ou não disposto a dar sua contribuição, fazendo a parte que lhe cabe na mudança desse panorama?

ÁRVORES QUE SE VÃO E NÃO VOLTAM – No espaço territorial que compartilhamos – o Brasil – é possível vislumbrar um cenário que não é dos mais alentadores. Somos testemunhas de contínuas desigualdades raciais, pobreza e violência urbana, entre outros problemas. No campo, os confrontos pela posse da terra se intensificam a cada dia. Muitos não têm acesso às condições básicas de moradia, estudo e cuidados de saúde. Nosso ambiente sofre as agruras de um péssimo gerenciamento. Atendendo a interesses econômicos de madeireiras estrangeiras, a cada dia se exterminam grandes trechos da floresta amazônica, patrimônio único da criação da vida na Terra. Numa espécie de torpor coletivo, esquecemo-nos de que só nos restam menos de 9% da Mata Atlântica. Devido ao desmatamento (perdemos, por ano, 15 mil quilômetros quadrados de mata, na Amazônia), somos o quinto maior emissor mundial de carbono. Apesar disso, há uma redução de 64% no orçamento federal para a proteção da floresta tropical.

Nosso país recebeu o nome de uma bela árvore, que foi arbitrariamente levada embora e nunca mais replantada. Poderíamos ter aprendido a dolorosa lição de que a extração inescrupulosa de recursos naturais enriquece algumas poucas pessoas e empobrece grande parte da população. Nossas florestas são o lar de um grande número de comunidades indígenas, detentoras de um enorme manancial de conhecimento da natureza, como as plantas medicinais. Em nosso mundo natural encontra-se, desconhecida, a cura de várias doenças. No entanto, várias empresas farmacêuticas estrangeiras têm patenteado o princípio ativo de medicamentos extraídos de plantas brasileiras e têm lucrado milhões de dólares com isso. Além de

nos sentirmos lesados por essa biopirataria, não podemos mais permanecer de braços cruzados, deixando as espécies desaparecer aos milhares, sem que tenhamos a chance de conhecê-las, estudá-las e amá-las.

Detenhamo-nos um pouco mais na questão da biodiversidade, por se tratar de um tema interessante, dos pontos de vista sistêmico e holístico. A civilização atual está matando, em escala planetária, muitas espécies de vida. E o faz num ritmo muito mais rápido do que elas podem ser naturalmente criadas. Ocorre que nós, da espécie humana, não podemos viver isolados dos animais, vegetais, bactérias, fungos e demais seres vivos, dos quais depende a nossa manutenção. Grande parte dessas espécies nem sequer é conhecida. Diz-se que os astrônomos conseguem contabilizar de maneira mais satisfatória as estrelas nas galáxias do que os biólogos o número de criaturas vivas no planeta.

Do ponto de vista ecológico, as espécies podem ser observadas segundo um novo olhar paradigmático. Formam uma verdadeira rede de relações biológicas, ambientais, cíclicas e dinâmicas. Há bons exemplos disso. Pesquisadores descobriram, recentemente, uma fruta comum no cerrado brasileiro, fundamental para a recuperação e formação dessa região e muito apreciada pelo lobo guará. Em sua composição, há uma substância utilizável para a fabricação de antibióticos, anticoncepcionais e antiinflamatórios. Será essa planta importante apenas por seu valor comercial, ou terá ela um valor intrínseco, por ser um dos tantos elos na manutenção do equilíbrio biológico em nossos ecossistemas?

OS SISTEMAS E O MUNDO NATURAL – De uma perspectiva antropocêntrica e reducionista, poderíamos afirmar que essa fruta é importante por seu potencial de rentabilidade. Entretanto, seguindo a abordagem sistêmica, diríamos que seu valor é também intrínseco. Assim, todas as formas de vida são uma manifestação do sagrado e têm o seu próprio valor, que independe do que o homem lhe confere. A incorporação da visão sistêmica e holística ao ambiente natural propicia atitudes ecológicas e sociais, sejam elas de ordem política, econômica ou individual. É uma falácia imaginarmos que é possível calcular o valor econômico dos serviços que a natureza nos

presta. As forças que impulsionam os ciclos naturais são gigantescas e inestimáveis. É melhor que trabalhe colaborando com elas e não contrariando-as.

A natureza funciona como um complexo esquema de redes de conexões e interdependências, onde todos os viventes estão interconectados entre si e com o ambiente, tecendo-se assim a complexa trama da vida. O que seria de nós sem as abelhas, que polinizam as nossas plantações? Tudo está conectado com tudo. Uma seca no Brasil afeta a cotação da soja na Bolsa de Nova York; as emissões de gás carbônico na Indonésia afetam o clima de todo o globo; as políticas de gerenciamento agrícola, geradas a partir de nossos votos, interferem na qualidade da água que bebemos; e isso, por sua vez, tem implicações em nossa saúde. Inflação e degradação ambiental são companheiras de viagem, tal como a escassez de água e as guerras. Os problemas ecológicos estão ligados aos conflitos armados, questões sociais, econômicas e psicológicas, entre tantas outras. É uma enorme trama de fatos, elos e interdependências na qual perdemos a noção de causa e efeito, de tempo linear e espaço continuado.

A ecologia dança ao compasso da física quântica, segundo uma partitura em que a causalidade cede o lugar à probabilidade. O pensamento da ecologia profunda, cunhado por Arne Naess, implica uma total reformulação de valores, que emergem de uma nova visão de mundo. Poderíamos aqui nos deter longamente em uma série de explicações complexas. Para isso, muitos cientistas, sábios, religiosos, homens e mulheres de infinito conhecimento e sabedoria, teceram um ideário de mudança de paradigma e de estruturas, que transcende a nossa rotineira compreensão da realidade.

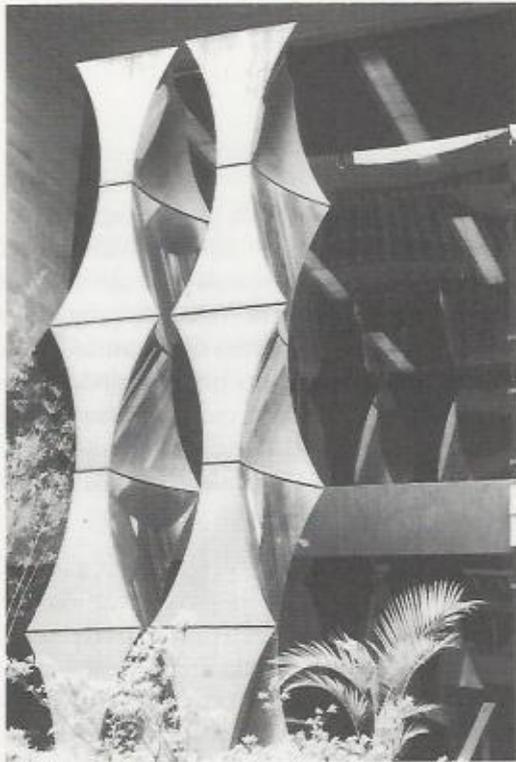
A verdadeira realidade ultrapassa os nossos sentidos e a estreiteza das explicações acadêmicas. Natureza, homem e cosmos são um. É a mente humana que cria as linhas de separação, as categorias e disciplinas. "O mesmo rio da vida que corre no mundo flui em minhas veias", disse Tagore, o poeta indiano. O homem não tramou o tecido vital, é apenas um de seus fios: tudo que ele fizer ao tecido fará a si mesmo. Assim escreveu, em 1854, o chefe indígena Seattle ao presidente dos Estados Unidos, quando este propôs comprar as terras de sua tribo.

Em 1998, em plena era da globalização e informação, pautamos modelos de desenvolvimento econômico, testemunhamos as oscilações do mercado de ações, desenvolvemos tecnologias de ponta, manipulamos genes e átomos. Dentro dessa ansiedade cultural que nos assedia, seja no plano individual, nacional ou planetário, nós nos esquecemos, em grande parte, do tempo e da nossa origem sagrada, que estiveram mais presentes na condição mítica primeva de nossa história como espécie.

A complexidade dos problemas agrava a mudança de realidade e, apesar dos inegáveis avanços que experimentamos, algumas vezes me parece que o discurso ecológico sofre um ligeiro arrefecimento, um sutil desgaste. As questões ambientais e sociais têm sido amplamente divulgadas pelos meios de comunicação e estão continuamente sob os nossos olhos. Contudo, uma certa sensação de "não sei ao certo o que fazer" toma conta de nós. Nessa cadeia de fatos, onde o tempo parece caminhar cada vez mais rápido, parece que estamos num sono profundo: e é hora de despertar. O que buscamos? Quais os valores que norteiam a nossa caminhada como criaturas conscientes, num panorama que desagrade a todos? Um olhar para o amanhã nos faz perguntar: que tipo de desenvolvimento gostaríamos de ter?

Estariamos nos preocupando com uma situação alheia às nossas forças, uma realidade que transcende a luta de qualquer homem ou mulher inconformado com o apetite insaciável de pão, amor, justiça e paz que nos atinge, durante a leitura de um jornal? Desconhecemos os desígnios do Universo, afirmou o famoso escritor argentino Jorge Luís Borges. Mas, seja qual for o destino que nos aguarda dentro da criação, só nos resta uma opção: ação individual com consciência planetária. Agir individualmente e ser protagonista dessa jornada mítica contemporânea, fazer parte de uma humanidade desperta, que busca a saída de um labirinto, um entrecruzamento confuso de caminhos, um emaranhado onde é preciso descobrir a rota, vencer as provas e as dificuldades do percurso.

TEMPO DE DESAFIOS – Eis aqui o desafio do homem e da mulher contemporâneos: progredir em termos éticos e sociais sem vilipendiar a vida no planeta. É certo que grandes mudanças dependem de um



Av. Paulista (s/título)

número complexo de políticas públicas, empresariais, decisões econômicas. Entretanto, o preparo de indivíduos voltados para uma ética ecológica é o fundamento de toda e qualquer mudança. Essas pessoas são professores, empresários, políticos, terapeutas, pais, mães, todos nós, enfim. É uma longa empreitada, uma tarefa artesanal que começa na infância, uma edificação muito mais laboriosa nas fases mais maduras de nossa existência. E também um aprendizado na forma de viver, no respeitar a si mesmo, no conhecer a nossa natureza, na compaixão por outros seres humanos e demais formas de vida. É o preparo de cidadãos voltados para o bem comum, de ouvidos ligados à sabedoria natural. Estamos sempre às voltas com notícias de um sem-número de desvios de verbas e corrupção. É preciso que preparemos cidadãos eticamente conscientes e engajados.

Dada a rapidez das ameaças, e a escala planetária na qual elas acontecem, podemos afirmar que nosso Santuário Global, pela primeira vez na história da humanidade, está realmente ameaçado. As curas, também planetárias, devem ser conduzidas no sentido de tratar uma doença crônica e cada vez mais complexa. Estamos numa fase experimental: caminhando para a emergência de uma série de terapias ecológicas, que recuperam a sabedoria tradicional da história da humanidade. Pena que ela tenha sido relegada ao esquecimento em muitas de nossas escolas, nos lares e na mídia.

Concentremo-nos aqui nas terapias ecológicas. Estas são o fio condutor do labirinto onde nos encontramos. Tracemos um caminho didaticamente sinalizado: os treze princípios para a cura planetária. São eles:

1. ***Não à alienação*** – Estamos nos acostumando com as atrocidades divulgadas pelos meios de comunicação, a violência dos filmes, a pobreza nas ruas. Criamos uma espécie de apatia coletiva, que nos impede de agir na direção de um mundo mais justo. É necessária uma utopia. Por meio dela, poderemos quebrar nossos condicionamentos e faremos a parte que nos cabe, na busca de um futuro desejável.

Toda ação é válida, não importa que pareça pequena. Entre atuar pouco e não atuar, optemos sempre pela ação, pois pouco sabemos sobre as repercussões que nossos comportamentos podem ter no mundo, na vida de uma pessoa ou de qualquer ser vivo. Um pequeno passo pode ser o que desencadeia a avalanche.

2. ***Saúde individual e coletiva*** – As mudanças saem das partes para atingir o todo. Cada célula contribui para a estabilidade do organismo. Cada habitante da Terra desempenha seu papel na saúde coletiva. Esta não pode ser compreendida segundo um modelo isolacionista, visto que todos os seres vivos estão interconectados entre si, com o ambiente e com a imensidão do cosmos. Não podemos dar as costas aos milhões que passam fome. Nossos corpos são campos de energia condensada em busca da plenitude. Devemos cuidar de todos eles. Afinal, são os veículos de nossas ações na sociedade e no mundo natural.

3. ***Sanear é preciso*** – O mundo é um espelho de nós mesmos. Para resolver os problemas globais, devemos começar por nosso saneamento interno. As transformações que tanto buscamos começam no plano individual e se irradiam, por meio de redes interdependentes, para o mundo. Se algum problema destes nos amedronta, devemos nos perguntar como ele se reflete em nossa situação pessoal. Por exemplo: se a pobreza do mundo nos afeta demais, não estaremos com isso vivenciando algum tipo de indignidade interior? Se somos ativos em relação ao movimento antinuclear, não estaremos sendo motivados pelo medo ou pela culpa? Nossos sentimentos devem ser observados à clara luz, para que as trevas possam se

dissolver. Os que nos cercam serão mais estimulados por nossa força e energia do que por nossas palavras.

4. Riqueza e pobreza – Tanto a pobreza quanto a fartura podem causar problemas ambientais. O desenvolvimento deve adequar-se ao ambiente, à cultura, à história e aos sistemas sociais de cada região. A pobreza, tanto a das pessoas quanto a do mundo, apóia-se na crença de que a escassez é uma realidade irrefutável. Sabemos, porém, que os recursos do planeta seriam suficientes para preencher as necessidades de todos, desde que distribuídos com equidade. A natureza funciona segundo a lei do menor esforço. Faz grandes progressos com um mínimo de matéria. O uso eficaz de recursos aumenta o número de pessoas por eles beneficiadas. Contrariamos esse princípio natural ao desperdiçarmos toneladas de alimentos, fazendo com que milhões passem fome.

5. A ciclagem de materiais – As substâncias necessárias à vida passam por ciclos e são reaproveitadas pelos seres vivos. Quanto mais nossas políticas e atitudes cotidianas incorporarem este conceito às suas ações, mais diminuiremos o impacto das grandes massas humanas no planeta. Nossa sociedade de consumo contraria essa lei natural, acumulando diferentes tipos de desperdício, que se avolumam e agridem o ambiente de diferentes maneiras.

6. O fluir da energia – A matéria do planeta permanece nele e se transforma continuamente por meio da energia da Terra e do Sol. A energia solar impulsiona as cadeias alimentares. É um de nossos recursos essenciais. Sem a luz, o calor e o alimento que proporciona, a vida humana não existiria. Grande parte da energia é utilizada de maneira ineficaz. A queima de carvão e petróleo ameaça o clima, a vegetação e o ar que respiramos.

7. Prevenir é melhor que remediar – A recuperação de um ecossistema degradado é muito mais difícil que sua preservação. Apesar de todos os nossos avanços tecnológicos, não há técnica que devolva a vida original a uma mata tropical ou outros tipos de ecossistemas devastados. Diante da atual taxa de devastação, é fundamental uma atitude de conservação dos ecossistemas que ainda restam.

8. A relatividade do tempo – Durante a nossa existência, experimentamos diversas noções de tempo: o linear, segmentado, da nossa experiência cotidiana, e

o não-linear, percebido nos momentos de plenitude e desencanto pela física moderna, pelos escritos antigos e pelos sábios e místicos. Não sabemos se a realidade existe dentro de um tempo serial e sucessivo, como uma substância que flui naturalmente. Devemos preservar e respeitar o mundo natural, que nada mais é do que uma manifestação material e energética do eterno e do infinito. São necessários cem anos para formar um centímetro de camada fértil no solo, e esta pode ser destruída em 8 horas, se cair uma chuva forte sobre a terra desprotegida.

9. Incerteza – Não entendemos o funcionamento do mundo. A ciência moderna nada mais é que uma tentativa de criar modelos de uma realidade absurdamente complexa. O fato é que nem sequer sabemos o quanto desconhecemos. Nossos sistemas políticos e econômicos tomam decisões baseadas num profundo grau de incerteza. Não podemos prever a magnitude do impacto humano sobre o ambiente e a saúde dos seres vivos. Os resultados podem ser impressionantes. Nossas ações devem ser cautelosas, cuidadosas. Quem poderia imaginar, pouco tempo atrás, que uma substância presente em um *spray* de desodorante poderia afetar a camada de ozônio da atmosfera?

10. Diversidade e criatividade – Nenhuma criação natural se repete, todas elas são infinitamente variadas. De todos os bilhões de seres humanos que habitaram o planeta, jamais existiram dois indivíduos exatamente iguais. Fruto da diversidade genética e da complexidade ambiental, sabemos que cada vida humana, assim como a evolução de todas as formas de vida na Terra, tem suas raízes na criatividade. A diversidade é intrínseca à vida. A falta de respeito pelo diferente nos tem levado a um incontável número de guerras, holocaustos e ao extermínio de diversas formas vitais.

11. Poder pessoal – Somos muito mais poderosos do que podemos imaginar. Nossas atitudes podem ser extremamente transformadoras para o meio que nos cerca. Como uma alavanca que impulsiona um intrincado mecanismo, podemos gerar um poderoso movimento energético por meio de nossos comportamentos. Somos, portanto, os atores principais no palco da nossa história. Devemos fazer um uso ético de nossa energia física e mental. Quando tomarmos consciência da dimensão do nosso próprio poder, poderemos ter uma certa dificuldade para lidar com

ele. Contudo, precisamos trabalhar de modo adequado nesse sentido, para nosso próprio bem e o das pessoas que virão depois.

12. Evolução e mudanças – As mudanças são inerentes à vida. A evolução é um processo sem fim. Nossa alma é aventureira, está sempre interessada pelo novo, o inédito, o transformado. Vivemos numa sociedade cujas transformações têm sido muito rápidas e intensas. Auxiliadas pela rapidez da revolução da informática, essas mudanças têm criado um novo contingente de excluídos, que estão à mercê dos que detêm a economia por meio da tecnologia. Devemos usar a nossa criatividade e poder de cooperação, para que possamos ser os agentes transformadores dos

processos que não visam o bem comum. Assim, poderemos ajudar na evolução das instituições voltadas para a solução de problemas emergentes.

13. A mãe natureza e o feminino – A natureza simboliza o aspecto feminino, intuitivo e nutridor que existe em cada um de nós. A falta de equilíbrio e respeito para com o meio natural mostra a desarmonia de uma sociedade de indivíduos que negligenciam a sua natureza intuitiva e feminina. O planeta é o nosso corpo coletivo. A forma como o tratamos nada mais é do que o produto do descaso para com nossos sentimentos e aspectos cooperativos, intuitivos e preservadores. Nossas instituições políticas, acadêmicas e econômicas são um reflexo dessa situação.

Uma vez compreendidos esses princípios, detenhamo-nos um pouco mais nas ações individuais em relação à consciência planetária. Sugere-se uma leitura delas, seguida de sucessivas releituras, para a sua gradual aplicação ao cotidiano. Escolhamos algumas e as pratiquemos, na medida do possível. Mãos à obra.

- **Despertar** os nossos sentidos para a realidade. Não fugir ao contato com o sofrimento de todos os seres vivos. Informar-se sobre o que está acontecendo no país e no mundo. Refletir sobre as atuais causas da pobreza e das devastações ambientais. Analisar criticamente o papel da mídia na geração do cenário atual. Refletir sobre os impactos globais da acumulação de capital na natureza e na sociedade.
- **Fortalecer corpo e mente.** Buscar uma alimentação natural, equilibrada e moderada. Praticar alguma atividade física não-violenta. Procurar práticas físicas e meditativas que propiciem estados de harmonia. Não poluir o organismo com medicamentos agressivos. Fazer da simplicidade um estilo de vida. Alimentar-se com o contato humano, leituras e filmes que contribuam para um mundo mais belo e justo.
- **Disposição** para reconhecer e tratar as dificuldades do nosso mundo interior, nossa violência, pobreza ou desequilíbrio, se realmente queremos livrar desses problemas o mundo externo. Buscar auxílio em diferentes formas de aconselhamento ou terapia.
- **Nutrir** as dimensões interiores ligadas à intuição e à cooperação. Dar valor às mensagens trazidas pelos sentimentos.
- **Educar a comunidade.** Quebrar o estado de acomodação dos outros por meio de cartas, aulas ou o que estiver ao alcance. De maneira compassiva, aproveitar as conversas com familiares e amigos para analisar criticamente a realidade. Participar da alfabetização e educação de pessoas economicamente carentes.
- **Organizar** encontros, eventos e passeios comunitários, com fins educativos em relação à paz, ao meio ambiente e à sociedade.
- **Criar organizações** voltadas para os trabalhos sociais e/ou ecológicos que sua comunidade estiver necessitando. (Exemplo: creches, escolas, programas de reciclagem de lixo etc.). Buscar a ajuda de pessoas com experiência prévia neste setor.
- **Votar** de maneira consciente, preocupada com o bem comum. Pressionar os parlamentares e governantes para que trabalhem no desenvolvimento de políticas favoráveis à paz, ao combate à fome, ao desemprego, e que facilitem a reciclagem do lixo, a conservação de recursos e ecossistemas e a proteção à biodiversidade.
- **Denunciar** aos órgãos competentes qualquer situação de corrupção ou falta de ética de que se tome conhecimento. Denunciar desmatamentos ilegais e outras ações destruidoras em áreas de conservação. Buscar o auxílio de organizações não-governamentais.
- **Partilhar** dinheiro e tempo com os desfavorecidos. Contribuir para a alimentação, vestuário e/ou

medicação de pessoas necessitadas. Não desperdiçar alimentos. Doar sempre comida para instituições de combate à fome.

- **Participar** de organizações voltadas para a saúde pública, a paz e a ecologia. Não exercer profissões agressivas à natureza ou à sociedade. Ser responsável ao gerar uma criança. Favorecer a adoção de crianças carentes.
- **Conservar** os recursos naturais. Procurar dirigir o mínimo possível veículos automotores. Economizar energia nas atividades diárias. Checar a eficiência energética de eletrodomésticos. Consumir menos produtos animais e mais grãos, que necessitam de menor quantidade de energia para ser produzidos. Não comprar materiais provenientes de recifes de coral, florestas tropicais, exploração humana ou trabalho infantil.
- **Plantar árvores:** elas ajudam a combater o efeito estufa. Não comprar móveis feitos com madeira nobre, como o mogno ou outras provenientes de florestas tropicais. Não queimar ou desmatar.
- **Dar emprego** como for possível. Fazer o dinheiro fluir de maneira justa, por meio de atividades úteis ao bem comum. Evitar gerar desemprego e procurar remunerar com dignidade. Não empregar crianças, mas sim promover seus estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – No século vindouro não poderemos, de maneira nenhuma, prescindir das questões relativas ao bem-estar da sociedade e da natureza. O fato é que estamos indo longe demais, ao servir aos interesses imediatos de uma cultura que cultiva a acumulação do capital em detrimento do bem-estar social, a eterna juventude do corpo em detrimento da grandeza do espírito. Por mais que sejamos testemunhas de rápidos avanços tecnológicos, nada sabemos a respeito da clonagem das virtudes humanas, ou como poderemos comprar, via Internet, a saúde coletiva de nossa sociedade doente.

É muito importante que, a partir de agora, os sistemas educacionais – e aqui incluímos as escolas, os meios de comunicação, os educadores, pais, terapeu-

- **Respeitar** os outros, independentemente do nível social, cor, sexo ou religião. Tolerar pontos de vista diferentes e ampliar a visão de mundo.
- **Informar-se** a respeito dos problemas ambientais e sociais e pesquisar as alternativas possíveis de solução.
- **Incentivar** as iniciativas de combate à pobreza e à devastação ambiental. Dar-lhes todo o auxílio que estiver ao seu alcance.
- **Reutilizar** os bens que já possui. Refletir sobre o lixo que produz diariamente: de onde veio, para onde vai. Tentar formar compostos com os materiais orgânicos. Não jogar dejetos ou lixo no mar, nas florestas, nas ruas. Consumir moderadamente, dando preferência a produtos não-tóxicos, biodegradáveis, recicláveis, com menos embalagens.
- **Comparecer** a encontros e eventos que favoreçam a paz, a equidade, a ecologia.
- **Motivar** organizações a participar de programas educativos em meio ambiente. Auxiliar as iniciativas de políticas públicas, visando um gerenciamento adequado dos recursos naturais e o bem-estar social.
- **Divulgar** seus pontos de vista nos meios de comunicação disponíveis.

tas, empresários, professores – e qualquer cidadão preocupado com a crise que atravessamos, estejam mobilizados em um grande compromisso de mudança de mentalidade.

As ações individuais com consciência planetária gestam a Revolução da Consciência, que acontece em cada um de nós, extrapola os limites do corpo e se mescla com a criação divina, da qual somos todos co-participantes. É uma Revolução de bases firmes, duradoura em seus resultados. Você está convidado a embarcar nela. Lembremos Rabindranath Tagore:

*Nós dois construiremos uma ponte para o sempre.
Entre dois seres, cada qual para o outro desconhecido,
Esta incrível maravilha está no âmago das coisas.▲*

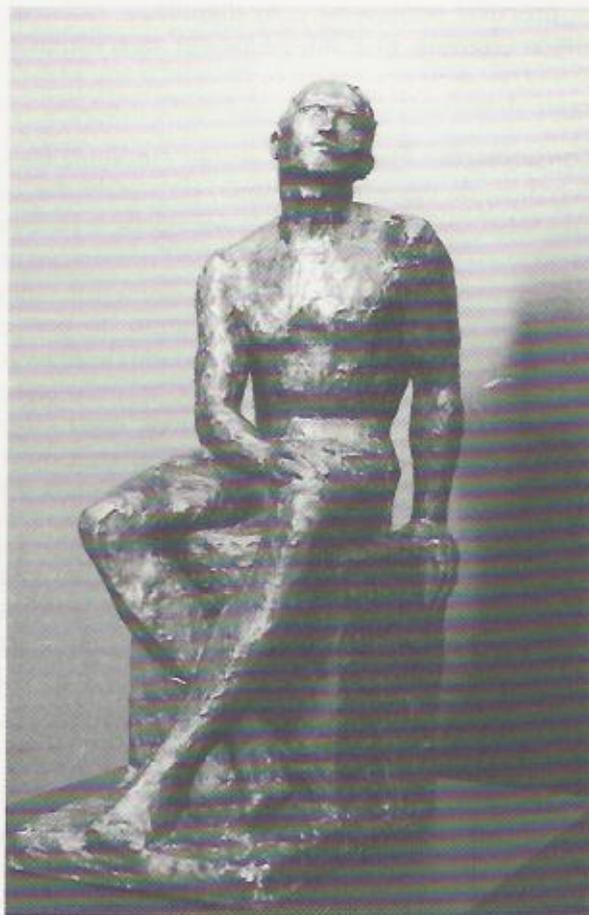
NOTA DA REDAÇÃO – Este artigo inclui uma bibliografia. Os interessados em obtê-la deverão dirigir-se, por carta ou fax, à Associação Palas Athena.

RACHEL GAZOLLA

A CENSURA AOS POETAS
NA *REPÚBLICA* DE
PLATÃO; ALGUMAS
REFLEXÕES SOBRE
A TÉCNICA

RACHEL GAZOLLA DE ANDRADE é professora de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ernesto de Fiori (Descanso do Atleta)



No livro II da *República*, Platão propõe a Glauco e Adimanto pensar uma cidade para saber o que é nela a justiça, uma vez que a investigação iniciada no livro I, sobre o que é a justiça em cada um, havia chegado a um extremo embaraço.

Sócrates já confessara o quanto lhe desagradava não ter conseguido explicar por que a justiça é preferível à injustiça. A Politéia platônica inicia-se, então, do seguinte modo: pretende procurar a justiça com letras maiúsculas, para, quem sabe, vê-la nas minúsculas ou seja, buscá-la na cidade para encontrá-la em cada um. A cidade justa, diz Sócrates, terá que ser fundada nas necessidades dos homens, aprendidas historicamente, e nas geradas pela própria ação de investigá-la.

Esse início é importante, se nos colocarmos na perspectiva solicitada por Platão. Em nenhum momento o filósofo esquece que seu paradigma é uma construção *kata lógos*¹. No entanto, tão logo a reflexão sobre a cidade justa começa, surge o primeiro grande impasse: Adimanto crê que esse modo de ir construindo a *pólis* justa não deve dar certo. E Sócrates exclama:

– Ora, vamos! Eduquemos estes homens em lógô, como se estivéssemos inventando um mito (*en mythô mythologountés*) e estivéssemos no ócio (376 e).

Será a famosa *República* de Platão sedimentada ao modo dos mitos e a partir da fabricação investigativa de pessoas ociosas? É exatamente o que ele diz. Todavia, a contundente censura aos demiurgos-poetas, que aparecerá de modo explícito de 377c em diante, será feita exatamente pelos demiurgos-filósofos da cidade justa, quando eles aceitam fazer uso dos mitos.

Que semelhanças há entre o discurso platônico, que parece um mito (e não é censurável), e os mitos censuráveis dos poetas? Vejamos com mais cuidado a censura de Platão a estes, tal como exposta principalmente nos livros II e III da *República*.

Diz Sócrates, com anuência dos discípulos, que a cidade precisa ter o seu

demiurgo, seu artesão, para modelá-la. Ele será o seu educador, e obedecerá a certos princípios que devem ficar claros. Dificil tarefa. Entretanto, em se tratando do emprego do ócio para a investigação, por que não tentar estruturá-la?

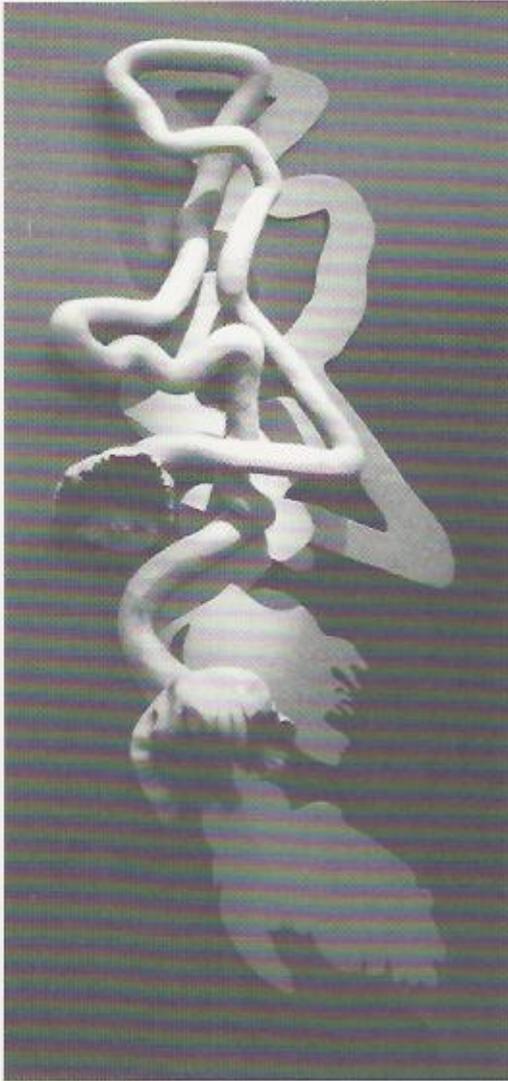
Sócrates inicia a educação dos cidadãos com a ginástica para o corpo e a música para a alma. Mas a educação musical comporta o *lógos*, e este inclui a verdade e a falsidade. O filósofo diz que ambos os *lógoi* (que a rigor são um só) devem ser ensinados. E declara:

– Não compreendes ... que primeiro dizemos mitos (*mythous*) às crianças? Ora, todo esse conjunto, em suma, é falso, embora com alguma verdade. Servimo-nos de mitos para as crianças antes de enviá-las ao ginásio (377a).

O poeta, que cria mitos, diz coisas falsas que contêm alguma verdade. Platão também edifica sua Politéia à maneira de um mito, como ele mesmo confessa. É bom lembrar que ele não expulsa os poetas da cidade, como se costuma dizer, mas os censura, e por dois motivos: 1) o poeta diz coisas falsas que têm algo verdadeiro; 2) assim, leva os homens a se emocionar, usando imagens que não têm como finalidade necessária o Bem.

Em relação ao primeiro motivo, aí se insere toda a crítica platônica à *technê* como ação de produzir “por semelhança”, uma vez que assemelhar-se a algo implica uma relação comparativa do modelo e sua cópia, que percorre toda a sua epistemologia. Quanto ao segundo motivo, Platão entra na difícil questão do poder humano em relação às ações, seus meios e fins, no que diz respeito aos afetos dos homens. Ou, em outras palavras, nos campos ético, político e retórico. Nos limites deste escrito, tentarei levantar algumas considerações dirigidas mais ao primeiro motivo do que ao segundo, apesar de ambos estarem vinculados.

O PROPRIAMENTE ESTÉTICO – É necessário que pensemos no que chamamos de poesia, no sentido estrito, uma vez que no sentido



Frans Krajcberg (s/título)

lato ela é o “fazer fabricante”, ligado à *poiêsis*, à ação de produzir em geral.

Tendo isso em mira, faço agora uma pequena digressão sobre o que chamamos, hoje, de Estética. Platão foi, provavelmente, o primeiro filósofo a fazer uma “Estética da arte”, isto é, a refletir sobre a criação artística, a *technê*, como campo de conhecimento relacionado às *aisthêseis*, às sensações ou afecções vindas do exterior e recebidas pela alma. Pensar a arte, ou *technê* – e pensar especificamente a poesia –, é colocar diante de si uma experiência emocional e cognitiva, implicada no

movimento afetivo-sensorial em conjunção com o pensamento. É o que o filósofo expõe nos livros II, III e X da *República*.

Na filosofia platônica, o que chamamos de Estética é, resumidamente, o pensar sobre o poder que a alma tem de receber *pathêmata*, as afecções. É, portanto, a capacidade de apreensão sensorial – *aisthêsis*. O estetério é a parte da alma que pode ser afetada por *pathêmata*, e que, em união com o *logistikón* (o lado da alma que tem *lógos*, a porção racional-discursiva), cria imagens. Estas podem ser percebidas, isto é, quando sabemos que somos por elas afetados, representamos a afecção. A esse poder de imaginar ou representar, Platão deu o nome de *Phantasia*, que se traduz por Imaginação (*Sofista*, 243a e seqs).

Para que a Estética viesse depois a ser uma reflexão particularizada sobre a *technê* como obra de arte, foi preciso que o homem criasse as chamadas Belas-Artes, coisa que a Grécia antiga não fez. Foi necessário que a ontologia platônica não só afirmasse a *aisthêsis* como apreensão sensível, mas abrisse o campo da *poiêsis* como reflexão sobre os modos do produzir humano e os valorizasse dentro de uma ontologia específica.

Platão refletiu sobre a *technê*, e criticou o seu distanciamento do Ser, apontando para seu estatuto ilusório como imitação e criação de simulacros. Ora, os simulacros são ontologicamente frágeis, assentam-se na imitação, o que ninguém negaria. Todavia, ao criticar as *technai*, o filósofo não critica as sensações (*aisthêseis*), como se poderia supor, pois elas são fundamentais à vida humana, são o solo da Imaginação. Na verdade, a crítica platônica às *technai* deve ser pensada primeiro na perspectiva da sua ontologia, para depois compreendermos sua inserção na epistemologia e seu valor com relação à busca da verdade.

Modernamente, os critérios para dizer que algo é uma obra de arte são exteriores a nós. Há cânones a seguir. Mas para um grego o Belo é um valor relacionado ao Bem, e portanto à virtude ou

excelência. Quando se diz que Aquiles tem virtude (*aretê*) nos cabelos e no corpo, ou que Helena tem *aretê* nos olhos, diz-se que o Belo lhes é inerente. Sendo assim, uma coisa será bela se tiver excelência, ou seja, se cumprir de modo virtuoso (bondosa e belamente) os fins pelos quais veio a ser. A beleza é constitutiva do ser. Nesse sentido, não existe o campo das Belas-Artes, mas coisas belas que se relacionam com o modo como cumprem o seu ser.

A poesia, no sentido estrito do termo, é um fazer que produz versos, ou seja, que tem palavras e musicalidade, vale dizer, ritmo e harmonia. É, portanto, um *lógos*. Fazer poemas implica dominar uma técnica, tanto quanto o sapateiro, o padeiro ou o pedreiro dominam as suas. Para Platão, muitas das chamadas ciências são, como está no final do livro VI da *República*, *technai*, artesanias pertinentes ao domínio da fabricação, com suas especificidades. Os médicos e legisladores, por exemplo, estão no campo da *poiésis*: são técnicos, como os poetas.

Ora, todas as artes têm em si a fruição. Hoje dizemos, em relação à obra de arte, que ela nos proporciona fruição estética, mas a compreendemos de modo exterior: fruimos algo que está posto diante de nós, lemos o propriamente belo que está nesse algo porque ele é dito "obra de arte", segue os cânones exigidos. De qualquer modo, a fruição estética adere ao emocional e ao cognitivo. No sentido platônico, a fruição é menos restrita.

Na verdade, fruimos a partir do poder que temos de imaginar, *latu sensu*. Por isso, fruimos esteticamente também de certos saberes, pois apreendemos e criamos, por meio de imagens, os modos corretos de produzi-los. A fruição pode estar no próprio processo de criação. E não existe apenas a fruição estética, mas também a contemplativa, que não cabe aprofundar agora.

Ao colocar nosso olhar nessa perspectiva, podemos compreender que a ação de produzir, de trazer do não-ser para o ser (e é essa a definição de arte platônica), tem uma expressão epistemológica

comparativamente inferior à dimensão inteligível do saber filosófico. Por isso, a Filosofia não é uma *technê* como a poesia, apesar de não poder dispensá-la. Buscar o inteligível é conhecer as matemáticas e contemplar as idéias (livro VI da *República*). A fruição não é nesse caso estética, mas intelectual.

A POESIA E SEU TÉLOS² – A poesia intermedia a dimensão sensível e a inteligível, pois depende das sensações e do *lógos*: recebe-se *pathémata* e fica-se sabendo disso, o que implica o *lógos*. Diz Platão que a realidade física não é permanente: nada do que possamos dizer e pensar sobre ela será perene e certo, o que o leva a aceitar uma certa relatividade quanto ao conhecimento. De fato, o filósofo dirá que somos seres julgadores, sentenciamos de modo verdadeiro ou falso, emitimos *doxaí*, opiniões, julgamentos. E a *dóxa alethés*, a opinião verdadeira, é o julgamento a ser procurado, porque está mais próximo à verdade (conforme vários diálogos, principalmente *Teeteto* e *Sofista*, além da própria *República*). Por meio dele, a comunicação dos homens entre si, o ensinar e o aprender tornam-se melhores. Quanto à verdade, não é dita nem pensada de forma sentenciosa, mas contemplada pelo conhecimento noético, que não necessita de *lógos*, mas da "intuição intelectual". Essa interpretação, como se sabe, não é aceita sem restrições por todos os intérpretes.

A poesia é uma *dóxa*, é uma sentença articulada, pensada e produzida para ser comunicada. Apresenta-se misturada com a imaginação. Como todas as *doxaí*, ou seja, todos os julgamentos ou opiniões em que estamos mergulhados, ela é fundamental para o homem que, por natureza, vive entre as afecções sensíveis. Contudo, não cabe ao poeta indagar sobre o critério de verdade de seus *lógoi*. Ao filósofo, sim: cabe-lhe não só buscar o critério de verdade do que é pensado e dito, como os seus fundamentos e fins últimos.

Assim sendo, a poesia é uma produção que tem como solo a "semelhança" (*homoiôsis*). Ao fabricar *lógoi*, o poeta tem





modelos emotivo-cognitivos, que passarão de certo modo à linguagem. A poesia, portanto, jamais será verdadeira, pois o assemelhado não é o mesmo que o seu modelo. Tal colocação, como se sabe, é válida para todas as artes. Se voltarmos, então, a pensar na construção da cidade justa, de uma coisa já sabemos: do ponto de vista ontológico, e também do epistemológico, os poetas que nela deverão viver precisam ser vigiados em relação aos seus modelos – assim como todos os outros cidadãos, praticantes de *technai* ou não –, para que adaptem a sua criação aos fins da justiça, uma vez que nenhuma atividade técnica está comprometida com seus próprios princípios e fins.

O poeta não se preocupa em pensar a justiça, e a ausência de reflexão sobre a própria ação o leva a dizer falsidades sem qualquer pejo. Sim, podem fazê-lo e sempre o fizeram. No entanto, no exercício platônico de construção da cidade justa, há que censurá-los em nome desse *télos*. Se os poetas forem deixados entregues a si mesmos e à sua criação, ficarão descomprometidos da cidade como um todo. E, do mesmo modo, o padeiro, o sapateiro, o agricultor...

Não são, portanto, as falsidades ditas pelos poetas que preocupam Platão. Ele sabe que o homem transita entre erros e acertos, que não é divino e nem deve pretender sê-lo. O que preocupa o filósofo, em relação à poesia, são os valores que ela carrega em suas imagens e a sua capacidade de formação de matrizes pedagógicas na alma. E as matrizes são indelévels, pois o que é marcado primariamente não mais se apaga (377b).

O perigo da poesia sem vigilância é que sua artesanaria é capaz de emocionar. Como a música, ela se apossa da alma em movimentos não necessariamente harmônicos. Desarmonias não criam a boa e bela música. E os homens que se deixam desarmonizar pelas emoções imponderáveis comprometem o ânimo, isto é, perdem a medida que lhes é imposta, na qualidade de cidadãos participantes de um todo. Por isso, Platão dirá que justiça é *métron* (medida), e que a cidade justa deve

ser harmoniosa em suas partes, mantendo a boa medida para as singularidades e preservando a boa medida para a totalidade.

Como a música, os cidadãos são notas musicais de uma grande sinfonia. Se os corpos celestes dançam a mais bela e boa música, também os homens devem adotar esse modelo. Se o ritmo da poesia e a densidade dos *lógoi* poéticos estiverem em acordo, em comunhão com o todo, a poesia em si não representará nenhum problema. Mas os poetas querem produzir ilusões e falsidades, para criar fortes emoções sem conhecimento dos fins últimos. Assim, tanto criam o choro no guerreiro quanto na mulher: fazem acreditar, por meio de imagens carregadas de emoção, que o que está sendo dito é a verdade, quando de fato não o é. O poeta é um fingidor, sim.

Já podemos ver que o núcleo da crítica platônica aos poetas relaciona-se diretamente aos sofistas-retóricos, produtores da arte de bem-falar e calar no momento oportuno. Essa arte se desenvolve bem nas assembleias e tribunais. Para Platão, no entanto, ela nada tem a ver com a busca da justiça. Tudo indica que a morte de Sócrates está sempre presente na forte crítica que o filósofo faz à sua época.

Se de um lado a poesia deve ser vigiada, censurada mas não erradicada – pois contém alguma verdade –, precisa ser direcionada para a tônica do conjunto político, como todos os demais subconjuntos. A cesura não deve incidir apenas sobre os poetas. Parece que Platão quer dizer que uma cidade justa não se edifica sem a perda de parte da singularidade em nome da *philia*, da amizade. Não existe *pólis* sem que cada um mantenha o que lhe cabe de singular – suas peculiaridades de corpo e alma – e equilibre as paixões que possam ameaçar o geral.

A VIOLÊNCIA DA POESIA – O que significa ter o poder de criar algo, de fazer arte? Criar é, de algum modo, violentar. Quando o sapateiro corta o couro, quando o padeiro amassa o trigo, ou quando os poetas obrigam as palavras a um certo ritmo e harmonia, há uma violência. A *technê* é

a violência necessária à sobrevivência humana. O mito de Prometeu é um bom exemplo. Os homens são fortes porque Prometeu roubou o fogo de Zeus e ensinou-lhes a técnica, mas são fracos porque precisaram, para sobreviver, dessa transgressão divina. *Physis-technê*, natureza-técnica, é um par que às vezes se separa, às vezes não. Separa-se porque a *physis* grega não é claramente pensada como instância produtiva, como trabalho de fabricação, modelo técnico por excelência. Une-se esse par porque é sobre a *physis* que o homem exerce a sua *technê*. Portanto, existe nela algo que se dá a produzir.

É exatamente nesse segundo aspecto que devemos pensar, mais profundamente, a crítica de Platão aos poetas e seu cuidado em explicitar o terceiro estamento da Politéia justa. Se o técnico não estiver em consonância com a Justiça, a violência de sua produção deixa de se comprometer com a *philia* e, mais ainda, com o ser da *physis*. Desse modo, há um conjunto de noções entrelaçadas nessa reflexão platônica: natureza, inteligência, técnica, justiça, amizade (*physis, noêsis, technê, dikê, philia*). Se os poetas não forem censurados, ficarão fora dessa rede. Ou, dito em outras palavras, se o poder de imaginar e pensar humanos, posto em palavras e coisas, não se adequar aos fins últimos, estará privilegiada a produção técnica e seu saber, em detrimento das outras noções.

As idéias platônicas são profundas e inspiraram a modernidade. Voltando aos antigos gregos, Martin Heidegger elaborou uma belíssima reflexão sobre a metafísica, na qual aproxima o saber do ser, o saber da técnica e a *dikê* (Justiça), em pelo menos três textos: *Introdução à Metafísica*, *Parmênides* e *A questão da técnica*. Nessa reflexão – e resumo aqui alguns pontos – ele considera que se de um lado o inteligir e a técnica de algum modo se unem (na medida em que nada se cria sem inteligência), de outra parte Ser e Justiça fundam a ontologia grega, na medida em que o homem e o cosmo são medidas da *dikê*.

Há, portanto, uma ordem apanhada pelo *lógos* humano, pelo pensar/dizer/

fazer. A técnica como fazer criativo não deve avançar paralelamente ao par Ser/Justiça, mas entrar nele, para que o produzido tenha o necessário ajuste, o bom ajuste, a boa e bela medida, se quisermos usar a linguagem platônica. O inteligir é uma forma de obter algo do ser. Logo, o saber é uma abertura, como diz Heidegger em *Introdução à Metafísica*: consiste em conseguir que o Ser se mostre, com Justiça, nos seres.

Pensando modernamente na técnica, Heidegger estende o seu estudo às quatro causas aristotélicas, demonstrando que o fazer produtivo, se compreendido apenas no sentido de violência, quebra essa concordância entre ser, pensar e justiça. Mas, ao mesmo tempo em que apanha algo essencial dos antigos filósofos gregos, compreende a *physis* somente

Frans Krajcberg (s/título)



como *poiêsis*, como instância criadora de seres, produtiva, técnica, o que o afasta de certo modo dos gregos e dá sentido de época ao seu texto.

Ora, parte do que Heidegger aponta é o mesmo problema desenvolvido por Platão em relação aos técnicos, na sua *Politéia* justa: sendo a técnica um criar – do não-ser ao ser –, sendo ela uma interferência na natureza, e sendo o homem o ser que interfere, é preciso manter em evidência que aquilo que se produz é retirado do Ser e a ele deve aderir. Essa é uma afirmação muito grega, mas nada moderna.

Para um grego antigo, o cosmo é *dikê*, é Justiça, então é belo e tem boa medida, mas o homem pode quebrá-la. Ser, saber e produzir devem assentar-se no Justo. Se assim não for, a *technê* se desmembra do Ser e da Justiça, permanecendo na esfera da violência que lhe cabe desde o início. E esse modo de agir humano interfere no Ser nem sempre de forma concordante.

Em função dessa afirmação, podemos concluir que a censura aos poetas, na *República*, não é um assunto rápido. Na verdade, por meio dela, Platão expõe algumas das suas reflexões sobre o saber, a verdade, o *lógos* e a técnica propriamente, e as desenvolve em vários de seus diálogos. Como filósofo, terá de compreender o que é a Filosofia e o que ela pode comportar de *technê*, ou seja, de violência e/ou de Justiça ao Ser. Afinal, a filosofia é amor ao saber, é um *lógos* que pensa a si mesmo.

Desse modo, a pergunta a ser feita é: até onde tal estado amoroso, que é a filosofia, pode e deve envolver uma *technê*, e até onde o *lógos* se deixa plasmar pela violência dessa *technê*? Platão foi poeta e

filósofo. Sabia perfeitamente que o homem precisa da poesia, que ela é capaz de dizer coisas das quais o *lógos* filosófico é incapaz. Mas sabia também que os poetas se deixam atrair pela plasticidade do *lógos*, e que este, deixando-se plasmar pelo técnico competente, provoca emoções pela infinidade de imagens que carrega, bem dispostas em palavras cuidadosamente articuladas.

É esse também o solo dos “pseudo” retóricos, dos meros produtores de *lógoi*, vale dizer, detentores do processo técnico sem a devida reflexão sobre o produto. Segundo Sócrates, no *Fedro*, os *lógoi* desses falsos retóricos emocionam e informam, dando aos homens a possibilidade de repetir o que ouviram. Mas repetir não é saber. Platão é um filósofo amoroso, quer ensinar, formar, e não informar. Para ele, a verdadeira retórica aconchega-se na Dialética, parte da filosofia que, na qualidade de amor ao saber, funda-se necessariamente nos laços da amizade.

À poesia caberia, então, adequar-se ao mesmo *télos*, em relação ao seu produto. Sendo *technê*, e cabendo-lhe a violência, tem o filósofo-demiurgo que censurá-la em seus fins – apesar de também ele, filósofo, exercer uma forma de violência quando fabrica essa demiurgia específica: construir a cidade justa. ▲

NOTAS

Este artigo corresponde à edição de uma palestra proferida pela autora na Semana de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em novembro de 1997.

1. A expressão *lógos* é de difícil tradução. Significa “razão”, “pensamento”, “discurso”.
2. *Télos* significa fim, no sentido de fim último, ao contrário de *scopós*, que quer dizer fim imediato.



PAINEL

A ciência da felicidade

A revista *The Futurist*, da World Future Society (setembro/outubro, 1997) apresenta dois artigos que tratam do que hoje vem sendo chamado de "ciência da felicidade". Um deles, dos psicólogos David Myers (Departamento de Psicologia, Hope College, Holland, Michigan, EUA) e Ed Diener (professor de Psicologia da Universidade de Illinois, Champaign, Illinois), apresenta dados de pesquisa que será aqui examinado.

Um dos achados mais interessantes do artigo de Myers e Diener revela que, mesmo durante os altos e baixos da vida, a capacidade que algumas pessoas têm para a felicidade e a alegria de viver não se altera. Esses indivíduos têm, bem desenvolvidos, quatro traços básicos de personalidade: auto-estima, autocontrole, otimismo e tendência à extroversão.

As pessoas com boa auto-estima são particularmente felizes, principalmente quando a característica é associada à criatividade. Um bom autocontrole leva os indivíduos a serem menos desesperançados, o que faz com que produzam mais no trabalho e lidem melhor com o estresse. Ao contrário do que muitos pensam, o otimismo revelou-se importante para a felicidade e a boa saúde. As pessoas felizes tendem a ser extrovertidas. A pretensa serenidade e atitude contemplativa dos introvertidos não se mostrou importante para uma vida feliz. Os extrovertidos se mostraram mais felizes, vivendo sozinhos ou com outros, no campo ou na cidade. Isso mostra o acerto da teoria do determinismo estrutural, de Humberto Maturana, que diz que o mundo é como cada um de nós o vê, e o modo como nos sentimos depende do que vemos. Por fim, os estudos demonstraram que pessoas com uma auto-imagem satisfatória são mais felizes.

O trabalho permitiu concluir também que, como era de esperar, a extrema riqueza associa-se à competitividade e à ansiedade por mais riqueza, não necessariamente à felicidade. A relação entre a pobreza extrema e uma vida feliz é inversa: é a mesma que ocorre em situações de confinamento por motivos de velhice, doença e, em especial, na vida sob regimes ditatoriais.

Por fim, as pesquisas revelaram que a propensão das pessoas para a felicidade obedece à constituição genética de cada um. Em outras palavras, nem sempre basta querer ser feliz: é preciso estar estruturado para isso. Pelo menos 50% de nossa capacidade para uma vida feliz é herdada. Relacionamentos estressantes, principalmente quando íntimos, levam à infelicidade. No entanto, as pessoas com capacidade de ter relações estreitas bem-sucedidas são mais saudáveis, menos susceptíveis à morte prematura e mais felizes.

A felicidade foi estudada de modo comparativo em vários países, em termos do número de anos felizes de vida. Os resultados mostraram que a Finlândia está em primeiro lugar, com 62,0 anos, e que a Rússia está em 12º e última classificação, com 34,5 anos. O Brasil está em 9º lugar (42,9 anos), atrás da China, Israel, Japão, EUA, Austrália, Suíça e Suécia.

Referência: Myers, David, Diener, Ed. *The science of happiness. The Futurist*, setembro/outubro, 1997 (relatório especial).

Endereço para contato:
David Myers: myers@hope.edu.
Ed Diener: eddiener@s.psych.uiuc.edu

SINAIS DE POESIA

FÁBIO LUCAS

Entre o apolíneo e o dionisíaco, o coração dos poetas continua inconformista

Desde a mais longínqua antigüidade, procurou-se localizar a poesia fora do texto poético, ou do que se convencionou chamar como tal. O fator poético estaria enformado não somente no seu consagrado suporte, nos cantos, nas estâncias, nos versos, mas também disfarçadamente nos textos em prosa.

Nos tempos modernos (falamos da tradição ocidental), com a abertura das formas rígidas a partir do Romantismo, tivemos a consolidação dos poemas-em-prosa. Primeiro, com *Gaspar de la Nuit* (1842) de Aloysius Bertrand (1807-1841), de considerável influência nas *Canções sem Metro* (1900) de Raul Pompéia (1863-1895). Depois, durante a reinação simbolista, na esteira de Baudelaire (*Petits Poèmes en Prose*, 1869) e de Rimbaud (*Illuminations*, 1886).

Subsistem ainda, após a Modernidade, dúvidas acerca da quiddidade específica do objeto poético. E velhas questões e antinomias se restauram de tempos em tempos, desde a reflexão do poema como produto de um estado de posse ou de loucura, em que o poeta compõe em pleno descontrole, sob o jugo da irracionalidade, até o conceito oposto, do poema como produto do fazer, isto é, da capacidade artesanal, da habilidade adquirida e do perfeito domínio técnico, cujo militante mais expressivo pode ser encontrado em Edgar Allan Poe (1809-1849), segundo idéias manifestadas em *The Philosophy of Composition*.

O POÉTICO E O VERDADEIRO – Keats definiu a poesia como “calor santo”. Wordsworth a denominou “um

peso confuso”. Para Bremond, não passa de um peso da imortalidade sobre o coração. Na famosa exegese de *The Raven*, de Poe, está escrito: “É meu propósito deixar claro que sequer um pormenor desse poema pode ser atribuído a um acidente ou à intuição e que o poema, trabalhado detalhe por detalhe, chegou a seu término com a precisão e a rígida conseqüência de um problema matemático”.

Mallarmé, dentro do mesmo espírito, saiu à procura de uma linguagem essencialmente expressiva, isenta de qualquer intenção designante. Seria a busca das “verdades gerais” de Aristóteles, expressão da essência das coisas, em oposição aos “fatos particulares”, contingência das coisas. Valéry, igualmente, queria uma poesia liberta de qualquer “assunto”, pois, no seu dizer, “... as moradas da mais alta serenidade estão necessariamente desertas”.

Enquanto isso, o século XX assistiu à mais insistente procura da metalinguagem. Surgiram os “poetas da poesia” em profusão. Para quem apetece colecionar artes poéticas, as literaturas contemporâneas oferecem incontáveis exemplos. Donald Schüler chegou a analisar a “imperfeição” das artes juradas pelos poetas, no seu valioso ensaio *A Palavra Imperfeita*.

Heidegger chamou Hölderlin de “o poeta do poeta”, pois este pôs todo o seu esforço em alcançar uma poesia da poesia. Quis fazer da Poética o próprio fundamento da poesia. Nas palavras de Novalis, a poesia se confunde com a verdade: “A poesia é o autêntico real absoluto. Isto é o cerne da minha filosofia. Quanto mais poético mais verdadeiro”.

RAZÃO E EMOÇÃO – O poeta é o homem em extrema tensão perante as circunstâncias, um articulador de totalidades. Sua arte é a de descobrir e expressar o ritmo vital. O filósofo, inversamente, persegue a unidade, contrapõe o estático, que procura a heterogeneidade dinâmica dos seres, objeto das sínteses poéticas. Conforme assinala José Antonio Portuondo, “o filósofo pretende dominar o heterogêneo e o dinâmico, reduzindo-os a leis e conceitos imutáveis, estáticos.(...) O poeta, diferentemente, não quer outra coisa a não ser *expressar*, com a palavra, as raízes estáticas, a essência dinâmica, o ritmo vital que alenta e impulsiona todo o existente.”¹

Propomo-nos agora discorrer acerca de duas manifestações de poetas mineiros: uma crônica de Paulo Mendes Campos e uma entrevista de Affonso Ávila. O primeiro propõe a sua arte poética no texto de *O Anjo Bêbado*. O título diz quase tudo. A crônica vem a ser a reivindicação do estado de embriaguez como o da realização mais próxima do estado poético.²

Assim como Freud alçou à descoberta do inconsciente após o estágio probatório das experiências com as drogas, Paulo Mendes Campos faz a apologia dos poetas boêmios, pois nessa condição desvendaram os arcanos da verdadeira poesia. Conforme explica, “um poeta boêmio não é forçosamente o que se chama um homem boêmio; o mais das vezes, no entanto, essas duas faculdades do inconformismo se encontram juntas nesses tipos fabulosos, esses poetas que recriam uma linguagem, mais próximos do tipo popular que do literato”.³

Para reforçar seu argumento, Campos evoca, com palavras acesas, os exemplos de Homero, Catulo (em oposição a Horácio), S. Francisco de Assis, Omar Kháyyam, o chinês Li-Po, Puchkin, Villon, Verlaine, Rimbaud, Camões, Robert Burns, Gunther, Whitman e Evtuchenko, naquilo que eles tinham em comum: serem vagabundos, boêmios ou homens livres.

Qual o foco da argumentação de Campos? Vejamos, está no início da crônica:

Meu caro Luís: a poesia, como tudo o mais neste mundo, pára a rotina que acabará por torná-la ineficaz. Que é a decadência de todo ser vivo senão a rotina? Perdida a exuberância criadora das células, entorpecida a função dos órgãos, um organismo é uma assembléia acadêmica: os rins estão lá, os

pulmões estão lá, o coração continua batendo, mas tudo na função rotineira que os corrompe dia a dia.

O mesmo acontece com a poesia de cada povo, em cada época. Começa pela vitalidade e acaba pelo enrijecimento; parte da espontaneidade infantil e acaba se cristalizando em formas, fôrmas e fórmulas.

Há bons poetas sérios em todas as literaturas, mas dá-se o seguinte: o poeta sério significa que uma espécie de poesia foi afinal aprendida, que um certo conjunto de leis e truques poéticos foi descoberto, racionalizado, ocasionando a fatalidade do aparecimento de muitos alunos-de-poesia que passam por poetas, determinando ainda a fundação de um gosto oficial. Aí a poesia de um povo se faz acadêmica e vira letra morta. Quem poderá salvá-la?

Um vagabundo. Um poeta que não seja sério. Uma poesia nacional atingida por qualquer modalidade de formalismo só pode ser salva por um boêmio, um lírico, um desrespeitador da ordem, um criador de ouvido sincronizado à invenção popular e indiferente à lição dos mestres.⁴

Bela formulação, mas quanta emocionalidade! Tanta particularização nos priva da universalidade do fenômeno. E. Sitwell, seguindo certa vez uma insinuação encontrada em Nietzsche, chegou a propor fosse a poesia “uma animalização de Deus”. Nessa constelação se encontraria, rutilante, o anjo bêbado.

Já Affonso Ávila, em entrevista ao *Jornal do Brasil*⁵, pontua seu pensamento no pólo oposto ao de Paulo Mendes Campos. Depõe: “Não sou um poeta que cultiva a inspiração. A inspiração é mais um estado de espírito conseqüente a uma série de reflexões, de sentimentos, de experiências. Não me julgo um poeta inspirado. Sou um poeta mais construtivo. Trabalho mais com a palavra pensada do que com uma palavra sentida”.

Depois de lembrar que sua poesia se desdobra “numa linha bem construtivista”, reflete: “Talvez, no fundo, a poesia seja, como eu mesmo chamo um dos poemas de meu próximo livro, a lógica do erro”. E positiva a sua concepção, no jogo opositivo poesia/prosa: “A prosa é, normalmente, um discurso lógico. A poesia é um discurso com seqüência sintomática definida. Bem, todos os dois são discursos. Um é discurso mais objetivo e o verso é um discurso mais

subjetivo. O poeta é um criador de linguagem. E ele, ao criar, acrescenta alguma coisa. Eu já disse em texto que o poeta acrescenta realidades à realidade”.

Para sentir o grau de reflexão do poeta Affonso Ávila, vejamos o seu conceito de tempo: “Não acredito que o tempo seja uma invenção da memória. Há um tempo interior, que mistura passado, presente e futuro. Então esse tempo interior, de que fala Bergson, é um tempo fora da cronologia. Há o tempo cronológico, o tempo histórico, o tempo de hoje. Mas o tempo é imponderável. O tempo não é só de um homem, o tempo é de uma memória coletiva. Sou apenas presença, um elo nessa memória que vem de longe. A vida é infinita”.

O LUGAR DO INCONFORMISMO – O primeiro artigo que escrevemos sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto intitulava-se *Estética de Descartes*, e foi publicado em 1967. Em 1990, traduzimos *Introdução ao Método de Paul Valéry*, de André Maurois (Campinas, Pontes, 1990), para o qual escrevemos a introdução intitulada *Valéry e a Poesia como Festa da Inteligência*. Vê-se, portanto, que manifestamos uma continuidade de estudo da poesia que se aproxima das idéias expostas por Affonso Ávila.

Fica-nos um sabor de aporia, ao compararmos a apologética de Paulo Mendes Campos aos poetas boêmios ao rigor construtivista de Affonso Ávila em

relação à fabricação do poema, o seu tanto descomprometido com o aparato ideológico/emocional, fonte, para muitos, da própria inspiração. Por sua vez, Ávila puxa outra aporia quando, cultor da tradição moderna da montagem poética à luz da razão, se tornou, entre nós, um dos mais autorizados estudiosos e rejuvenescedores do barroco, escola das vozes aladas.

Tudo isso prova à abundância que o reino da poesia é um campo infinito. Tanto que se apresenta ao leitor, desde remotas eras, como o território da polissemia (múltipla significação) e da multivocidade (diversidade de enunciados). Seu símbolo mais rico é o da metamorfose. Íamos dizer que o inimigo mais radical da palavra poética é o conceito. Mas aí desprezariamos o forte desempenho das máximas, que povoam as mais apuradas antologias dos grandes poetas e toda a escalada da gnômica.

A palavra-chave que une a experiência tão controvertida dos dois poetas mineiros encontra-se na crônica *O Anjo Bêbado*: inconformismo. ▲

NOTAS

1. *Concepto de la Poesia*, El Colegio de México, 1945, págs. 152-153.
2. Cf. Paulo Mendes Campos, *O Anjo Bêbado*, Rio, Sabiá, 1969, págs. 204-207.
3. *Id. ibid.*, pág. 205.
4. *Id. ibid.*, págs. 204-205.
5. Affonso Ávila, *Jornal do Brasil*, Suplemento *Idéias*, nº 509, de 29.06.96.

FLASHES: ATURDIMENTO. A FICÇÃO DE EVANDRO AFFONSO FERREIRA

GUILHERME RESSTOM

O *flash*, como sabemos, é um recurso de que se vale a fotografia para iluminar um ambiente onde a luz natural não é suficiente. Todo mundo conhece o incômodo, tão intenso quanto fugaz, que o claro produz em nossas retinas; pois essa é a mesma sensação que transparece da leitura dos minicontos de Evandro Ferreira. O escritor parece nos atirar, em poucas linhas, num turbilhão em que seguimos desfocados até o fim, quando então “emergimos” do seu universo ficcional.

E de que trata esse universo? São retratos, instantâneos (sempre a idéia recorrente de um momento que se esvai) de gente humilde, brasileiros desarraigados e sem qualificação profissional, que têm de se arrumar com as sobras do mercado de trabalho. Mas nada de populismo: aqui não há chance para a comisseração ou para a consciência pesada de nossas letras de chumbo; pelo contrário, o resultado é quase sempre o grotesco e o patético da condição humana, sem classe alguma.

Tomemos o primeiro conto, *Vertigens*, como exemplo: um sujeito desarvorado se lamenta para outro (que vamos descobrir, pela forma com que é tratado, ser um médico) do seu ofício de camelô que trabalha em pernas-de-pau num viaduto, trabalho com o qual, afinal, já se acostumara. Num rápido esboço, e com grande força de expressão, apenas pelo desabafo do narrador, “... no meio daquele ingrazéu todo, ih, doutor, não me diga, que notícia péssima, ...” podemos nos dar conta do virtuosismo do escritor, de seu léxico particular, das interjeições que cadenciam seu texto único: o desamparo insólito é entregue inteiro ao leitor. O arremate é a impossibilidade de continuar ganhando a vida com seu “instrumento de trabalho”, por causa de uma labirintite... Pela lacuna da fala do médico (que não interessa), o narrador-personagem vai desvelando o seu desencanto que, antes de ressentido, se faz desenxabido.

Em *Fragrância*, novamente temos um “diálogo”, em que o protagonista vai contando ao seu interlo-

cutor de como tem de correr e do que precisa para evitar os percalços da profissão. Mas isso é o que menos importa. Na verdade, trata-se de um desabafo vexado, com o qual o narrador habilmente nos ilude: um lixeiro fora a um encontro com uma eventual candidata a namorada e tenta justificar seu mau-cheiro: “não arranjei tempo nem pra uma chuvaizada, puh, você tem razão, ficou pior a emenda do que o soneto”. A frustração, outra vez, dá o tom.

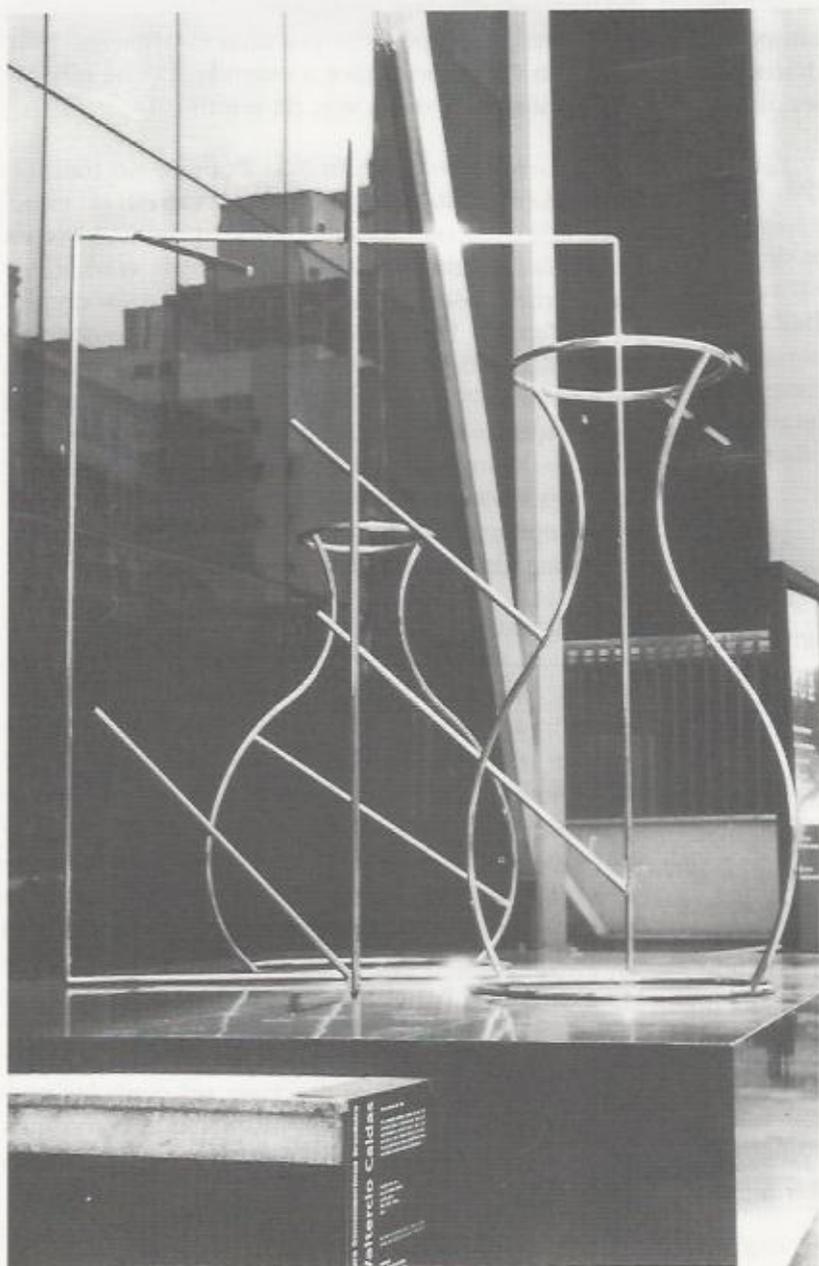
Fica evidente a maestria de Evandro no trato do fluxo de consciência, com o belo *O vaivém do trapezista*. Cuida de um artista de circo aposentado (e da mais difícil e emocionante arte circense, o trapézio) que recorda, com rancor e nostalgia, os anos de glória da “ativa”. Desvalido, provavelmente esquecido num asilo, podemos quase que ver um esgar travado em sua face: “... velho como a sé de Braga, minha única façanha é embalar certas lembranças nesta cadeira de balanço que só sai daqui da varanda em dia de temporal/ventania, essas coisas”. Pungente, a pequena epifania se fecha com o singelo aposto que, em duas palavras, diz tudo: “essas coisas”.

Da prosa epigramática do autor, afeita a um Trevisan, a um Carver, a um Monterroso, muito mais se poderia falar: de economia de meios com que interpela e traga o leitor para as suas historietas de gente – quase sempre velhos e/ou incapazes de se haver com a vida – que não queremos mais ver na miséria deste país de miseráveis; da sintaxe peculiar, com suas onomatopéias, singularíssimos adjetivos e neologismos (experimente o leitor tirar uma só palavra, para ver como desmorona todo um conto), estamos junto a um dos raros cultores nacionais do *mot juste* flaubertiano!). Mas a imagem mais forte que me resta, e que gostaria de partilhar com o leitor, é a do aturdimiento, da necessidade urgente de pequenas coisas e vidas insignificantes que precisam ser contadas porque são o rio de tudo; mini-*flashes*, que como quis Joyce e ratificou Clarice, estão mais perto do coração selvagem da vida.

FLASHES ATÉ O MOMENTO.

A FICÇÃO DE EVANDRO ANTUNES E RIBEIRO

TRÊS MINICONTOS



Waltercio Caldas (Espelho sem aço)

VERTIGEM

Profissão funambulesca, sim, senhor, doutor, concordo, e um pouco perigosa também, mas já perdi o medo de caminhar por assim dizer desnivelado dos demais transeuntes do viaduto onde trabalho há vinte anos; sim, muitos são os dias em que a rouquidão é tanta que a voz do espingolado aqui quase que não sai do outro lado do megafone; desculpe, doutor, não ouvi direito, também, depois de tantos anos no meio daquela ingrazeu todo, ih, doutor, não me diga, que notícia péssima, pendurar as chuteiras, digo, as pernas de pau logo agora, puh, tanta doença no mundo... labirintite... poxa...

O VAIVÉM DO TRAPEZISTA

Trabalhei 20 e tantos anos fazendo piruetas no ar, correndo risco de vida, o sucesso pleno dum salto dependia também das mãos firmes, frias de quem me esperava pendurado de cabeça pra baixo do lado oposto, vida emocionante, não nego, apesar de nunca ter cometido a loucura/suicídio de praticar o salto triplo sem nada embaixo, trabalhei nisso um bocadinho de tempo, hoje, não, escamurengado, velho como a sé de Braga, minha única façanha é embalar certas lembranças nesta cadeira de balanço que só sai daqui da varanda em dia de temporal/ventania, essas coisas.

FRAGRÂNCIA

Sim, você tem razão, é preciso muito preparo físico, se a gente não for atleta não consegue de jeito nenhum correr e jogar ao mesmo tempo saco plástico atafalhado de lixo em cima do caminhão em movimento; sim, você tem razão, estoura, semana passada um saco xendengue, catrapus!, estourou na cabeça dum colega; sim, você tem razão, exagerei na seiva de alfazema, perdão, mas fiquei com medo de chegar atrasado justamente neste nosso primeiro encontro, não arranjei tempo nem pra uma chuveirada, puh, você tem razão, ficou pior a emenda do que o soneto.

Evandro Affonso Ferreira

EVANDRO AFFONSO FERREIRA é publicitário e escritor. Seu primeiro livro de contos (que inclui os trabalhos acima) se chama *Catrâmbias!*, será publicado pela editora Topbooks e estará nas livrarias ainda neste primeiro trimestre.

GUILHERME RESSTOM é crítico literário.

EPIFANIAS

GEORGE BARCAT

Observem o homem...

[Sempre ocupado, mesmo enquanto dorme. Sonhar; relaxar; procurar a profundidade para esquecer/recordar, compreender ou criar; curtir ou curar as dores da alma. Dormir também é um fazer.

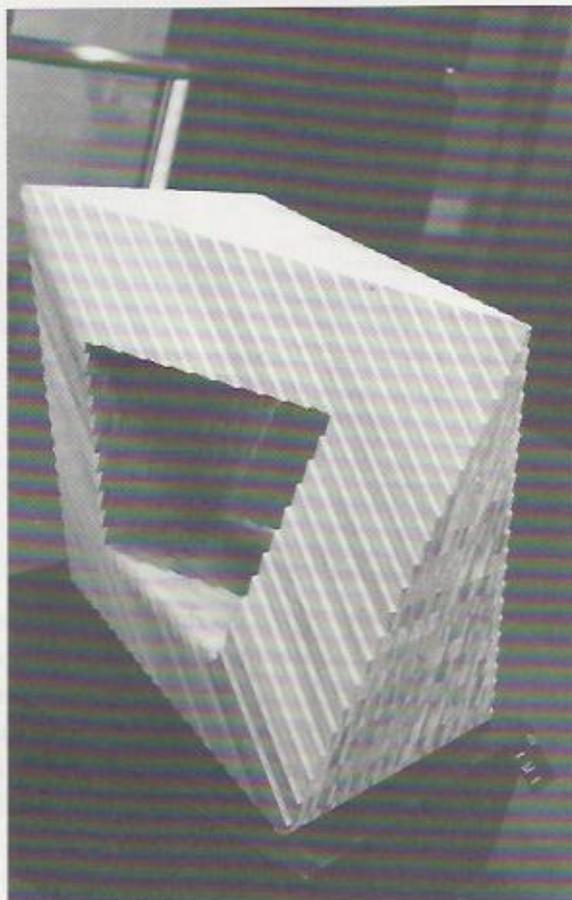
Fazer, dar existência a algo, é esculpir no tempo as formas da matéria, a vida das palavras e lembranças, o calor dos gestos e relações, o sabor do silêncio. O mármore dessas esculturas vem de um lugar muito perto daqui: o *infinito*.

Uma das forças da alma, o infinito desoculta o remédio escondido na planta; a pedagogia imersa nas crianças; a energia elétrica, na queda d'água; o vidro, na areia; os poemas, na lua, na cidade e nas rugas solares do camponês; o círculo, no espaço; a amizade oculta na paixão... A energia que faz do infinito a força da criação é a beleza.

Outras forças da alma são o corpo, a imaginação e a paciência, a memória e a perseverança, a razão, os desejos e os sentimentos, a civilização, as dimensões do espaço e do cotidiano.

Mas o pensamento não é uma força; é a mistura sempre nova delas todas e da qual surge nada menos do que a vontade. Fazer é pensar. Decidir é desocultar.]

... e vocês verão mortos-vivos, se o infinito não estiver entre as suas mãos.



Ascânio MMM (s/título)



ANTOLOGIA DO ÊXTASE

Pierre Weil

Nesta obra, o autor reúne testemunhos de várias épocas, mostrando como é possível, em plena era tecnológica, alcançar a experiência mística e espiritual.

HOLÍSTICA - UMA NOVA VISÃO E ABORDAGEM DO REAL

Pierre Weil

Com grande habilidade, o autor vai mostrando possíveis rotas para reencontrar a totalidade e a unidade inerentes ao macro e ao microcosmos.



A ACEITAÇÃO DE SI MESMO E AS IDADES DA VIDA

Romano Guardini

Este livro é duplo. Na primeira parte, o autor fala do conhecimento e da auto-aceitação. No segundo, trata do processo de envelhecimento e mostra caminhos para a plena experiência da terceira idade.

MENTE ZEN, MENTE DE PRINCIPIANTE

Shunryu Suzuki

Única obra do mestre Suzuki, singular e extraordinária pela simplicidade e beleza, reúne os ensinamentos mais importantes do Zen.



MINHA TERRA E MEU POVO

Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama

Este livro autobiográfico, escrito nos primeiros anos de exílio de Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama, relata a primeira fase da dominação chinesa, ao mesmo tempo que descreve a natureza, religião e os costumes singulares do Tibete.

SAN JUAN DE LA CRUZ, O POETA DE DEUS

Frei Patrício Sciadini, OCD

Considerado um clássico da literatura espanhola, os poemas de São João da Cruz despertam valores que resgatam nossa autoconfiança e possibilidades de libertação.



BUTOH - DANÇA VERDADES D'ALMA

Maura Baiocchi

O *butoh* é um universo de expressão em que forma e vida se entrelaçam num diálogo, às vezes silencioso. Dança que resgata a sensibilidade inata e original do ser humano, o *butoh* apregoa que na verdadeira dança tudo é Alma ou inspiração da Alma.

CO-EDIÇÕES

EDUSP-Editora da Universidade de São Paulo
e Editora Palas Athena

DIÁLOGOS DOS MORTOS

Luciano

Versão bilingüe grego/português

Tradução, introdução e notas:

Henrique G. Murachio



Esta é a primeira tradução completa dos *Diálogos dos mortos*, de Luciano de Samósata, diretamente do grego clássico, feita por um especialista e pesquisador de ampla experiência.

Editora da PUC-SP e Editora Palas Athena

HYPNOS

Nº 1 - *Do divino: imagens e conceitos*

Nº 2 - *Reflexões sobre a natureza*



Publicação do Centro de Estudos da Antiguidade Grega
- Departamento de Filosofia da PUC-SP
Coordenação da Profª Drª Rachel Gazolla de Andrade



TRANSDISCIPLINARIDADE

Ubiratan D'Ambrosio

O autor aborda, nesta obra, a transdisciplinaridade, cuja base é o reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar - como mais corretos ou verdadeiros - complexos de explicações e de convivência com a realidade.

LANÇAMENTO!



FORJADORES ESPIRITUAIS DA HISTÓRIA

Ignácio da Silva Telles

Num estilo poético, *Forjadores Espirituais da História* é uma coletânea da trajetória daqueles que catalizaram os mais altos anseios do ser humano. Moisés, Davi, Buda, Maomé e Jesus de Nazaré.

Literatura, religião,
astrologia,
futebol, infantis

Quem
lê
vai
lá.

livraria cultura
Quem lê vai lá

Av. Paulista, 2073 - Conj. Nacional CEP-01311-940 - São Paulo/SP
Fone: (011) 285 4033 - Fax: (011) 285 4457
Internet: <http://www.livcultura.com.br>
e-mail: livros@livcultura.com.br

*Estacionamento gratuito durante uma hora para compras acima de R\$ 25,00.